Antônio Carlos de Freitas
Anuska Kathalyne Figueirôa Alves
Daisy de Oliveira Correia
Gilmara Maria de Almeida
Maria Albanize da Silva
Mônica Maria de Oliveira
Paulo José de Santana
Simone Maria da Silva Santos
Valdiane Soares da Silva
Wellington Brito Barbosa

SERTA: Uma certa universidade Popular

A Proposta Educacional de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável – PEADS

Autores

Antonio Carlos de Freitas – Formação em Agente de Desenvolvimento da Arte e da Cultura - ADAC - Serviço de Tecnologia Alternativa - Serta; Bacharel em Administração Geral - Faculdade Escritor Osman da Costa Lins – FACOL. carlos@serta.org.br

Anuska Kathalyne Figueirôa Alves - Licenciatura em Pedagogia; Pós Graduação em Pedagogia, Gestão e planejamento e Psicopedagogia - Faculdade Escritor Osman da Costa Lins – FACOL**.** fig.alves@hotmail.com

Daisy de Oliveira Correia – Formação em Agente de Desenvolvimento Local – ADL – Serviço de Tecnologia Alternativa – Serta; Licenciatura Plena em Letras: Português, Inglês e suas respectivas Literaturas - Faculdades Integradas da Vitória de Santo Antão - FAINTVISA. daisyoliveira.acreditar@gmail.com

Gilmara Maria de Almeida - Formação em Agente de Desenvolvimento Local – ADL – Serviço de Tecnologia Alternativa – Serta; Licenciatura em Pedagogia e Pós Graduação em Processos Educacionais e Gestão de Pessoas **–** Faculdades Integradas da Vitória de Santo Antão - FAINTIVISA. gilmara98@hotmail.com**.**

Maria Albanize da Silva – Formação em Agente de Desenvolvimento da Arte e da Cultura - ADAC - Serviço de Tecnologia Alternativa - Serta; Graduação em Psicologia – Faculdades Integradas da Vitória de Santo Antão – FAINTVISA. alba.mariaalbanize@hotmail.com

Mônica Maria de Oliveira – Licenciatura Plena em Letras: Português, Inglês e suas respectivas Literaturas e Pós Graduação em Língua Portuguesa - Faculdades Integradas da Vitória de Santo Antão - FAINTVISA. monyolyver@hotmail.com

Paulo José de Santana – Formação em Agente de Desenvolvimento Local – ADL – Serviço de Tecnologia Alternativa – Serta; Bacharel em Ciências Econômicas - Faculdade de Ciências Humanas – ESUDA. **paulocidadao@yahoo.com.br**

Simone Maria da Silva Santos – Formação em Agente de Desenvolvimento Local – ADL – Serviço de Tecnologia Alternativa – Serta; Licenciatura em Estudos Sociais com habilitação em História; Pós Graduação em Ensino de História do Brasil – Faculdades Integradas da Vitória de Santo Antão - FAINTVISA. **simone-stos@hotmail.com**

Valdiane Soares da Silva - Formação em Agente de Desenvolvimento Local – ADL – Serviço de Tecnologia Alternativa – Serta; Licenciatura Plena em Letras: Português, Inglês e suas respectivas Literaturas; Pós Graduação em Leitura e Produção de Textos – Faculdades Integradas da Vitória de Santo Antão - FAINTVISA. **valdiane@serta.org.br**

Wellington Brito Barbosa – Graduação em Psicologia – Faculdades Integradas da Vitória de Santo Antão – FAINTVISA. **wellitntg.brito@rocketmail.com**

ORGANIZADORES;

Emmanuel Fernandes Falcão – Graduação em Ciências da Nutrição; Pós Graduação Nível de Especializado em Educação Popular e Movimentos Sociais - Universidade Federal da Paraíba - UFPB; Autor do Método para Mobilização Coletiva e Individual - Met-MOCI; Coordenação do Programa de Interdisciplinares de Ação Comunitária. **emmauel_falcao@yahoo.com.br**

Sônia de Almeida Pimenta – Graduação em Ciências Sociais – UFRJ; Professora do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba - UFPB; Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas – Unicap. **sopimenta1@gmail.com**

Prefácio

Abdalaziz de Moura Xavier de Moraes – Graduação em Filosofia - Seminário Regional do Nordeste Olinda/PE e Universidade Católica de Pernambuco – Unicap e em Teologia - Universidade Gregoriana de Roma; Pós Graduação – Universidade de Genebra - Suíça; Centro de Pesquisa de História das Religiões em Bolonha - Itália; Centro Tecnológico de Monterrey México. Autor da Proposta Educacional de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável – PEADS. Uma proposta que revoluciona o papel da Escola diante das Pessoas, da Sociedade e do Mundo; Sócio Fundador do Serviço de Tecnologia Alternativa - Serta.
moura@serta.org.br

Pernambuco
Setembro de 2010

Dedicatória

Aos jovens, aos agricultores/as familiares, aos professores/as e aos gestores/as por acreditarem no Serta. Pela disponibilidade e paciência partilhando sua trajetória de vida em longas horas de conversas.

Ao Sócio fundador do Serta, nosso mestre Abdalaziz de Moura Xavier de Moraes, pela criação da Proposta Educacional de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável – PEADS. Pelos ensinamentos, aprendizados, visão de futuro provocada em nós e pela formação de uma geração.

(Os autores)

Agradecimentos

A Universidade Federal da Paraíba – UFPB, pela disseminação dos nossos conhecimentos, conquistas e desafios. Pelos aprendizados oferecidos durante a extensão comunitária. Pelo reconhecimento que a UFPB tem do Serta como uma Universidade Popular da Agricultura Familiar.

Ao professor Emmanuel Falcão por ter assumido a Coordenação dessa pesquisa, por ter contribuído com a publicação do livro e incentivo ao Curso de Extensão Universitária.

Ao Serta por oferecer uma formação cidadã e familiar. Por mais de 20 anos a serviço do Desenvolvimento Sustentável e Respeito ao Meio Ambiente.

As nossas famílias pela confiança em nós depositada.

(Os autores)

Prefácio

Nas oportunidades que encontrava o colega Emmanuel Falcão da UFPB ele sempre me falava dessas observações que escreve nesse livro. Ele sempre estava observando mais adiante, mais alto, mais longe e mais profundo as questões que eu considerava como do meu dia-a-dia. O que eu via com naturalidade, simplicidade, conquistas pedagógicas que faziam parte do trabalho de educador ele sempre refletia como novidade, como descoberta, como algo que a Academia estava atrás e ainda não havia conseguido. Isso me levava a desconsiderar certos comentários seus como sonhos por demais acima da realidade, bondade pela admiração que ele revelava ter pelo trabalho do Serta e dos jovens. Mas que a realidade não era assim como ele expressava, era mais simples, menos pretensiosa, que ele não podia estar elevando tanto assim, sobretudo, em público!

O Serta nem sonhava ainda reconhecer a formação proporcionada aos jovens como curso técnico de nível médio de Agroecologia e Falcão já insistia que, pelos resultados que o Serta vinha conseguindo junto aos jovens já poderia se considerar como uma Universidade Popular. Ele poderia dizer isso porque a vida dele é dedicada à convivência com jovens universitários de todo o país, de tudo quanto é especialidade. Mas eu lhe perguntava:

- Falcão, o que danado você ver tanto nesses jovens e no Serta para dizer que somos Universidade Popular, que nosso currículo é de Universidade Popular? Nós não temos essa pretensão e nunca tivemos!

- Moura, e essas coisas que vocês ensinam a esses jovens! E esses resultados que vocês conseguem na vida pessoal deles! E esse compromisso que eles passam a ter depois que participam da formação do Serta! E esse domínio da comunicação que eles têm! E essas instituições que eles criaram e formaram! E esse Espírito que paira na Bacia do Goitá e se espalha pelo Estado, pelo Nordeste, pelo País! E esse engajamento que eles assumem com a cultura, com a realidade de suas comunidades e municípios! E essa visão de Meio Ambiente que os torna militantes

da criação de novas relações com a natureza! E esse protagonismo e empreendedorismo que eles assumem!

- Mas Falcão, para chegar a esse ponto, é muito pouco o que fizemos, muito pouco o que investimos, muito pouco o que ensinamos. Nosso curso é apenas de 18 meses, com um percentual de 70% de aulas presenciais.

- E então, Moura, o que é isso? Como você chama isso? Porque na Academia nós não conseguimos alcançar com os jovens o que vocês alcançam aqui! E olha que lá, nosso investimento é grande, o tempo de formação é três a quatro vezes maiores, os professores são muito mais habilitados, as condições muito mais favoráveis e tem todo o apoio dos governos.

- É isso então que você está chamando de Universidade Popular? Então, converse mais com os jovens, provoque um contato deles com professores da Universidade Federal da Paraíba. Quem sabe, a Academia possa legitimar mais, sistematizar essa vivência. Que tal iniciar por um trabalho de extensão desses que você coordena?

Esse livro é o resultado dessa provocação recíproca. Lendo o que esses jovens egressos dos cursos do Serta escreveram, eu não enxergo só o texto de um autor. Visualizo nas suas linhas e entrelinhas uma quantidade enorme de outros, além dos que chegaram a escrever para esse livro! Os autores não são exemplos raros de uma espécie, eles conseguiram a partir de suas próprias experiências transmitirem o que uma população maior vivenciou. Na medida em que fizeram esse esforço foram entendendo e comprovando o que Falcão tanto insistia em dizer, que o trabalho do Serta é de uma Universidade Popular. O leitor agora pode entrar nessa conversa e interagir com os autores.

Nesse mês de agosto, a mídia nacional noticiou impactos dos jovens na Bacia do Goitá, primeiro foi a série *Brasileiros* da Rede Globo de Televisão[1] que a cada quinta-feira de julho e agosto e agosto de 2010 à noite apresentou uma experiência bem sucedida de engajamento social, o último programa foi sobre a atuação dos

[1] Programa exibido no dia 12 de agosto de 2010, quinta-feira as 23h30.

jovens com os empreendedores da região através da entidade Acreditar – Capital Humano e Transformação Social[2], criada, gerida e desenvolvida por jovens egressos do curso. Em seguida, a revista Época noticiou em outra matéria os mesmos conteúdos[3] e a indicação ao Prêmio do Projeto Generosidade 2010 da mesma revista. A revista Carta Capital do dia 8 de setembro publicou uma matéria sobre outra entidade também criada e desenvolvida pelos jovens egressos dos cursos do Serta, o Grupo de Informática, Comunicação e Ação Local - Giral, e sobre o trabalho desse educador que prefacia esse livro. No dia 30 de Setembro de 2010 o Centro de Estudos e Pesquisas de Educação, Cultura e Ação Comunitária em São Paulo - CENPEC, apresentou o resultado de suas pesquisa sobre 16 experiências de Educação Integral no Brasil, das quais o Serta é uma dessas. Conteúdos para outras reportagens, para outros livros, outras pesquisas ainda existem muitos! A UFPB, agora publicando esse livro vem ampliar esse processo de legitimação e reconhecimento dessa Universidade Popular. Como um dos educadores desse processo, queria expressar os nossos agradecimentos à UFPB por essa iniciativa. Boa leitura!

Glória do Goitá, 18 de setembro de 2010

Abdalaziz de Moura

[2] Acreditar – Capital Humano e Transformação Social, OSCIP criada por jovens formados pelo Serta na Bacia do Goitá, que atua na área de Microcrédito.

[3] Revista Época, edição 642 de 06 de setembro de 2010.

Índice

Apresentação 12

Capítulo I: Conhecendo o Serta 15

1. As Origens 15
2. O Contexto Externo 17
3. O papel da Escola 18
4. O caminho para o Reconhecimento 20
5. A participação dos jovens 21

Capítulo II: Um olhar sobre o SERTA 24

1. Como Tudo Começou 24
2. Novas Conversas e Ações 26
3. Serta: Uma Certa Universidade Popular 29

Capítulo III: Nossa história de vida 35

1. Uma oportunidade que mudou a minha vida. 35
2. Não imagino o que eu poderia ser, sem essa oportunidade... 39
3. Primeiro passo de minha transformação humana 42
4. Quando conheci o SERTA percebi que era essa oportunidade que faltava... 45
5. Ah, se eu o houvesse conhecido antes! 48
6. As histórias serão outras... 51
7. Nada acontece por acaso... Tudo tem uma finalidade. 55
8. Minha história... 57

10 - Mergulhei... 62

Capítulo IV: Metodologia 67

Capítulo V: Análise dos dados gráficos e tabelas. Índice Político, Social, Econômico, Ambiental, Cultural das pessoas 70

1. Evidências do Protagonismo Juvenil 70
2. Indicadores Sociais 72

3. As Contribuições da Proposta Educacional de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável para Formação de Educadores do Campo. 80

3.1 A Peads e as Possibilidades de Mudança para os Processos Formativos de Educação do Campo 81

3.2 Mapeamento dos Municípios Participantes da Formação de Educadores na Metodologia para o Desenvolvimento Sustentável 85

4. O Desenvolvimento Sustentável só é Possível com o Desenvolvimento das Pessoas. 87

5. O SONHO DO ENSINO SUPERIOR: O Projeto que Mudou a Vida de Jovens do Território da Bacia do Goitá 97

6. O Cenário da Agricultura Familiar e as Mudanças Provocadas pelo SERTA na Bacia do Goitá 104

Referencia Bibliografia 127

Anexo.1:Questionário de Pesquisa do Grupo de Extensão Popular Comunitária SERTA/UFPB 130

Anexo.2: Sistematização das Pesquisas. 133

Pós-fácil e revisão geral (Professora Drª Sônia Pimenta) 145

Apresentação

Estes escritos produzidos a várias mãos e cabeças tratam de uma série de encontros e verdades que ocorreram nas vidas de jovens, professores/as e técnicos/as que nos últimos dez anos conviveram com a instituição Serviço de Tecnologia Alternativa - Serta. Num primeiro momento fala das histórias de vidas dessas pessoas, num segundo momento, relata os produtos e resultados de uma pesquisa desenvolvida pelos próprios jovens que tiveram seus estudos reforçados pela proposta metodológica denominada Proposta Educacional de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável - PEADS que observava aquilo que de mais importante ocorreu na vida dessas pessoas e nas vidas das pessoas que vivem nas comunidades que foram beneficiadas pelas ações do Serta na Bacia do Goitá – PE ao longo dessa década.

Também, disponibilizar suas experiências durante esse período de formação para com o desenvolvimento sustentável local, que, de forma compartilhada e sistematizada possa vir a promover um novo plano de educação do campo no campo através dos resultados apontados pela aplicação da referida metodologia dentro de um programa de formação de visão cósmica e planetária de caráter inter, trans e multidisciplinar integrado à realidade local, destinado aos jovens trabalhadores oriundos da agricultura familiar, egressos das escolas da rede de ensino público.

Por outro lado, mostra a importância da Universidade Federal da Paraíba na construção de espaços de trocas de experiências no campo

da extensão universitária que facilita o empoderamento dos jovens nos espaços acadêmicos que tem a determinação de aprofundarem seus estudos na Pós Graduação, sendo esse trabalho, o primeiro passo para a efetivação desse sonho.

Por último, aponta para a construção de uma nova pedagogia, que procura preencher as lacunas deixadas pelas academias que tem nos seus modelos pedagógicos um contexto puramente comercial, mercantil, fragmentado centrados nas coisas e não no ser humano. Essa proposta trata entre outras coisas, da criação de uma UNIVERSIDADE POPULAR

Capítulo I:
Conhecendo o Serta

Pluviômetro Alternativo,
arquivos Serta

Capítulo I: Conhecendo o Serta

Abdalaziz de Moura – Educador do Serta

1. As Origens

Em 1988, quando o Estado abriu pela primeira vez a oportunidade de financiar projetos apresentados pela sociedade civil, o Centro de Capacitação e Acompanhamento aos Projetos Alternativos – Cecapas[4] de Pesqueira apresentou ao Programa Estadual de Apoio ao Pequeno Produtor Rural - Prorural de Pernambuco um projeto para 70 diárias de capacitação, 35 no inverno e 35 no verão junto a famílias de 7 municípios do agreste pernambucano, durante um ano.

O Regime era de trabalhar em mutirão de até 8 pessoas, mediante um planejamento que as famílias faziam semanalmente. Nesse mutirão, as pessoas praticavam e implantavam tecnologias alternativas amigáveis com o meio ambiente e observavam a diferença que provocavam no plantio, nos animais e na propriedade como um todo, daí a idéia de fazer metade no inverno e metade no verão.

Contribuíam com os mutirões técnicos estagiários recém formados que haviam passado dois meses no Cecapas. Foi sugerido a eles se gostariam de passar mais dois meses nas comunidades rurais, divulgando as tecnologias que aprenderam. Todos aceitaram ficar na casa de uma família de agricultor. Outros técnicos da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural - Emater, do Serviço Nacional Aprendizagem Rural - Senar, da Diocese de Nazaré da Mata - PE, que moravam na região também participaram.

O projeto reunia semanalmente os grupos para o planejamento e avaliação na comunidade, mensalmente, representantes se reuniam na sede do município e a cada dois meses os representantes de todas as comunidades se reuniam em locais

[4]Centro criado em 1984 pela conferência dos Bispos do Nordeste II para formação de agricultores, educadores, agentes de pastoral e técnico em agricultura orgânica.

variados. Assim com esse modelo de gestão monitorava-se todo o processo e preparava-se material didático para discutir nos diversos encontros. No dia 17 de dezembro de 1988 deram o balanço final com 31 técnicos e 60 agricultores e agricultoras, 91 pessoas.

A demanda vinha de todos os participantes para não parar o projeto, uma vez que os resultados foram tão positivos em apenas um ano. As famílias que hospedaram os técnicos não queriam que eles saíssem de suas casas, nem os técnicos queriam sair. A decisão foi de continuar, mesmo sem o financiamento do projeto. Os jovens estagiários do Cecapas continuaram e os demais foram diminuindo a participação até saírem todos.

No ano seguinte, 1989, mesmo sem perspectiva de nenhum recurso de projeto, as comunidades continuaram praticando os mutirões e fazendo as reuniões de avaliação e planejamento. O Cecapas ia encerrar suas atividades em dezembro de 1989 as suas atividades. Havia participação dos sindicatos de trabalhadores e trabalhadoras rurais, das Comunidades Eclesiais de Base, de Agentes Comunitários de Saúde e de beneficiários de projetos das Organizações das Cooperativas de Pernambuco - Ocepe e Dioceses de Nazaré da Mata e Caruaru - PE.

Para todas essas instituições o que se fazia era inusitado, nos encontros e reuniões, as ações das comunidades eram objeto apenas de comunicação, de avisos, de final de pauta. E, no entanto, os mesmos assuntos faziam parte das reuniões do mutirão, preenchendo toda a pauta. Daí, aos poucos foi surgindo a necessidade de uma instituição específica que cuidasse desse processo emergente, que tivesse como objetivo os mesmos com os quais o grupo já trabalhava.

As temáticas mais comuns discutidas eram o próprio trabalho das famílias, o planejamento do mesmo, a divisão de responsabilidades, a aplicação e observação das tecnologias, a colheita, a guarda das sementes, o manejo dos animais, a situação das instalações dos animais, o melhoramento genético, os projetos em andamento, os resultados alcançados, a participação no sindicato e nas Comunidades Eclesiais de Base - CEB, os desafios.

Enfim, se falava muito das reais condições de vida das pessoas, dos animais, das plantas e das propriedades. Alimentava os debates os bons resultados nesses campos. No dia 3 de agosto foi criado o Serta tendo como membros fundadores os representantes das comunidades e os técnicos. O nome de Serviço de Tecnologia Alternativa foi escolhido entre uma série de outros na assembléia de fundação por ser o que mais se adequava a natureza das ações. O nome novo não teve muita diferença, pois as ações continuavam as mesmas com o nome de "grupo de mutirão". Só em 1991, o nome do Serta foi sendo usado por todos.

2. O Contexto Externo

Externamente, o país se mobilizava pela Constituição, organizando propostas para serem incorporadas e aprovadas através de grande pressão popular. Por outro lado, mergulhava numa inflação sem precedentes, a ponto de muitos agricultores venderem suas terras ou gado para por o dinheiro na poupança. E em seguida, Fernando Collor de Melo substitui Sarney, fechando a poupança por um ano e abrindo a economia para o mercado externo.

Esse contexto fez muito mal a Agricultura Familiar, pois acabou com a perspectiva de futuro, com as suas definições e seus sonhos. Enquanto isso, o muro de Berlim caiu no dia 11 de novembro de 1989, provocando um repensar de todos os que sonhavam com um socialismo para o Brasil. Alguns se decepcionaram e abandonaram a luta, uma vez que ruía um projeto de vida e de sociedade.

Foi muito bom nessa época de desilusão, os agricultores estarem desenvolvendo este projeto que gerava resultados bastante positivo. Fez crescer a coragem, entusiasmo e credibilidade nos grupos. Na convivência familiar com os agricultores, os técnicos foram percebendo outro problema que não tinha ligação direta nem com o que acontecia com internamente na política nacional e nem com a crise do socialismo. Era o desinteresse dos jovens pelo trabalho dos pais. Sem perspectiva de trabalho no campo, estes jovens pressionavam demais seus pais para ir para a cidade.

3. O papel da Escola

Com o desenvolvimento do Projeto, os técnicos traziam suas observações para a reunião e começaram a suspeitar dos valores e conhecimentos que a Escola transmitia para os alunos. A suspeita levou-os à pesquisa e observação mais intensa e daí a novas descobertas: Era que os jovens, mesmo chegando até a faculdade, quanto mais avançavam na escola, mais distante ficavam da realidade de seus pais e da propriedade. A escola preparava, de fato, os jovens para abandonarem o campo.

A aposta da escola era a mesma da opinião pública vigente, da cultura absorvida pelas famílias e instituições. O campo era apresentado como o lugar do atraso, da sobra, do resíduo. Ficava nele quem não quisesse se promover, melhorar de vida, os incapazes, os que não ousaram ir atrás de outras oportunidades, os de pouca inteligência e de maior força física. A agricultura não se pagava, não era compensadora, não valia o esforço da juventude!

Se era esse o quadro, realmente, não restava outra coisa aos jovens do que preparar-se para sair, iniciar-se na cidade, seja em que fosse. O pior da cidade ainda era melhor do que ficar no campo, pois na cidade já dava para ir iniciando, experimentando, tentando outro futuro! Descobrir esse papel exercido pela Escola foi mesmo que uma crise de identidade. Se for assim, o que estamos fazendo com os agricultores, adianta alguma coisa? Não é melhor parar!

Quem seriam os técnicos ainda jovens, de nível médio para enfrentar uma estrutura como a da escola! Eles pregavam uma coisa nos mutirões e reuniões e a escola outra, contrária a deles, o que adiantaria todo aquele esforço? Perceberam então, que, se quisessem mudar a agricultura, teriam que também mudar a escola! Era uma tarefa que fugia à capacidade instalada deles! Não tinham vivência, conhecimento, nem experiência com educação escolar, eram técnicos!

Ao se defrontar com todas essas questões descobriram que mesmo sem experiência escolar, tinham experiência com a Educação Popular. E que tal se a

Escola experimentasse dialogar com a Educação Popular! E vice-versa! Tarefa impossível, mas que valeu a pena tentar. Ora, se a Educação Popular durante todo o tempo de repressão e ditadura em vários países foi a Educação que manteve o povo mobilizado, aprendendo e se organizando, porque não experimentar agora no momento de Abertura Política Nacional?

As perguntas vinham mais ou menos assim: se na Educação Popular (EP) as pessoas se voltam para as pesquisas sobre seus problemas, na escola não seria possível os alunos se voltarem para a pesquisa de sua família e de sua realidade? Se na EP as pessoas partiam da realidade, do sentimento que tinham, da condição que viviam, porque na escola formal não se poderia arriscar o mesmo? Se na EP, as pessoas se comprometiam com a mudança da realidade e a solução dos problemas, porque não tentar também na escola formal?

As perguntas continuavam aflorando... Se na Educação Popular as pessoas aprendem a fazer a leitura do mundo, porque não poderiam também fazer na escola formal? Se na EP as pessoas desenvolviam tanta arte, cultura e educavam seus sentimentos e emoções porque não conseguir tudo isto com a escola formal? Se os direitos humanos é um currículo tão presente na EP, porque não poderia estar presente na Escola Formal? A educação ambiental, a mobilização social, tão presentes em uma, porque não poderiam estar na outra?

Se a EP trabalha tanto a subjetividade das pessoas, porque não tentar o mesmo na Escola? E ainda vinham mais descobertas: A escola formal seria o lugar ideal para transformar esta realidade, pois ela é muito mais legitimada e reconhecida. Afinal, ela tem orçamento, horário, prédios, sistemas de avaliação, instâncias municipais, estadual e federal! Tudo coisas que faziam inveja a EP! E se temos todas essas experiências, porque não poderíamos dialogar com as secretarias de educação e com as professoras do município? Os técnicos pediram apoio do Unicef para mediar a conversa com as secretarias e deu certo.

4. O caminho para o Reconhecimento

O município de Surubim aceitou – PE experimentar nossas idéias. Acharam boas, mas perguntavam como fazer? Mais uma vez nos inspiramos na EP, no método Ver, Julgar e Agir, no método de Linha de Massa, nas metodologias participativas que alguns grupos usavam e passamos a sistematizar e a propor. Depois mais municípios tentaram, com o surgimento do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil - PETI, ampliaram-se os que queriam a proposta da metodologia, o Movimento de Organização Comunitária – MOC levou para a Bahia e a expandiu por lá.

Qual foi a nossa surpresa quando em julho de 1994, no Segundo Seminário Internacional de Educação Popular, realizado na Universidade Federal da Paraíba, assistindo uma palestra de Rosa Maria Torres ela fazia ao público as mesmas perguntas que os técnicos haviam feito a si mesmos há três anos! Argumentava que há 30 anos esses dois modelos de educação caminharam em linhas paralelas e não se cruzaram. As ditaduras haviam terminado, não fazia mais sentido a separação, ambos evoluíram muito, já estavam na época de dialogar.

Essa autora nos trouxe a certeza que estávamos no caminho certo, nos sentimos mais autorizados para avançar e já possuíamos caminho andado nessa direção. A metodologia aplicada dava resultados satisfatórios. As professoras, os alunos e as famílias passaram a sentir os impactos da nova metodologia, na motivação para a aprendizagem, na maior facilidade para aquisição dos conteúdos e, sobretudo, no outro papel exercido pela escola.

Era realidade uma escola que não mais expulsa do campo; mas a que pesquisa e descobre a riqueza, a força do campo, do território, da natureza, do meio ambiente e, sobretudo, das pessoas que aí vivem e convivem! A fama espalhou-se e a Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura - CONTAG quis conhecer a proposta, uma vez que estava reunindo experiências de peso para se fortalecer no debate com o Conselho Nacional de Educação - CNE, tendo em vista a

publicação das Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo.

Nesse momento, o debate sobre Educação do Campo já era pauta de movimentos sociais, como o sindical e o dos Sem Terra e de alguns professores de universidade e de outras ONG. O Serta passou a ser uma referência muito especial por conta de que sua proposta era para as escolas públicas e para ser executada pelo município, enquanto a maioria das demais eram experiências de ONG, de movimentos com dificuldades de replicação.

Veio a eleição de Lula e, em 2004, a segunda Conferência Nacional de Educação Campo. A primeira havia se realizado em 1998 sem nenhuma participação do Estado. Na segunda ele já participou com os movimentos sociais e a sociedade civil. A partir de então, muitas iniciativas, grupos de trabalho, encontros estaduais, criação de comitês, multiplicação de experiências, projetos e pesquisas se seguiram.

Apesar de todos esses avanços, a Secretaria Especial para a Alfabetização e a Diversidade – SECAD, instância do Ministério de Educação e Cultura - MEC responsável pela Educação do Campo, recuou e assumiu sozinha, contra os movimentos que queriam ser parceiros, a proposta da Escola Ativa para as escolas multiseriadas e o Projovem Campo, como Política Pública de Educação do Campo, restringindo a Educação do Campo a apenas essas duas estratégias.

5. A participação dos jovens

No ano 2000 apareceu a oportunidade do Serta ser convidado para um trabalho de cinco anos com jovens na Bacia do Goitá, região vizinha da zona da mata de Pernambuco que estava recebendo o Peti nas famílias das raspadeiras de mandioca nas casas de farinha. Esse trabalho possibilitou o acesso do Serta ao prédio e terrenos do Ministério da Agricultura em Glória do Goitá - PE. Eram instalações novas, porém, depredadas pela população local, pelo não uso durante 10 anos, desde o governo de Collor de Melo.

Nesse prédio, o Serta passou a mobilizar os jovens e os convocou para participar de um curso, complementar à escola de dois anos. Os jovens que escrevem este livro estão entre os que fizeram o curso. Já se foram 8 turmas de 120 alunos além de outros cursos menores. Esse curso já é reconhecido como profissional de nível médio e hoje acontece em regime de alternância como curso de Agroecologia.

Capítulo II:
Um olhar sobre o Serta

Aquecedor de Água,
Arquivos Serta

Capítulo II: Um olhar sobre o SERTA

Dividirei esse meu olhar em três momentos, o primeiro denominado de ***como tudo começou,*** o segundo, denominado de ***novas conversas e ações*** e o terceiro denominado de ***SERTA: UMA CERTA UNIVERSIDADE POPULAR*** .

1. Como Tudo Começou

No inicio da década de 90, conheci o Flávio Ferreira Cavalcanti, um companheiro técnico agrícola formado pelo CECAPAS-PE que desenvolvia um trabalho de agricultura orgânica numa comunidade denominada de MONSENHOR MAGNO nos arredores de João Pessoa. Naquela oportunidade eu vinha implantando um projeto de extensão universitária que envolvia vários estudantes de diversas ciências como assistência social, pedagogia, direito, administração, arquitetura, biologia, enfermagem, nutrição, medicina, odontologia entre outras, esse trabalho consistia em observar as questões sócio/econômico/ambientais vivenciadas pela comunidade e traçar metas de desenvolvimento e transformação social daquela comunidade, por outro lado, buscar parcerias capazes de ajudar nesse processo.

Assim, surgiu o meu encontro com o Flávio e o início de uma bela parceria num trabalho que perdura até os dias atuais. Ao longo dos nossos planejamentos tudo que o Flávio falava para mim, parecia coisa do outro mundo, pois ele falava de agroecologia, compostagem, cobertura morta, curva de nível, tecnologia alternativa, abominava o uso de agrotóxico, falava de uma realidade que para aquela ocasião parecia inoportuna, motivo de vários embates entre nós. Até que um dia ele me fez uma provocação para que eu viesse conhecer as atividades do CECAPAS em Pernambuco no município de Pesqueira. Foi aí que conheci o SEBASTIÃO, e outra realidade que me fez mudar radicalmente os meus conceitos sobre agricultura, produção e produtividade.

Naquela conversa entre eu, Flávio e Sebastião, o Flávio perguntou pelo Moura, o que estava fazendo, ou pensando fazer, e perguntava também pelo outros

companheiros com quem eles tinham convivido e trabalhado, assim surgia os nomes de Roberto, Lael, Chico Dantas, Elza Vilar, Antonio, Márcio entre tantos outros companheiros que tinham participado das atividades do CECAPAS-PE.
Desse encontro, o Flávio pegou do Sebastião os contatos de Moura, e assim surgiu a possibilidade de nós nos encontrarmos, foi marcado uma conversa em Pernambuco entre eu e o Moura, naquela oportunidade o Moura estava promovendo um encontro com algumas entidades que tinham como representantes seus antigos parceiros, como era o caso do PAER – Programa de Assistência e Educação Rural da Elza Vilar instalada no Compartimento da Borborema em Campina Grande, o GTAE – Grupo de Tecnologia Alternativa e Educação – representado pelo Marcos que atuava em Alagoas e o SERTA – Serviço de Tecnologia Alternativa – representado pelo Moura, esse evento contava com aproximadamente vinte pessoas.

Esse encontro me possibilitou conversar com Moura uns vinte minutos suficientes para perceber que diante de mim estava uma pessoa iluminada, capaz de passar informações e conhecimentos que a academia nos modelos atuais, que preconiza a indissociabilidade entre o ensino a pesquisa e a extensão dificilmente teria condições de repassar para seus estudantes, seja na sala de aula, seja em suas pesquisas ou no campo da extensão. E, naquela nossa conversa eu percebi que a nossa proposta de extensão que eu vinha tentando implantar na década de 90, era possível, pois ouvi relatos tanto de Moura quanto de outros participantes que me dava a certeza que ali estava surgindo algo muito novo para o campo da extensão universitária e nascia uma nova parceria entre as ONGs e a Universidade Federal da Paraíba.

Convêm salientar que nesse mesmo encontro surge uma nova entidade batizada pelo Moura e a Elza Vilar com o nome de AGEMTE – Assessoria de Grupo Especializada Multidisciplinar em Tecnologia e Extensão. Desse momento para frente os laços afetivos e acadêmicos se aprofundaram de uma forma tal que a AGEMTE e a UFPB vem acompanhando o trabalho do SERTA ao longo desses 15 últimos anos.

Foi iniciado um plano de encontros sistêmicos entre as entidades AGEMTE, GTAE, PAER E SERTA todos coordenados por Moura, esses eventos tinham como objetivos trocar informações sobre o que cada entidade estava fazendo naquele momento e quais as perspectivas para o futuro, que parceiros procurar, que área de atuação, captação de recursos e a visão de futuro que aquelas entidades vislumbrariam nos próximos cinco, dez e quinze anos.

Esses eventos de planejamento ocorreram ao longo do ano de 1992 e 1993, assim distribuídos: alguns eventos em Caruaru, uns em Campina Grande e outros em João Pessoa. Vale salientar que o GTAE só participou dos eventos de Caruaru.
Nessas oportunidades a Elza Vilar nos apresentou uma proposta que o PAER estaria colocando em prática com os grupos de jovens que a entidade trabalhava denominada de **ESCOLA ROÇADO** que tinha como objetivo potencializar a juventude rural numa nova leitura pedagógica resignificando o aprendizado desses na sua propriedade. Já a AGEMTE apontava na perspectiva de aproximar o saber popular do saber científico promovendo encontros entre estudantes da UFPB e outras universidades brasileiras junto às comunidades as quais a UFPB já vinha trabalhando, esses eventos eram conhecidos como **ESTÁGIO DE VIVENCIAS EM COMUNIDADES,** e o SERTA, apresentava uma nova proposta pedagógica que parecia com uma nova metodologia que até então o Moura denominava de **PEADS – Proposta Educacional de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável** e nos dizia que era uma proposta para apresentar as escolas municipais dos municípios de Vicência, Orobó, Surubim e Tacaimbó - PE.

Quando Moura expôs aquela proposta, nos fez perceber que ali estava uma saída concreta para se discutir novos conteúdos programáticos, uma nova filosofia para a educação no campo e outro conceito de educação que poderia se não revolucionar o ensino, mas propiciar nos municípios uma outra postura educativa, mais propositiva e conseqüente com relação a realidade rural que até então todos nós vivenciávamos. Esse foi o meu primeiro contato com a PEADS.

2. Novas Conversas e Ações

Na metade da década de 90, ao meio de uma seca danada o SERTA vem com muita luta implantando essa proposta pedagógica nesses municípios, e nossos laços se estreitam um pouco mais, pois, Moura vem a Paraíba fazer uma Pós Graduação no campo da Educação Popular e durante esse período em que o Moura passa na Paraíba a AGEMTE passa a dialogar com mais tempo e ter acesso a sua produção acadêmica, pois ele sempre foi muito despojado das ***arrogâncias acadêmicas*** e sempre compartilha com seus pensamentos e nos dando dicas importantes para a sobrevivência da AGEMTE e as perspectivas de trabalhos compartilhados. Assim, poderíamos intercambiar algumas ações e textos, quando ele precisava de sementes de mandiocas para desenvolver suas atividades em Surubim e Orobó e nós, quando estávamos implantando cursos de agricultura orgânica em algumas comunidades na Paraíba.

Após a conclusão dessa especialização que o Moura fez na Paraíba nós passamos um espaço de tempo sem um maior contato e esse fato ocorre porque a AGEMTE passa a potencializar as ações propostas de educação popular numa perspectiva de sustentabilidade com a UFPB através dos projetos desenvolvidos pelo PIAC – Programa Interdisciplinar de Ação Comunitária e esse programa se interioriza com maior conseqüência em parcerias com os órgãos governamentais, nesse caso convêm destacar os trabalhos com índios, na Baia da Traição, agricultores e pescadores no litoral norte da Paraíba, e no Vale do Mamanguape, o início de um trabalho no Cariri paraibano mais precisamente no município de Taperoá com o meu amigo Flávio.

Esses trabalhos tomam uma dimensão tão grande que mais uma vez, precisamos buscar nas ações que o Moura desenvolvia algum tipo de ajuda reflexiva, pois, as coisas estavam acontecendo numa velocidade tão grande que precisávamos de um olhar mais crítico que fizéssemos nortear essas ações com um melhor aproveitamento dos nossos trabalhadores que careciam de ver e sentir que existiam outras experiências que poderia potencializar suas ações no campo da agroecologia e permacultura.

Mais uma vez procuramos Moura, e descobrimos que o seu trabalho tinha evoluído daquele trabalho inicial e que o SERTA estava instalado na Bacia do Goitá, e o seu novo trabalho estava se estendendo para trabalhar com o protagonismo juvenil nos municípios de Glória de Goitá, Pombos, Lagoa de Itaenga, Feira Nova, Vitória de Santo Antão entre outros. Ficamos encantados, pois tudo agora fazia mais sentido ainda, o que eu ouvia de Moura, nós estávamos vendo em Glória de Goitá. Era um novo SERTA com uma estrutura de fazer inveja a qualquer escola formal, aquela proposta apresentada lá atrás que Moura denominava de PEADS, estava se materializando com o campo teórico e prático que se erguia naquela estrutura cedida ao SERTA.

O Início dos anos dois mil foi um período muito rico para todos nós, pois, a Paraíba praticamente invadiu o SERTA na ânsia de novos aprendizados e eu posso dizer que foram vários grupos de agricultores de várias regiões do estado da Paraíba, professores de escolas municipais, prefeitos, secretários de educação e de agricultura de vários municípios, índios, professores universitários, pessoas ligadas a grupos produtivos, a movimentos sociais e principalmente jovens estudantes universitários paraibanos ligados ao Programa Interdisciplinar de Ação Comunitária da Universidade Federal da Paraíba. E, a cada visita que ocorria, o corpo técnico do SERTA ou o Próprio Moura vinha conhecer as pessoas e falar um pouco daquela experiência tão inusitada para elas.

O que ocorria na bacia do Goitá era algo que me fazia pensar mais e mais na proposta de aproximar a UFPB daquelas experiências, até que um dia fiz um convite ao nosso reitor Jader Nunes, ao Secretário Estadual de Educação o Sr. Neroaldo Pontes, os Pro-reitores de Pós Graduação, Graduação e Extensão, mais alguns coordenadores de projetos de extensão da UFPB para uma visita com o intuito de promover um intercâmbio institucional que favorecesse ações de forma conjunta entre o SERTA e o Estado da Paraíba. Este trabalho foi coroado com o Convênio de colaboração técnica entre a UFPB e o SERTA, que me possibilitou aproximar a nossa metodologia da PEADS.

Desta vez não foi só eu e o Flávio que procurou Moura, neste período eu desenvolvia um trabalho que contava com a ajuda preciosa do Prof. José Maria Tavares de Andrade que nos aproximavam da teoria da complexidade (MORIN) e esse nosso trabalho foi premiado em São Paulo motivo que nos levou a pensar em sistematizar essa nossa experiência. O prof. José Maria era um amigo comum que conhecia Moura de outras histórias e já vinha desenvolvendo a fundamentação teórica da metodologia denominada MET-MOCI (FALCÃO & ANDRADE) e esse foi o motivo que nos levou a buscar no MET-MOCI (FALCÃO & ANDRADE) e na PEADS (MOURA) uma nova proposta para a Universidade ou seja, a constituição de uma UNIVERSIDADE POPULAR.

Daí, a AGEMTE e o SERTA, a FETAG, a UFPB e outras entidades paraibanas participaram de um evento patrocinado pela UFPB na Paraíba onde Moura e Prof. José Maria apresentaram as duas metodologias como elementos fundamentais para iniciar a proposta de constituição de uma universidade popular que resguardasse as duas metodologias como elementos norteadores dessa nova idéia. Desse seminário foi constituído um grupo de professores e representações institucionais para construir uma proposta que garantisse pontos fundamentais para construir um empreendimento com essas características.

3. Serta: Uma Certa Universidade Popular

Após este seminário que tratava da criação de um centro universitário popular iniciei uma série de visitas ao SERTA, com o intuito de aprender mais com aquela experiência de promoção dos jovens, numa perspectiva de estimular o protagonismo dos mesmos, e conhecer com mais profundidade a PEADS. Posso dizer que tive o privilégio de acompanhar mesmo que a distância, as dez primeiras turmas de ADL – Agente de Desenvolvimento Local formadas pelo SERTA, me aproximei muito dos jovens quando eles vinham para o SERTA encaminhado pelas escolas dos municípios para que os mesmos tivessem acesso às iniciativas pedagógicas do SERTA, e o reforço e elevação escolar, num primeiro momento me pareciam ser essa proposta. No entanto, quando focava melhor o olhar sobre o que ocorria com aqueles adolescentes, observava-se uma transformação total tanto na

sua capacidade produtiva, intelectiva, cultural, cidadã e de responsabilidade que nos deixava entusiasmado e acreditando que ali estava sendo construída uma nova proposta pedagógica, que não só se diferenciava na pedagogia, como introduzia ao mesmo tempo uma proposta de ensino, pesquisa e extensão dentro do contexto sócio cultural do próprio jovem e adolescente. E essa iniciativa nos fazia pensar que ali estava surgindo outra academia que estava para além do mercado, que resgatava a cultura local, que além de não negar a carga de conhecimento sobre si próprio e de sua comunidade que esse jovem trazia naturalmente para o SERTA, ainda o potencializava para que ele exercitasse na sua casa com os seus pais e familiares o compartilhamento dos ensinamentos e aprendizagens aplicados no SERTA. Agora ele aplicava essa sua experiência no seu habitat e trazia os resultados para o SERTA.

Assim conheci a Gilmara, o Emmanuel meu Xará, o Edson, o Janilton, o Sebastião Honório, o Severino, o Germano entre tantos outros. E pude observar o crescimento desses jovens no campo acadêmico, produtivo, político, social para dizer que o SERTA construiu espaços de formação, verdadeiros doutores no exercício da cidadania, grandes pesquisadores de suas próprias histórias, verdadeiros protagonistas de sua região. Ora, se não seria este o verdadeiro papel de uma universidade, uma universidade que cuidasse de formar cidadãos capazes de transformar sua realidade e de sua comunidade. Em fim, uma universidade cidadã, uma universidade popular. Este foi o meu sentimento quando tive a oportunidade de conversar com esses jovens formados pela primeira turma de ADL do SERTA no ano de 2000.

Nos anos de 2001 e 2002 o SERTA apresenta uma nova modalidade de atividade formadora dentro da PEADS denominada de ADAC – Agente de Desenvolvimento da Arte e Cultura, esse novo elemento fortalecia cada vez mais a idéia de Universidade Popular, no final do ano de 2002 observou-se a formação de alguns grupos culturais a exemplo da idéia da Unidade Móvel de Espetáculos, o grupo de teatro denominado Companhia de Espetáculos Chão da Terra, o Grupo de Maracatu denominado Nação Sementeira, culminando com as mostras de arte e cultura nos

municípios, tarefa desenvolvida pelos Agentes de Desenvolvimento de Arte e Cultura – ADAC, formados naqueles anos.

No início do ano de 2003 eu e Moura conversávamos da possibilidade de ser construído um currículo básico para a instalação de um Centro Universitário Popular que nos garantisse a formação tecnológica em nível superior, seria um curso com duração de 2.800 horas dividido em módulos, naquela oportunidade o Moura me dizia que o Governo do Estado de Pernambuco estava interessado em absorver as atividades do SERTA enquanto Centro de Tecnologia da Agricultura Familiar - CTAF, falava-me também que em maio de 2003 ocorreria o II ENCONTRO LATINO AMERICANO DE ECO TECNOLOGIAS envolvendo 14 países, 81 escolas, 639 pessoas e 12 universidades, com o objetivo de transformar o SERTA num Centro Latino-americano de Eco tecnologias, fui convidado por Moura para puder escorrer sobre o papel da Universidade Popular a partir da experiência dos ADAC e ADL formados pelo SERTA naqueles últimos três anos. Participaram desse evento, representantes de Centros de eco tecnologias de países da América do Norte, America Central e America do Sul, como México, República Dominicana, Haiti, Argentina, Bolívia, Honduras, Peru, El Salvador, Guatemala e Brasil.

Convêm salientar que neste evento estavam presentes várias entidades governamentais e não governamentais e da cooperação internacional a exemplo do FAO, Fundação Kellogg, BNDES, Projeto Dom Helder Câmara, Instituto Ayrton Senna, Instituto Aliança, Fundação Ordebrech, Governo do Estado de Pernambuco, UFPE e UFRPE. Prefeituras municipais de Pernambuco, Prefeituras municipais da Paraíba entre outras.

Varias instituições nesse início de década vinham discutindo a tão almejada *educação do campo,* entretanto, O SERTA se destacava neste contexto, pois, desde a década de noventa já vinha exercitando essa nova pedagogia – PEDAGOGIA DA TERRA - quando levantava dados que apontavam para a deficiência de um modelo de ensino que reforçava a tese de que a agricultura familiar era a eterna marginal, um modelo educacional totalmente desfocado das questões agrárias, que desconhecia a luta dos trabalhadores rurais, que desconhecia os fenômenos que

ocorriam de baixo dos narizes dos gestores escolares, a exemplo do calendário agrícola, períodos de chuvas, produção e produtividade da agricultura familiar, culturas locais, capacidade intelectiva das famílias rurais, a resistência ao êxodo rural dos mais velhos, a expulsão dos jovens para os grandes centros urbanos que vem alimentando cada vez mais a violência urbana, o tráfico de drogas, a prostituição infato-juvenil entre tantas outras mazelas.

Seria a PEADS o inicio de tudo. E essa afirmativa se concretiza através de vários estudos comparativos que a Universidade Federal da Paraíba pode fazer ao longo desses dez anos quando promoveu intercâmbios entre os estudantes da UFPB e outras Universidades Brasileiras dentro do programa ESTÁGIOS DE VIVÊNCIAS EM COMUNIDADES, e se notavam que os estudantes que foram formados pela PEADS, tinham um comportamento e um comprometimento acadêmico mais apurado no campo da pesquisa e extensão do que os demais, essa afirmativa é facilmente comprovada pelos produtos que eles apresentaram no final das atividades, pelos relatos escritos e fotografados, também, pelos relatos das comunidades onde os mesmo instalaram suas experiências. Poderíamos dizer que esses resultados foram satisfatórios talvez pelas suas próprias histórias de vidas e suas superações das adversidades no campo político/social, onde esses jovens têm que lutar diariamente contra essas adversidades. Entretanto, observava-se um algo mais de conhecimento bem resignificado nas suas práticas pedagógicas no campo da pesquisa e extensão.

Outro elemento para destacar nessa construção da educação do campo seria a observância dos resultados práticos desse trabalho de pesquisa-ação que o SERTA vem desenvolvendo na bacia do Goitá ao longo desses anos, que se reflete na transformação da realidade das vidas das pessoas dessa região, e que aparecem como produto de estudo, o trabalho de pesquisa participante que os próprios estudantes formados pela PEADS, hoje graduados e pós graduados por universidades da região e do Recife em parceria com a Universidade Federal da Paraíba, resolveram desenvolver e os resultados estão sendo apresentados neste livro construído a várias mãos. Ora, se a função de uma universidade é de produzir e transmitir conhecimentos através da pesquisa e da extensão e ao mesmo tempo,

transformar a realidade na qual ela está inserida, então podemos afirmar que o SERTA se caracteriza como uma instituição de ensino superior. Entretanto, dada as características da proposta da PEADS, não seria uma instituição de ensino qualquer, pois, o seu produto relaciona-se com as atividades populares, responde as demandas populares, busca a construção de espaços de inclusão através de ofertas num mercado justo, potencializa a troca de saberes populares e científicos, se distancia de modelos acadêmicos ortodoxos, e responde bem as demandas dos trabalhadores pela contribuição de conteúdos programados aplicados pelo PRONERA na *Educação do Campo*, fortaleceu a instalação da Universidade Campesina em Sumé – UNICAMPO e inspirou a implantação da Universidade Federal da Paraíba – CAMPUS IV nos municípios de Mamanguape e Rio Tinto no estado da Paraíba. Por tudo isso, podemos dizer que o SERTA é uma UNIVERIDADE POPULAR.

Capítulo III:
Nossa história de vida

Horta de Treliça,
Arquivos Serta

Capítulo III: Nossa história de vida

1. Uma oportunidade que mudou a minha vida.

Nasci e me criei em uma pequena cidade do Nordeste de Pernambuco, Glória do Goitá. Filha única, meu pai motorista e minha mãe professora, aos 14 anos de idade eu, saía do Ensino Fundamental II, no ano de 1999, me questionando: "E agora, qual caminho seguir?" Mas, esse questionamento comum a maioria dos jovens da minha idade na época, não era garantia de escolher o melhor caminho a seguir. Ao refletir sobre a minha própria história de vida, surgiram muitas indagações que se aproximam da justificativa e da importância de ações concretas que contribuam na formação dos jovens brasileiros: Venho de uma família de professores (avós, tias, primas e pais...) e me orgulho muito disso, essa vivência no ambiente familiar alimentou um sonho, de ser professora.

No interior do estado não há alternativas de trabalho para os jovens, quando não se formam para o magistério, lhes restam às casas de famílias, em particular para os afrodescendentes, assim como eu. Apesar da população brasileira em sua maioria ser constituída por negros, compreendi que eu era uma exceção nas salas de aula por onde passei, sobretudo meu pai sempre se esforçou e me incentivou para que um dia pudesse ingressar na faculdade.

No ano de 2000, matriculada no magistério e recém chegada numa escola estadual do próprio município, novos professores, novos colegas, uma realidade estudantil nova. Em meados daquele curso, alguns professores informavam aos estudantes e os incentivavam a conhecer e participar de alguns cursos de informática, que iniciariam no Campo da Sementeira (sede do Serta– Serviço de Tecnologia Alternativa, ONG que se instalava no município).

Esse tipo de curso não era muito comum nem acessível na região, a computação era mesmo "Um bicho de sete cabeças!". Para muitos de nós, algo inacessível ou até

mesmo inalcançável. Eu, naturalmente, procurei o Serta, infelizmente, naquele ano não seria possível me matricular, pois o público alvo era a partir dos dezesseis anos de idade e eu, no momento, não poderia fazer parte daquela formação. Segui aquele ano me dedicando aos estudos e sempre observando os adolescentes que lá estudavam. Mais tarde, tive a oportunidade de me matricular naquele curso tão esperado e não só no curso de informática, mas também em diversos outros realizados naquele ano, até a publicação do edital para a formação da Segunda Turma de ADL – Agente de Desenvolvimento Local.

Essa reflexão me recorda que nós adolescentes naquele ano observávamos bastante os jovens que faziam parte da 1ª formação. Para nós, eles eram diferentes na escola, na comunidade e no convívio familiar, conversávamos de fora de tudo e almejávamos ser como eles. Atualmente, vejo que os ADL's em formação foram nossa referência de juventude, um contraste com a realidade daquelas juventudes ainda não alcançadas pela formação.

Percebi já no processo de seleção que havia algo de diferente na ONG, na ficha de inscrição além dos dados pessoais, dissertávamos tendo como base questionamentos sobre os problemas ou dificuldades do nosso próprio município.

Chegando "O dia da seleção", foram 30 vagas para a nova turma, não lembro exatamente a quantidade de inscritos, mas foi uma seleção muito concorrida, a primeira seleção que participei. Dentre os candidatos, muitos amigos, colegas de classe e familiares, fizemos muitas atividades: dinâmicas, trabalhos em grupo, (professores diferentes, os demais jovens os chamavam de educadores). Foi uma manhã muito diferente, uma experiência única em minha vida, que até aquele instante não tinha vivenciado. Assim, foi a seleção do município de Glória do Goitá, dias atrás havia acontecido à seleção dos outros municípios, a então denominada Bacia do Goitá, que além de Glória do Goitá integra os municípios de Lagoa do Itaenga, Feira Nova e Pombos, num total de 120 jovens selecionados, logo veio a formação.

A análise que faço como discente a respeito da prática-educativa escolar durante meu Ensino Médio, parte da perspectiva que o ensino se baseava apenas nos cálculos, nas letras, ou seja, nos livros, vários teóricos, um conhecimento por mim compreendido ser de fundamental importância para a educação de um cidadão, mas partia do princípio que formar se constituía puramente em passar as informações aos educandos, as temáticas discutidas em sala de aula não tinham ligação com a realidade em que eu vivia.

O aluno não deveria questionar o professor, que em sua maioria, persistia numa prática conservadora. E para que tudo aquilo servia? Como usar as informações recebidas? Na escola aprendia assim, que tinha que estudar os conteúdos trabalhados para fazer uma boa prova, adquirir notas excelentes, e estudar bastante para no futuro ter um emprego fora da cidade, em Recife, São Paulo ou em tantas outras capitais do Brasil, com um enfoque muito individual, num clima de competitividade. Uma educação para fora do local, que não tinha ligação com o meu mundo. Estudar para não acabar como nossos pais, trabalhando na roça, assumindo o cabo da inchada.

Ingressei na formação de jovens aos 16 anos, em 2002, onde me foi apresentado um novo mundo, tive contato com várias temáticas, entre elas, o Microcrédito. Os dois anos de formação como ADL foi um período de uma nova leitura da realidade socioeconômica local. É como se me fosse apresentado um novo mundo de muitas oportunidades, um momento de construção, de significado para uma nova vida. A formação foi pautada nas nossas experiências de vida, realizamos pesquisas, conhecemos e construímos o desenho de nossas propriedades, aprendemos o real sentido de ser solidário, realizamos mutirões, estágios, negociamos propostas de melhoria da qualidade de vida das pessoas da comunidade junto aos gestores municipais. Ela transparecia respeito aos nossos saberes.

Com os 120 jovens em formação no ano de 2001, fundamos o Fundo Rotativo (Atividade de Microcrédito Produtivo Orientado), a iniciativa surgiu de uma reflexão provocada por Abdalaziz de Moura, o idealizador da Proposta Educacional de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável - Peads. Eu, até então, não sabia o que

era microcrédito, sabia que tínhamos um saldo disponível e que muitos jovens em formação tinham iniciativas de negócios, mas não disponibilizavam de recursos financeiros para investirem em suas idéias.

Seria muito difícil concluir estas laudas e não citar essa experiência em especial, pela qual me apaixonei. Nas discussões iniciais, vimos que tínhamos um longo caminho a percorrer e um grande desafio para nós, Lílian Prado - ADL, Manásseis Braz Agente de Desenvolvimento da Arte e da Cultura – ADAC e eu. Anos depois o Fundo Rotativo deu origem a ACREDITAR – Capital Humano e Transformação Social uma Organização da Sociedade Civil de Direito Privado - OSCIP de Microcrédito Produtivo e Orientado. E foi nesse contexto que a Acreditar entrou em nossas vidas, encontramos um sentido para elas.

Realizei durante quatro anos a função de agente popular de crédito da instituição, conheci muitos empreendedores jovens com muitas dificuldades, e fragilidades e isso me fez crescer muito, tanto no âmbito pessoal como no profissional. Conclui a faculdade em 2007, com o apoio do Projeto Universitário – PU, realizado pelo Serta e não penso em parar por aí, hoje atuo na Diretoria Executiva da Acreditar, particularmente, me considero uma vencedora, foi uma oportunidade única, uma quebra de paradigma, jovens idealizadores de uma proposta de trabalho: "de, com e para as juventudes" visando fortalecer iniciativas de geração de renda numa iniciativa local.

Sinto-me feliz em ser parte desse time que trabalha pelos ideais dos jovens. A história da Acreditar faz parte da minha história de vida, o projeto de microcrédito que surgiu lá em 2001, durante a formação no Serta, se institucionalizou como OSCIP de Microcrédito Acreditar, uma instituição local, que promove atividades no tema de microcrédito produtivo orientado aos jovens, usando a educação financeira como sua principal ferramenta. Em nossa trajetória, viemos permitindo, em especial, a jovens e mulheres da zona rural, acesso a políticas de microcrédito e proporcionando-os o conhecimento sobre os direitos de ter seu negócio como possibilidade de geração de renda (melhorando a auto-estima e a qualidade de

vida das pessoas), garantindo a permanência em seus municípios de origem (por ter a perspectiva de um futuro próspero).

Hoje em dia, a Acreditar atua nas cidades de Glória do Goitá, Logoa de Itaenga, Feira Nova, Chã de Alegria, Vitória de Santo Antão e Pombos localizadas na zona da mata do estado de Pernambuco, com a meta estratégica de desenvolver e expandir suas ações para mais zonas do nordeste brasileiro.

Até agora, os serviços da Acreditar já beneficiou mais de 7 mil empreendedores como clientes diretos e de forma indireta contemplando seus familiares.

Para mim, Daisy de Oliveira Correia, a essência do Serta é entender e proporcionar oportunidades aos jovens, no sentido de realmente acreditar neles (em nós). Percebe-se que, nele inspiradas, surgiram diversas organizações juvenis e entre elas, o trabalho é fundamentado na idéia de que o jovem não é um mero protagonista, mas sim o autor de sua própria história.

2. Não imagino o que eu poderia ser, sem essa oportunidade...

Essa terra possui os nossos mortos, nossos ancestrais,
cria os nossos vivos e alimentará as gerações futuras.
Não herdamos essa terra dos nossos pais, mas
tomamos emprestada dos nossos filhos e netos.
Cacique Seatle

Sítio Goitá, município de Lagoa de Itaenga, Zona da Mata de Pernambuco, Nordeste brasileiro, foi o lugar o qual nasci e me criei. Pequena propriedade, terra arrendada pertencente a usineiros. Meu pai agricultor e minha mãe costureira, família humilde, composta por cinco pessoas, que na época não tinha muito que comer, mas o suficiente para sobreviver. O roçado e os animais compreendiam nossa principal fonte de alimentação e renda.

Após a desapropriação da terra por exigência dos usineiros, a família Santana teve que se desfazer de alguns animais para comprar um terreno e uma pequena casa

no mesmo município. Embora ainda garoto, sem noção do que estava para acontecer, aos sete anos, sentia a necessidade de trabalhar e contribuir com a renda familiar.

Serraria, casa de farinha, sorveteria, lanchonete, casa de game,... Foram os ambientes, os quais construiu minha história em paralelo a escola municipal onde estudava. As vezes faltava aula, chegava adormecido, sem condições de assimilar os conteúdos... Mas nunca perdia a esperança de acreditar que um dia eu conquistaria novos e melhores espaços através dos meus estudos.

Fui formado pela 2ª turma de ADL – Agente de Desenvolvimento Local (2002/2003). Naquele ano, antes contagiado pela postura e desenvoltura conduzida pelos adolescentes formados pela 1ª turma de ADL, naquela época, sentia necessidade de também aprender a fazer leitura dos fatos locais, me expressar melhor, falar em público, ser liderança,...

Final de 2003, fui selecionado como estagiário do Serta – Serviço de Tecnologia Alternativa, para criar, desenvolver e gerir um pequeno Fundo Rotativo – Fundo de apoio a iniciativas produtivos dos jovens na formação (Hoje avançou como OSCIP de Microcrédito produtivo orientado chamado de ACREDITAR – Capital Humano e Transformação Social), a qual já atuei como diretor tesoureiro, e nos dias atuais como diretor vice-presidente.

A chegada à equipe pedagógica de formação de jovens e produtores do Serta, muitos dos resultados ainda estavam por vir, o Projeto Universitário financiado pela Fundação Kellogg gerenciado pela equipe de jovens do Serta, financiou 50% do meu curso de Bacharel em Ciências Econômicas, o qual desenvolvi como defesa monográfica o tema: "Agricultura Familiar Orgânica: Desafios e Perspectivas para o Desenvolvimento Econômico Sustentável da Zona da Mata de Pernambuco". Com o qual obtive um ótimo conceito na turma.

Descobri que "Aquilo que parecia ser uma mera feira de produtos orgânicos, agora sem dúvida é um negócio viável e sustentável as famílias produtoras da agricultura familiar", venho intervindo nas articulações estaduais organizando, fortalecendo e promovendo a formação, comercialização e gestão de espaços para o escoamento de produtos orgânicos.

Fico muito feliz por ter contribuído com mais de quinze iniciativas que envolveram mais de oitenta famílias diretamente no fornecimento de produtos orgânico em Pernambuco, o qual em 2009 teve como resultado concreto, aproximadamente, meio milhão de reais de receitas geradas a partir da venda de produtos.

Foi mais além representando o Serta na Comissão de Produção Orgânica de Pernambuco – CPOrg - PE, a qual obtive elementos para atuar nos processos de incentivo a adequação das famílias produtoras as conformidades da legislação de produtos orgânicos.

A nova postura profissional adotada mim fez atuar como Diretor Tesoureiro do Serta, o qual venho contribuindo na sua gestão institucional, qualificação, organização e articulação das redes de negócios da agricultura familiar orgânica desenvolvidas pelos jovens e produtores formados pelo Serta.

Passei a acreditar que todo esforço é compensatório, descobri que momentos difíceis vieram para legitimar muitas conquistas intangíveis que estavam para acontecer. Ao contrário que antes, minha visão de futuro esta bem definida. O reconhecimento no trabalho, o apoio mais freqüente da família, o aumento da auto-estima, a crença e visão de futuro são resultados conquistados a partir da formação quanto pessoa, cidadão e educador possibilitada pelo Serta. Como já dizia "Não imagino o que eu poderia ser, sem essa oportunidade..."

Sou Paulo Santana, penso em contribuir com mais intensidade nas atividades de gestão institucional do Serta, na formação de jovens e produtores, no apoio e incentivo a produção e comercialização de produtos orgânicos da agricultura familiar. No futuro bem próximo, penso em aprofundar as questões da agricultura

familiar, nos espaços acadêmicos durante estudos de mestrado e doutorado. Aos meus pais agradeço pela vida, pela crença e valor a mim depositado.

3. Primeiro passo de minha transformação humana

A vinda de um ser ao mundo é algo grandioso e repleto de felicidades, também de esperanças que essa criança cresça em um mundo de paz e seja uma pessoa repleta de realizações. Foi assim, no meio dessas expectativas e anseios que eu, Mônica Oliveira, vim ao mundo sob a responsabilidade de duas pessoas especiais: João Henrique de Oliveira e Maria Fidelis de Freitas, os quais me educaram com muito amor e carinho, também com muita severidade, que agradeço imensamente, mostrando e ensinando-me princípios e o respeito para com as pessoas, aí esta meu alicerce, "Minha família".

Assim, tive uma infância maravilhosa. Era muito bom brincar com meus irmãos, que eram sete, sendo quatro homens e três mulheres, éramos em um total de oito, dos quais recebi muito carinho. Recordo com muita alegria as brincadeiras da época, (quanta inocência!) que maravilhoso correr ao redor da casa brincando de esconde-esconde, as amarelinhas, matar morreu no terreiro da casa, as brincadeiras de bonecas com as amigas (fantástico!), barra bandeira, pião, bola de gude, dentre outras brincadeiras maravilhosas, que eram vivenciadas num ritmo calmo e de muita descontração.

Vivi minha infância e durante esse período foi chegado o momento tão esperado: "Ir à escola." Que ansiedade por esse primeiro dia de aula! Aprender a ler e a escrever, tive a professora, Josiane Lima, como primeira professora e sinto-me maravilhada, pois é um ser humano doce, meiga, encantadora. Tornou meu início escolar inesquecível. Fui alfabetizada, uma satisfação enorme, tão pequena e já lendo. As séries foram mudando e os professoras também, com eles o jeito de ensinar.

Cursei o Magistério e Contabilidade, em seguida ingressei na faculdade, e pude observar como estava distante de minhas origens, ficava só imaginando o motivo

pelo qual o agricultor e filhos deles eram submetidos a tanto preconceito, eram vistos e tidos como seres que ficavam à margem da sociedade, que quem estava incluso, nessa tal sociedade, eram os homens urbanos e nesse momento esqueciam que sobreviviam na cidade por causa do homem do campo e continuavam preconceituosos e isso me incomodava bastante. Mas, afinal isso eram as reações do meio que eu estava convivendo naquele momento. Precisava está ali para minha formação e aprender a conviver com as diferenças, assim alcançar meus objetivos.

Fiz a especialização, mas não parava de pensar o porquê que era daquela maneira, pensava no dia que tudo poderia ser diferente, a começar pela educação.

Pois bem, o processo educacional anteriormente, em um tempo nem muito distante, se dava assim de maneira bastante induzida, onde não permitia que o crescimento cognitivo do indivíduo viesse acompanhado do crescimento pessoal. Não se pensava em uma educação para a vida, mas realizava-se uma educação que castrava os ideais (especialmente da criança do campo), as perspectivas de um futuro melhor, partindo de sua realidade para a transformação da mesma, castrando assim o sonho de muitos contidos nesse sistema educacional.

Tendo minha vida educacional, assim, distante de minha realidade, onde não partia de mim para o mundo, mas do mundo para mim. Sempre me fiz várias indagações, sobre as quais não tinham respostas no momento. Porém, ao deixar de ser apenas formada naquele meio, passei a fazer parte desse meio como formadora, então minhas aflições e indagações aumentaram, o que fazer pra não ser o que eram e não fazer o que fizeram comigo? Não poderia ser uma reprodução daquilo que eu não aceitava, que não achava certo, que não acreditava, pois não acreditava numa educação onde não se valorizava minhas raízes, onde não elevasse minha auto-estima, onde não mostrasse minhas potencialidades, procurava um meio para que acontecesse essa transformação que agora era também profissional, onde a vida de muitos dependia dessa minha transformação, mas não encontrava apoio, nem meios para isso acontecer. As vezes até pensava que não iria acontecer, não queria ser uma profissional transbordando de conhecimentos e ao mesmo tempo vazia, era assim que me senti quando morando na zona urbana, fui lecionar na zona rural,

e não sabia nada da vida de meus alunos. Era uma realidade totalmente diferente da minha, mesmo uma parte de minha infância tendo sido na zona rural, mas foi mostrado para mim que ali não poderia crescer, que meu potencial era inferior ao das crianças da cidade eu não poderia mostrar isso a meus alunos porque isso eles já traziam de casa , precisava mostrar que poderiam ser diferentes, que eles poderiam escrever sua própria história e ser donos dela e sendo ser ali mesmo, naquele ambiente, que para transformar sua realidade eles não precisariam sair dali.

Passando um tempo, aconteceu o que eu tanto esperava, chegou uma ONG, que seus conceitos de educação batiam com os meus, depois de viver e conhecer seus fundamentos, eu divido minha história em **ANTES e DEPOIS do SERTA**, esse é o nome da "ONG", (Uma verdadeira universidade popular) que vejo como "oportunidade de transformação" e foi isso que aconteceu comigo, pois graças a eles não sou mais aquela profissional e pude mostrar aos meus alunos que eles são protagonistas de suas histórias, que eles poderiam ser o que queriam, sem ter quer deixar sua família, sem ter vergonha de suas origens, mostrando que o homem do campo tem seu valor e precisa ser reconhecido e respeitado.

Pude perceber e ter a certeza que a educação funciona partindo de mim para o mundo e não do mundo para mim, ou seja, que o aluno precisa aprender a partir das coisas que ele conhece, da realidade dele, para daí conhecer o mundo, que ele precisa se aceitar dentro daquela comunidade e perceber-se como agente de transformação daquela realidade, que ele pode fazer o curso que quiser sem fugir de suas origens, e foi assim que passei a trabalhar, uma vez que tudo isso passou a modificar a minha vida enquanto pessoa, a ter mais objetividade, ser confiante em minhas capacidades e mais, ter a certeza que nasci pra vencer e hoje estou aqui, realizada profissionalmente, mas, sem parar de lutar por meus objetivos, sentindo prazer e orgulho em saber que participo da transformação de muitos jovens, que muitos me veem como espelho de determinação e tudo isso se dar pela oportunidade que tive nessa grande universidade popular, referência para muitos, inclusive, para mim e minha região. Foi lá que consegui respostas para minhas indagações, nem mesmo assim deixo de fazer novas indagações e reflexões

enquanto viver, que é o principal para a busca e a concretização do novo, o primeiro passo para a transformação do indivíduo.
Fiz parte de um grupo que visava difundir a Peads (Proposta Educacional de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável), em outros municípios. São espetaculares todos esses momentos vividos, que faltariam folhas para redigir todo processo de transformação, porque não pára de acontecer. E é assim, educação para o desenvolvimento do ser tem que ser continua e holística, por isso agradeço sempre a oportunidade de ter participado desta instituição que **transforma não por transformar, mas para mudar.**

4. Quando conheci o SERTA percebi que era essa oportunidade que faltava...

Como todo descendente de cidade de interior, minha raiz materna e paterna surge do campo. Meus pais nascidos e criados na zona rural do município de Feira Nova em Pernambuco, mas migrados para constituir família na zona urbana deste mesmo lugar, surge à primogênita do casal, que na verdade esperavam por um primogênito, mas por ironia do destino, nada melhor do que uma menina, que revolucionaria os princípios familiares de relação com a menina - mulher.

Entre os quatro filhos, há duas mulheres e dois homens, meu pai comerciante, minha mãe dona de casa, foi nessa estrutura que a família de classe média baixa se desenvolveu. Os filhos não precisavam trabalhar para complementar renda, pelo menos até aquela fase de criança e adolescente, o casal conseguiu garantir o acesso e permanência dos filhos à escola. Minha infância foi aproveitada em cada fase, as brincadeiras, os brinquedos, a relação com os colegas, à primeira bicicleta, tudo isso são lembranças daquela boa época.

Uma lembrança muito clara daquela garota extrovertida, era a vontade de estudar. Diferente de algumas crianças, minha mãe não precisava levantar cedo para me colocar para escola, pois eu gostava muito de estar naquele espaço, portanto, não precisava de esforço ou incomodo das pessoas, bastava chegar à hora que ali estaria a garota indo à escola com as colegas, sem a dependência do adulto, vale

considerar também que a escola não era tão distante, mas a grande maioria das crianças tinha o acompanhamento do adulto até lá, mas sinceramente eu gostava da liberdade de fazer aquele percurso sozinha ou acompanhada por pessoas da minha mesma faixa etária.

A escola era o espaço que me ajudava a desenvolver e fazer o que gosto, construir novas amizades, passear, conversar com as pessoas. Com essa facilidade de relacionamento fui aluna representante de turma por várias vezes, participava dos eventos da escola e me relacionava muito bem com as pessoas. Já com a família tinha alguns problemas de relacionamentos com minha mãe principalmente, pois o pai passava para ela essa responsabilidade do cuidado com os filhos, no entanto, minha mãe não entendia essa maneira de querer me relacionar com as pessoas e com o mundo.

Bem sucedida nos estudos, quando conheci o Serta (Serviço de Tecnologia Alternativa), tinha quatorze anos de idade, estudava 1º ano do ensino médio e fui convidada por uma professora para participar de alguns encontros no campo da sementeira (sede do Serta) representando a escola, pois na época sabíamos que ali naquele espaço iria ser desenvolvido alguns cursos para jovens que até então não saberia de fato o que era. Pensávamos em participar de alguns cursos de computação ou outros que nos ajudasse a arrumar um emprego. Depois de alguns encontros, surge o edital para seleção da 1ª turma de ADL (Agente de Desenvolvimento Local) alguns colegas não se inscreveram, pois acreditavam ser uma coisa sem futuro e do campo, não teria coisa boa para nos dar, mesmo assim fiz a inscrição e fui selecionada. Essa foi a oportunidade que faltava na vida daquela garota. As formações em desenvolvimento pessoal, social, direito e cidadania, ajudou mais do que nunca para o desenvolvimento da pessoa que até então não sabia muito bem como usar suas forças, vontade, indignação, foi como juntar o útil ao agradável.

É claro que esses dons eram espontâneos, mas foi depois dessa oportunidade e processo formativo que ficou mais evidente. Pude usar meu esforço para contribuir com as transformações sociais, vale aqui pautar minha experiência durante a

formação com o núcleo de direito e cidadania, chegava um módulo da formação que cada jovem escolheria um núcleo para se "especializar," digamos assim.

Foi no Direito e Cidadania que, na época, era coordenado por Conceição Silva ou "Ceiça" como todos a conhecem, que fizemos uma pesquisa no município de Feira Nova, para saber como estava a situação das pessoas com "necessidades especiais" tema escolhido de mais relevância para trabalhar e por em prática o que havíamos aprendido. Daí surgiu a mobilização das autoridades locais, estávamos em um seminário municipal organizado por nós para apresentar os dados da pesquisa para as autoridades, secretários, conselhos, a partir de cada dado que expomos, íamos refletindo as condições familiares, sociais, econômicas dos envolvidos. Percebemos que era um contexto muito maior a inclusão desse público social, mas conseguimos comprometer o secretário de educação da época Maurílio Mendes a atender uma vontade daquelas mães ali presentes, colocar os filhos na escola. Foi a partir daí que no município, surgiu a primeira sala para pessoas com necessidades especiais, uma ação que tornou política pública que até hoje é mantida pela gestão municipal desde 2001.

Atualmente tenho 25 anos, moro na zona urbana de Glória do Goitá, tenho 3° grau completo, com especialização na área de educação, tenho participação social em conselho e sou professora. Como pessoa, continuo sendo aquela que gosta de fazer amizades, de passear, conversar, estudar. Uma mudança muito significativa na minha vida é a maneira da leitura de mundo e vontade de diminuir com essa desigualdade social presente.

Minha relação com a família ficou mais alinhada, pois passei a ser referência para tomada de decisão, organização dos processos e mais ainda passei a ser mãe também, o que me deixa mais madura como pessoa, mulher e filha. Minha expectativa de futuro agora é clara, pois tenho certeza que pretendo continuar atuando na educação por perceber que a mudança das pessoas, parte da formação e oportunidades.

As mudanças mais significativas em minha vida a partir do Serta estão ligadas a relação pessoal e profissional. Foi a partir dessa vivência que pude tornar-me mais humana socialmente e conseguir me encontrar profissionalmente, o que foi muito mais surpreendente, pois mesmo não tendo clareza do que seria no futuro eu sempre comentava que não gostaria de ser professora por ouvir dizer que não ganha bem, os alunos não querem nada com a vida, que chega a ter um auto grau de stress, entre outros problemas do profissional da área, quando vi que no Serta os professores/as eram motivados, existia uma relação muito boa com os alunos, foi a partir daí que pude perceber e construir um novo modelo de professor e metodologia na educação. Sou Gilmara Almeida e acredito na transformação social através da educação.

5. Ah, se eu o houvesse conhecido antes!

Sabiam vocês que meus pais esperavam muito por mim? Acho que sim. Mais não sabiam eles qual seria meu sexo, e o meu nome. Eles escolheram tanto. Ah! papai talvez por ser homem queria outro e a mamãe não parava de fazer lacinhos. Engraçado, naquela noite do dia 09/12/1985, papai muito nervoso, não parava de andar nem de olhar para um lado e para outro e a mamãe na sala de parto. De repente, a enfermeira gritou: "Foi uma menina!" Nasci com 3,5kg, medindo 50 cm. Papai não acreditou muito e mamãe ficou lá. Depois de alguns instantes, trouxeram-me e logo me conheceram, ficaram sabendo quem tinha nascido. Eu, Anuska Kathalyne Figueirôa Alves.

Sou a segunda filha entre 3 irmãs, filha de Zózimo Ferreira Alves e Maria José Figueirôa Alves.

Segundo Ecléa Bosi (1979), através da memória, não só o passado emerge, misturando-se com as percepções sobre o presente, como também desloca esse conjunto de impressões construídas pela interação do presente com o passado que passam a ocupar todo o espaço da consciência.

Em 2003, chegou o tão esperado 3° ano, minha turma era de 64 alunos e a maioria entusiasmados em fazer vestibular, percebendo a necessidade, a escola inseriu aulas extras duas vezes por semana no turno da tarde e adotou simulados que somaria pontuação juntando com a nota da prova, testes e resultaria na nota da unidade.

Chegou o dia da nossa formatura do 3° ano, e hoje carrego saudades do colégio e dos meus amigos. Prestei vestibular para Psicologia na Universidade Federal de Pernambuco. Não obtendo bons resultados, não pensei em desistir ou fazer cursinho, preferir prestar outra seleção de vestibular em faculdades particulares. Foi um período muito difícil, pois meu pai havia ficado desempregado e só quem trabalhava na minha casa era ele.

Em 2004, aos 18 anos, comecei o curso de Pedagogia, a primeira turma da FACOL. Esse curso era a minha segunda opção, já que não havia passado para Psicologia na UFPE

Foi passando o primeiro período, algumas pessoas desistindo do curso, e eu comecei a tomar gosto. Muito tímida, quando começava a apresentar os seminários ficava toda vermelha, era muito engraçado.

Pudemos vivenciar muitas experiências, aprendemos muito. Quantos momentos inesquecíveis!

Em 2004, quando cursava o 4° período, participei de uma seleção para estágio pelo CIEE (Centro de Integração Empresa – Escola), onde fui selecionada e trabalhei por dois anos na Supervisão Pedagógica e Coordenação Geral de Ensino da Escola Agrotécnica Federal de Vitória de Santo Antão, hoje IFPE - Vitória (Instituto Federal Pernambuco Vitória), onde aprendi muito, posso dizer que foi um processo de aprendizagem indispensável para um profissional desempenhar suas atividades futuras, sua carreira, pois a medida em que começamos a ter contato com a prática,

as tarefas que o estágio lhe oferece, começa a assimilação de tudo o que foi visto e porque não dizer, o que ainda será visto na teoria.

Ano de 2007, conquisto mais um espaço, concluo o curso de Pedagogia, uma realização profissional, que me sinto habilitada para a educação, tanto nas funções pedagógicas, como nas administrativas, capacitada para atuar em diversos outros segmentos industriais e comerciais.

Durante o curso contei com grandes profissionais, mestres e célebres seres humanos que puderam compartilhar comigo muito mais que o processo de ensino/aprendizagem, compartilharam experiências, vivências, amizade e carinho.

A atualização profissional deixou de ser uma opção para ser também uma condição e uma necessidade dentro do exercício da profissão. Uma vez que temos ambientes cada vez mais concorridos quanto por exigência natural do mercado, onde a todo instante se vêem antigos meios e conceitos sendo aperfeiçoados ou superados.

Motivada, comecei a Pós graduação (latu senso) na FACOl, Pedagogia: Gestão e Planejamento, posteriormente iniciei uma outra pós em Psicopedagogia.

Em 2009, através de uma amigo, conheci o trabalho do Serta (Serviço de Tecnologia Alternativa), no qual fui convidada a participar deste grupo de Extensão, me encantei pelo trabalho desenvolvido pelo mesmo. E digo: "Ah, se o houvesse conhecido antes!"

No decorrente ano, desenvolvo as seguintes atividades profissionais: leciono e atuo como Técnica pedagógica.

Todo esse contexto me levou a uma releitura do ser humano, compreendendo como um ser plural, tornando minha prática pedagógica renovada e revigorada conjuntamente, analisando os fatores sociais, econômicos, culturais e políticos da sociedade contemporânea que empregam transformações dinâmicas e vorazes em meio às novas tecnologias.

6. As histórias serão outras...

Às cinco horas do dia 31 de janeiro do ano de 1985, numa tarde com um sol ameno, foi assim que me informaram, em São Paulo nascia um sonhador, segundo filho de três irmãos de um casal: Maria do Socorro de Freitas, alagoana e José Caetano de Freitas, pernambucano, que como a maioria das pessoas do nordeste, daquela época, tinha deixado suas terras em busca de novas oportunidades, e foi através desta busca que gerou este encontro, nascia a família Freitas.

Minha vida passou por diversos "nascimentos", o primeiro foi a minha chegada a este mundo, reza a lenda que eu chorei tanto que não sabiam se era de felicidade ou de tristeza, se os presentes na sala de parto soubessem do que me esperava saberiam o porquê do meu choro, o fato é que depois de terem me tirado da segurança do ventre da minha mãe eu e minha família viveríamos em São Paulo por mais três anos, porém devido o alcoolismo do meu pai, minha mãe achou melhor se separar e se mudar para Brasília, onde parte da família dela morava, é aqui que começa o meu segundo nascimento.

Após algum tempo, meu pai procurou minha mãe para uma reconciliação, desse reencontro nasce o terceiro filho do casal (são três filhos, o Roberto, eu e a Sara), morávamos em uma chácara, mas não como donos, nos instalaram em uma antiga fornalha de preparar tijolos. Passamos por muitas dificuldades neste período e mesmo com o nascimento da minha irmã, a felicidade da família não era constante, minha mãe não suportando mais a estrutura que nos ofereceram para morar decidiu que deveríamos mudar para o interior de Goiás, aqui neste momento acontece o meu terceiro nascimento.

Nos mudamos para o interior de Goiás, para o distrito Jardim Ingá, nunca mais erro este nome. Nesta localidade foi onde parte de minhas filosofias foram construídas, conheci muita gente, e me conheci também, mas acima de tudo conheci a face negra do alcoolismo do meu pai na vida da minha mãe, muitas vezes a polícia

chegava lá em casa, devido a solicitação dela, para levá-lo para evitar que ocorresse o pior. Neste período eu criei uma raiva do meu pai, não entendia por que ele tratava minha mãe daquela maneira.

E esta situação me prejudicou bastante no ambiente escolar, neste período, estava cursando a 2º série do ensino fundamental (a qual repeti duas vezes) e não sabia ler direito. Em uma aula qualquer, mas a pior para mim, minha professora olhou o meu caderno e viu que eu tinha escrito o nome da cidade errado, ela levou o meu caderno pra frente da turma e redigiu o nome igual ao do caderno e mostrou meu erro, acompanhado do "elogio" de burro, foi minha pior experiência escolar.

Tempos depois esta professora procurou uma psicopedagoga da escola que me examinou, e que deu o diagnostico que eu tinha Déficit de Aprendizagem, esta passagem minha mãe nunca soube. Pois, a solicitação do comparecimento dela à escola eu rasguei no caminho aos choros.

Porém, apesar disso eu era um menino travesso e esperto também, gostava de brincar com meu irmão mais velho (que é meu ídolo até hoje), ele era meu parceiro em tudo, até na loucura de montar uma bicicleta do lixo. Lembro como se fosse hoje a primeira vez que eu e ele saímos naquela bicicleta montada do lixo, os meninos da rua riam de nós, pois as peças iam caindo pelo caminho, eu tinha um dez anos e meio e nunca esqueço o que o Roberto me disse quando estávamos guardando a bicicleta: "Esquenta não, ela vai ficar boa, eu confio em você." Foi a primeira vez que alguém tinha dito isso para mim, até hoje acho que o meu irmão não tem a noção do que aquela frase representou para mim. A bicicleta, anos depois, virou motivo de inveja na minha rua. Ela era o meu "possante" em duas rodas.

Moramos em Goiás até 1997, quando minha mãe achou melhor para a família vir para Pernambuco, e aqui começa o meu quarto nascimento.

Chegamos à Pernambuco em 1997, o ano que o estado chorava a perda do seu cantor mais revolucionário, Chico Science, que seria a trilha sonora deste

sonhador. Eu estava com 12 anos de idade no auge da minha bronquite alérgica e dos meus questionamentos sobre o mundo, moramos no Sítio Pitombeira, na Zona Rural do município de Feira Nova, uma cidade que está localizada na mesorregião Agreste e na Microrregião Médio Capibaribe e da Bacia do Goitá do Estado de Pernambuco.

Aos 16 anos, eu me perguntava: "O por quê de tantas coisas, o que me haviam roubado que eu não sabia ou não conhecia?"

Depois descobri, não tinham me roubado, apenas se escondia de mim: O futuro.

Aqui começa o meu quinto nascimento, quando o sonhador conhece a fábrica de sonhos, era o ano de 2001, quando eu conheci o Serta - Serviço de Tecnologia Alternativa, uma OSCIP que atuava na Bacia do Goitá - composta pelos municipios, Feira Nova, Gloria do Goitá, Lagoa do Itaenga e Pombos, desde 1997. Eu participei da seleção do projeto piloto dos ADAC's -Agentes de Desenvolvimento da Arte e da Cultura, também existia na instituição outra formação de jovens os ADL's - Agentes de Desenvolvimento Local.

Só participei da seleção porque tirei duas cópias da ficha de inscrição que tinham acabado, e por sorte minha e do meu irmão duas pessoas esqueceram de entregar, então, eu e meu irmão ficamos no lugar deles.

A primeira impressão que eu tive do Serta foi a sensação que o campo poderia ser diferente daquele que eu convivia, o ambiente era inspirador parecia que fervilhava de oportunidade e criatividade, isso se dava pelas tecnologias, a metodologia e os conceito aplicados.

Confesso que não esperava ser selecionado, porém fui, nos primeiros meses de formação as mudanças eram visíveis, tanto no ambiente social, cultural e familiar, me aproximei ainda mais da minha família (que é minha estrutura, o meu forte) e da cultura pernambucana, que mesmo sendo paulista sou apaixonado e defensor ferrenho, após a formação de ADAC, formamos um grupo de jovens formandos e

egresso e realizamos a 1ª MAC - Mostra de Arte e Cultura em Feira Nova primeiro movimento artistico e cultural realizado até então.

Porém, os frutos foram muito além desta mostra de arte e cultura, em 2006, consegui através do Prouni - Programa Universidade para Todos, uma bolsa de estudo para o curso de Administração, para quem foi diagnosticado com deficit de aprendizagem isto é uma grande evolução, não foi nada fácil para mim, negro, filho de agricultores e de familia humilde, imaginar estudar com pessoas que tinham maior poder aquisitivo. Eu sempre me perguntava: "Como vai ser esta relação, será que vou sofrer discriminação, como posso reverter este quadro?"

O que eu não imaginava é que a academia seria apenas um complemento da minha formação de ADAC, afinal de contas, eu era fruto de uma Universidade Popular.

Nos primeiros meses eu tinha medo e vergonha de me colocar perante a turma, mas quando a ficha da minha formação caiu e que eu entendi, de fato, o que tinha representado para mim a formação. Ah, ninguém conseguiu me segurar, um mês depois do inicio das aulas eu olhava para o espelho e falava para mim mesmo: "Negro, tu és diferente, quem era você? E se aquela professora da 2º série te visse hoje?" E ria muito sozinho, era a minha consagração, era a realização particular.

Hoje tento através do meus conhecimentos, aplicar em soluções para a comunidade. Esta é uma forma de devolução das oportunidades que tive, muitas destas eu devo ao Serta e a metodologia da Peads - Proposta Educacional de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável.

Não posso afirma que toda minha (r) evolução esta ligada ao Serta, foi uma gama de ações e oportunidades que proporcionaram isto, porém, o Serta sem dúvida é uma das mais importantes.

Ainda me pergundo muita coisa sobre o que me aconteceu, o que motivou a minha familia a fazer o caminho inverso da maioria dos nordestinos. Hoje eu tenho a convicção que esta não foi minha saída devido a oportunidade que a Peads me deu

em entender e valorizar o meio onde eu vivo, de entender minha familia (meu pai, tão amado e odiado, hoje esta reconquistando o coração do sonhador), é inegável afirmar a importância da (r) evolução gerada pelo Serta na Bacia do Goitá.

Cada jovem engajado, um com a proposta da educação no campo, outros com a diseminação de tecnologias, de segurança alimentar e com a arte e cultura local, e é esta atuação que permite o sonho de um desenvolvimento, um futuro, e da certeza que outras e melhores histórias serão contadas daqui pra frente, porém, esta história, a história do sonhador ANTÔNIO CARLOS DE FREITAS com certeza continua...

Meu povo não vá simbora
Pela Itapemirim
Pois mesmo perto do fim
Nosso sertão tem melhora
O céu tá calado agora
Mais vai dar cada trovão
De escapulir torrão
De paredão de tapera

João Paraibano, Cordel do Fogo Encantado.

7. Nada acontece por acaso... Tudo tem uma finalidade.

Minha história tem início a 30 de agosto de 1986, na cidade de Bom Jardim, quando fui acolhido em meu primeiro dia de vida por meus pais, e me foi dado o nome de Wellington Brito Barbosa. Na mesma data, horas antes de minha adoção por José Brito Barbosa e Maria das neves Barbosa, fui levado a várias famílias, que deram diferentes explicações e justificativas do porque não poderiam me acolher. Mas, como nada é por acaso, tive a grande sorte de ter sido aceito por pessoas muito carinhosas, que o fizeram incondicionalmente. Lembro que, aos cinco anos de idade, minha mãe me conta uma estória de uma mãe, que por não ter condições financeiras de criar um filho e por querer que o mesmo tivesse uma melhor vida

lhe oferece a outra família, que esperava proporcionar-lhe um futuro melhor, ao terminar de proferir essas palavras a interrompi em sua locução e perguntei-a: “Esse menino da história sou eu, né?”. A partir daí fiquei sabendo, em parte, minha origem. Pois, até hoje, estou juntando forças para buscar minhas verdadeiras raízes.

Nos estudos, sempre frequentei escolas públicas, das quais nunca me envergonhei e tinha bastante afeição pelas disciplinas de ciências e estudos sociais. Lembro-me, com saudade, de como a vida era simples e boa, sem muitas vans preocupações.

Na época, meu material escolar se resumia a uma bolsa plástica, daquelas de um quilo, que você comprava açúcar no supermercado, sendo utilizada para carregar o caderno e um lápis com uma borracha. Essas lembranças dessa época funcionam para mim como um porto seguro, me ajudando a perceber o quão simples e feliz a vida pode ser.

Da mesma forma que as outras pessoas, passei pela adolescência, aquela fase conturbada também fui um bom “aborrecente”, nesta época, percebi que não tinha os mesmos gostos musicais que os outros adolescentes de minha cidade. E esse gosto me levou a aguçar minha criticidade ao conhecer músicas, das quais, correspondiam ao que eu queria ouvir e aos meus sentimentos. Elas davam forma a minha revolta e descontentamento. Esse estilo denominado rock, mais especificamente, o hardcore, com suas músicas de protesto me fez despertar e pensar nos problemas e mazelas da sociedade.

Ao terminar o ensino médio, comecei a fazer um curso técnico em enfermagem, do qual, estudei um ano, depois desisti, ao ver que estava por vir à parte prática e isso era muito difícil para mim... Após isso, passei um ano sem muitos planos, isso, meio que, me fez chegar onde estou... Digamos que, pelo caminho mais difícil. Nesse dito ano, que prefiro denominar de: “Época em que exercitei o ócio criativo”, martelava em minha cabeça quais seriam os próximos rumos de minha vida, foi então que, em uma das reflexões, decidi ingressar em uma busca pelo conhecimento próprio. De onde vinha toda aquela insegurança, dúvidas e incertezas. Na época, tinha apenas

aqueles conhecimentos distorcidos, pejorativos e generalizados de que "psicólogo" era coisa para loucos e desajustados, mas, ao entrar no curso de Psicologia comecei a ver o intuito real de uma ciência tão nobre com a finalidade de aliviar o sofrimento e de certa forma, conceder ao indivíduo as rédeas de sua vida, ajudando-o a ser mais resiliente frente aos fenômenos decorrentes de uma sociedade cada vez mais doente e, adoecedora.

O por que do caminho mais difícil? Só depois de conhecer melhor a Psicologia e me submeter à psicoterapia, aí sim, pude começar a empreender minha caminhada rumo ao conhecimento próprio.

E foi, justamente, essa trajetória que me trouxe a conhecer o Serta (Serviço de Tecnologia Alternativa), por intermédio de uma amiga da faculdade, a quem agradeço muito por ter me apontado tal lugar, do qual espero chegar a trazer uma grande contribuição com minha participação.

Após escrever minha história de vida pude refletir e chegar à conclusão de como teria sido rica a experiência de entrar em contato com o Serta em minha adolescência.

8. Minha história...

> *A vida não nos exige sacrifícios inatingíveis; ela nos pede que façamos nosso caminho com alegria no coração e que sejamos uma bênção para os que nos rodeiam, de forma que, se deixarmos o mundo apenas um pouquinho melhor do que era antes da nossa visita, teremos cumprido a nossa missão.* Dr. Bach.

Hoje me pergunto: "Porque estamos aqui, qual a nossa contribuição para a sociedade?"

Acredito que viemos ao mundo com um objetivo e, esta frase de Dr. Back me inspira, pois assim como ele, acredito que, se deixarmos o mundo um pouquinho melhor do que era antes da nossa visita, teremos cumprido nossa missão.

Tenho tentado fazer valer estas idéias nos espaços que ocupo. Um desses espaços é na sala de aula, onde me realizo como profissional, como professora, como educadora que me possibilita enxergar outros horizontes que ainda não tinha vislumbrado.

Minha formação me tornou uma jovem batalhadora, ciente de meus objetivos, e crente que é possível provocar mudança na vida das pessoas, interferir na realidade social em busca de melhores oportunidades. Esta formação cidadã que tive, me fez perceber o âmago das problemáticas sociais, da arbitrariedade das relações de poder que emanam da cultura dos povos. Hoje sou crente que é possível buscar alternativas, que é preciso fazer transformação social. Esta minha formação cidadã está ligada também ao trabalho de uma instituição que passou a ser a minha escola, na minha adolescência.

Logo cedo, aos 15 anos conheci o Serta - Serviço de Tecnologia Alternativa, onde ingressei na formação de ADL - Agente de Desenvolvimento Local. Não me identificando com o curso pensei em desistir, mas neste mesmo período me inscrevi para participar de um curso de teatro, quando foi criada a Cia. de teatro Chão da Terra com a peça "Nossa gente, nossa história". Encenar sobre a realidade social que era o drama das famílias em busca de oportunidades na cidade grande me levou a refletir os porquês da vida. Esses porquês me possibilitaram ter a visão crítica da sociedade que tenho hoje.

9 - Você começa com uma escolha

Tudo começou em 1999, cursando a 8ª série na Escola Intermediária Joaquim Coutinho Correia de Oliveira, tida como escola referência, renomada naquela época. Localizada em Apoti (distrito com cinco mil habitantes), aproximadamente

14 km da sede do município - Glória do Goitá - PE. A 8ª série era muito temida, de fazer escolhas, pois era exatamente o momento de definir o futuro e como de práxis surgiam às perguntas: “E agora o que vou fazer, continuar o ensino médio, ir a São Paulo, Rio de Janeiro, trabalhar como doméstica no Recife?" Essas perguntas eram comuns naquela ocasião entre as jovens de minha idade. Hoje, fico me perguntando como responder aquelas perguntas com 14 anos de idade? Certamente seriam respostas prematuras.

Como diz o ditado popular é preciso perder para ganhar, ou vice-versa, e foi isso que aconteceu comigo, justamente em 1999. Ano que me marca por dois grandes acontecimentos. O primeiro foi à morte da minha mãe, aos 39 anos ela dorme e não acorda e o segundo foi conhecer o Serta (Serviço de Tecnologia Alternativa), isso já no final do ano, quer dizer, conhecer muito por longe como diz vovó Nedina, mas confesso, não sabia que a partir daquele momento, eu estaria conhecendo a instituição que num futuro muito próximo, mudaria minha concepção de ver e ler o mundo.

Lembro-me como hoje, quando Sebastião Honório chegou à escola informando sobre um projeto que o Serta estaria executando e quem tivesse interesse poderia se inscrever. O Serta ainda era desconhecido na cidade e na região. Em particular fiquei curiosa e de imediato fiz uma escolha certa, pois assim como no Pequeno Príncipe “você começa com uma escolha”. Uma oportunidade aparecia no meu caminho e aos poucos eu encontrava respostas para as perguntas que o mundo me fez de uma forma muito precipitada. Uma certeza eu tinha: Não deixaria meu sítio Gameleira pelas ilusões oferecidas nos estados do sul do país. Depois de muito pensar fiz minha inscrição, na verdade, preenchi um grande questionário e pela primeira vez fui provocada a pensar os primeiros passos de uma visão de futuro, elemento até então desconhecido na minha prática diária, isso, estudando a primeira série do ensino médio. Eu também sabia que meu destino era consequência de minhas escolhas e que meu pai não tinha condições financeiras suficiente para oferecer um “futuro brilhante” como costumam dizer na minha comunidade, mas o tempo todo ele esteve por perto, me apoiando em todas as minhas escolhas, chegou até a cortar cana com meu irmão mais velho, numa

situação puramente miserável, pois as políticas que deveriam ser públicas mal chegaram a minha família, os direitos básicos garantidos no Artº. 222 da Constituição Federal Brasileira foram nos negados, como se fosse algo normal para as pessoas que assim como eu morávamos no meio rural. Interessante que minha história não é diferente das histórias de muitos (as) jovens que ainda pagam um preço muito alto, em virtude da ausência de uma política social marginalizada, que é capaz de tirar a capacidade de sonhar e a esperança de um povo.

Finalmente chegou o grande dia, aula inaugural (2000). Para minha surpresa encontrei muitos (as) convidados (as) e descobri que a formação oferecida não era apenas para Glória do Goitá, mas sim para um conjunto de municípios, denominado Bacia do Goitá. Imagine que situação difícil para uma pessoa tímida. O bom dia, o como vai, o nome saía "na lei do apulso". Tudo foi muito novo, principalmente quando a pessoa era influenciada pelos dogmas das igrejas e onde tudo era falado em nome de Deus. Mas **foi lá** onde tudo aconteceu, onde descobri que sou gente, que posso sonhar e que sou capaz de influenciar e transformar meu entorno, uma vez que a minha própria realidade torna-se objeto de estudo. E como já dizia Paulo Roberto – ADL, primeira turma – Glória do Goitá:

> A coisa melhor que descobri no Serta foi que agora posso sonhar!... Não tinha projeto de vida, e descobri que hoje eu tenho! Eu não imaginava que era capaz de fazer tantas coisas que faço hoje... Minha vida se divide em duas etapas, uma antes do curso ADL e outra depois... Foi olhando para o quem sou eu que me descobri e passei a me aceitar... Quem imaginava que eu trabalhando numa granja teria esse dom para a informática que tenho hoje?! Em casa ninguém reconhecia as minhas qualidades e hoje me respeitam, me escutam, me consideram... A confiança que minha mãe deposita em mim é grande demais.

O depoimento de Paulo comprova que não estou falando de uma ficção literária, mas de uma formação que mudou a vida de uma geração na Bacia do Goitá.

A formação obtida no Serta se diferenciou de muitas outras que já tive, primeiro por sua metodologia inacabada e segundo por valorizar minha pessoa enquanto produtora de conhecimento, sempre confrontando a teoria x prática. O importante era que minha família, propriedade, escola estavam sendo pesquisadas e estudadas nas mais diversas áreas do conhecimento, diferente da minha outra escola que só reproduzia uma prática didática falida, a considerada dona do conhecimento. Não foi nela que estudei Paulo Freire, Piaget, Leonardo Boff, Marx, Gandhi, Morim entre outros estudiosos renomados que se fosse para descrever não caberiam neste livro. Falar da minha trajetória no Serta é muito emocionante, pois é falar da resignificação da história. E como

> ... a história não deve ser pensada apenas como resgate do passado, mas sim utilizada como marco referencial a partir do qual as pessoas redescobrem valores e experiências. Reforçam vínculos presentes. Criam empatia com a trajetória e podem refletir sobre as expectativas dos planos futuros. (WORCMAN,).

Fazer um curso superior ainda é uma possibilidade muito remota nos pequenos municípios brasileiros, mesmo com os investimentos do Programa Universidade para Todos. Sou a primeira universitária da família, bolsista de um projeto denominado Projeto Universitário, financiado pela Fundação Kellogg e executado pelo Serta desde 2003. Fiz Letras e logo em seguida, especialização em Leitura e Produção de Textos. Lembro que no primeiro período da graduação fui convidada por Moura para acompanhar um projeto de estágio que o Serta desenvolvia com a Cooperação Sueca. A partir desse projeto vieram outros, em especial a linha de base e aos poucos fui criando referência no município e na região. Tive a oportunidade de conhecer a Europa, a África e quase todos os estados brasileiros disseminando a semente que o Serta plantou em mim. Hoje sou uma profissional realizada, tenho 26 anos e estou compondo a diretoria do Serta, algo que nunca passou por minha cabeça.

Ofereço minha história a uma mulher muito guerreira, aquela que me trouxe ao mundo, que me colocou na escola: minha MÃE.

Valdiane Soares da Silva

10 - Mergulhei...

Mergulhei, para a vida ou para a morte.
O esforço de vencer o mar bem forte
Seria certamente. Surpreendido
Fiquei, ao me sentir, a vida ilesa,
Cercado pelas águas. A surpresa
Não me abandonou, dia após dia.
Como a avezinha, que se inicia
No vôo, pouco a pouco, passo a passo,
Até cortar, voando, o alto espaço,
Eu, pouco a pouco, as amplidões marinhas
Fui conhecendo e tendo-as como minhas.[5]

Jocosamente digo: "Toda história razoável deve começar pelo começo, seja de si, ou, de algo que também se inicia".

Minha primeira respiração atmosférica se deu ao 01 de Janeiro de 1984, num domingo, quando, geralmente, se organiza os planos para o começo da semana que emerge. Vejo meu trajeto com otimismo, nasci no primeiro dia do ano, no primeiro dia da semana. É o começo que começa como deve começar todo começo, pelo começo de si ou de algo que também se inicia.

Sou Maria Albanize da Silva, filha de pais alfabetizados, Maria José de Souza e Severino Felisberto da Silva, na época da minha infância, ocupavam-se com atividades rurais, de comércio e de serviço público. Para a realidade local, zona rural de Passira, Agreste de Pernambuco, eram de classe média. E assim o foram até o final dos anos 80, quando passaram por problemas financeiros. Este evento,

[5] (KEATS, 1818 citado por BULFINCH , 2002, p. 77).

certamente, também deixou suas marcas em mim. Está em absoluta falta, tudo progressivamente impróprio, faz suas inscrições no modo de ver, de sentir o mundo, mesmo quando o indivíduo é uma criança.

Quando tive a oportunidade de finalmente consumir, optei por consumir apenas o necessário. Não sou esquerdista, do tipo anti-capitalismo, mas reconheço sua devassidão, seu apropriamento de qualquer sombra de consciência, a perversão de seu sistema, a valorização para tudo que possa gerar lucro financeiro ou status, o descaso para o que não os gera. Tudo pode tornar-se mero objeto predestinado para satisfazer o desejo alienado de um *homo* (supostamente) *sapiens sapiens*.

A propósito, a espécie humana não me fascina tanto quanto as demais, animal ou vegetal. Em especial, quanto aos felinos.

Na infância, no começo da adolescência eles, os felinos domésticos, foram minha principal inspiração afetiva. A natureza, em suas outras formas, também inscreveu seu apelo em minha capacidade apreciativa: As folhas do mororó, sua semelhança com maçãs verdes, as flores tão sofisticadas em sua simplicidade; O suporte elevador, na proporção de um mirante ou de um farol, da serigueleira no extremo do quintal, tudo isto me constitui.

Há algo mais na minha composição: Tenho um irmão, sete anos mais velho que eu, ele tem sido meu herói e arquiinimigo: Me ensinou a construir meus próprios brinquedos; Era meu principal adversário em jogos de estratégia, em especial, no Jogo da Onça x Cachorros; Me ensinou a andar de bicicleta e a fazer cálculos de dividir por dois ou mais dígitos; Me ensinou a recordar e colar figuras... Ao passo que sempre "entregou" minhas "artes" para nossa mãe; Me ensinou a guiar... Carro, motocicleta, minha vontade. Airton, meu herói, meu arquiinimigo.

Viver e conhecer o mundo físico sempre me pareceu mais apropriado. No entanto, isto não me impediu de rezar para Nossa Senhora do Desterro e o "Terço". Mas, isto foi há muito tempo, num tempo onde não conhecia a Renascença, o Iluminismo, o Panteísmo, o Niilismo, e, principalmente, não conhecia o Panteísmo,

talvez por este motivo a oração e o próprio São Francisco de Assis sempre me pareceram tão convincentes e úteis.

Dos 11 aos 13 anos, estudei em uma vila, onde outros adolescentes e jovens estudavam o Ensino Fundamental e Médio. Foi lá onde me contentava por ter torcida enquanto jogava futebol no pátio da escola, a Escola Intermediária Maria Alves de Lima.

Aos 14 anos minha família e eu nos mudamos para uma cidade na Zona da Mata pernambucana, onde foi reconstruído o patrimônio financeiro perdido. A mudança foi uma fase difícil para mim, no entanto, procurei me adaptar como pude.

Aos 16 anos, minhas tendências me fizeram enxergar o Serta (Serviço de Tecnologia Alternativa), e esta foi uma das minhas melhores iniciativas. Foi o Serta, que me ofereceu oportunidade de expressar e seguir minha filosofia, me habilitou profissionalmente como ADAC (Agente de Desenvolvimento da Arte e da Cultura), me deu oportunidade de trabalho e, posteriormente, o acesso ao Ensino Superior, a uma graduação que abrangerá diversas pessoas e possibilitará a elas dar outra dimensão às suas vidas, seus conflitos, buscando perspectivas menos nocivas para ser e estar no mundo.

É esta profissão que me dá aspiração para, por exemplo, futuramente poder acolher em um espaço natural, animais domésticos abandonados ou mal tratados. E oferecer, também para eles, "outra dimensão às suas vidas, ao modo de ser e estar no mundo." Oferecendo-lhes acolhimento e um lar, "O Lar Bastet." [6]

Jocosamente digo: "Toda história razoável deve terminar mencionando seu começo mais ínfimo".

Neste caso, o trecho do poema que inicia este texto é de Keats, da obra "Endimião", que conta a metamorfose de Glauco, o pescador, após ser transformado em uma

[6] Referência à deusa egípcia Bast, representada por corpo feminino e cabeça de felino, símbolo da fertilidade e da proteção.

criatura marinha. Sugere o espanto diante do desconhecido, da amplidão do mar, ou mesmo, da vida, a aceitação da grandeza do que é desconhecido, a possibilidade da apropriação de uma prática ou de sua aprimoração.

Tímida ou afobadamente tenho aceitado a vida que se apresenta para mim e qual é minha satisfação ao perceber que as amplidões que desconhecia, desconheço ou temia, temo, foram, são passíveis a mim.

Capítulo IV: Metodologia

Horta de Carro-de-mão
Arquivos do Serta

Capítulo IV: Metodologia

Os pressupostos que levaram a produção deste trabalho não foram identificados aleatoriamente, nasceram de práticas educativas reais e estão pautados através do método de Cardin: ver, julgar e agir. Assim como na Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire, e na construção do conhecimento.

Este trabalho não é apenas um reconhecimento a um centro universitário popular, mas é sobretudo um indicador intangível de uma "proposta que revoluciona o papel da Escola diante das pessoas, da sociedade e do mundo". É a história sendo contada a partir das experiências vividas, uma vez que *"... a história não deve ser pensada apenas como resgate do passado, mas sim utilizada como marco referencial a partir do qual as pessoas redescobrem valores e experiências. Reforçam vínculos presentes. Criam empatia com a trajetória e podem refletir sobre as expectativas dos planos futuros"* (Karen Worcman). O diferencial é que a história de vida torna-se objeto de estudo. Neste sentido, todo o trabalho foi construído coletivamente, desde a identificação dos autores (as) a produção do livro.

O primeiro passo foi estudar a PEADS, pois se compreendeu que para fazer uma análise crítica, antes de tudo, era preciso estudá-la e entende-la, só assim, seria possível desenvolver um estudo qualitativo sobre as mudanças significativas que a Proposta foi capaz de provocar nas pessoas e nas comunidades. Além da PEADS também foram estudados autores diversos para fundamentar o projeto de pesquisa e definir quais bases filosóficas seria objeto de estudo. Foram a partir desses elementos que o conhecimento empírico começou a ser confrontado com o conhecimento científico. As experiências vividas foram dando conotações e cores ás discussões e a construção coletiva.

Já o segundo passo foi escrever o projeto de pesquisa, ora, como desnaturalizar a PEADS? Como medir seus indicadores intangíveis? Como descrever os impactos do Serta na vida das pessoas, na região, no estado, no país? Como mensurar as mudanças de comportamentos, de atitudes? Estas foram perguntas que "apimentaram" muitos debates e foram através delas que foi elaborado um questionário com quatro eixos de pesquisa:

1. O que aconteceu comigo – EU e o SERTA (antes e depois).
2. O que aconteceu com a comunidade.
3. O que aconteceu com as pessoas.
4. O que aconteceu com o trabalho do SERTA (impactos positivos e negativos).

O terceiro passo foi à pesquisa de campo. As entrevistas procuraram compreender aspectos individuais e sociais dos (as) entrevistados (as) antes e depois do contato com o SERTA. Os aspectos individuais foram relacionados à idade, a escolaridade, a renda

familiar, as atividades de lazer, a vida social, entre outras. Já os aspectos comunitários relacionaram-se à própria comunidade, a leitura dela sobre o SERTA, demonstrando assim a relação da população com o poder público, as mudanças pessoais filosóficas e metodológicas, a influência na constituição de novos grupos sociais, a geração de renda e o posicionamento social.

A investigação iniciada pela entrevista aproximou o (a) entrevistador (a) do (a) entrevistado (a), propiciando contato direto entre esses indivíduos. Esse modelo (entrevista) possibilitou um roteiro flexível a respostas, dando liberdade ao entrevistado (a) de expandir-se em detalhes e emoções, caso achasse necessário. No entanto, os (as) entrevistadores (as) mantiveram-se fiéis ao roteiro não adentrando em questionamentos fora do prescrito.
O modelo constituído de pesquisar sugeriu um caráter qualitativo do estudo, onde foi possibilitado aos indivíduos dimensionar a relação do Serta com suas vivências. Compreendendo a questão levantada como algo da ordem de um fenômeno cultural, político, social, econômico composto por uma série de complexidades afins. Podendo ser interpretados a partir da fala dos (as) entrevistados (as), já que esses apresentam suas vidas antes e depois do SERTA, ou seja, tem-se a possibilidade de ter do (a) entrevistado (a) o reporte para sua história mais remota e a mais imediata, sendo suas histórias (remota e imediata) passíveis à comparação para sua vida na atualidade e, conseqüentemente, a análise comparativa do próprio (a) entrevistado (a), pela contextualização racional, afetiva, através do meio mais conveniente para cada indivíduo, a partir de suas experiências e singularidades. Esse é um aspecto pelo qual a pesquisa por intermédio da entrevista, e da liberdade de expressão que ela proporcionou, nos pareceu tão rica para a mediação interpretativa, por sua qualidade de objetivação aproximando o estudo ao objeto estudado, a partir da interação entre entrevistar, entrevistado (a) e suas impressões a respeito do objeto investigado.

A junção do quantitativo ao instrumento de pesquisa deu condições de comportar aspectos mensuráveis, observáveis dos fenômenos (cultural, político, social, econômico), referentes à atuação do SERTA, que além de oferecer o privilégio da adição de valores conduz para horizontalidade deste estudo. Atribuindo – lhe contornos de composição múltipla, bem como, oferece múltipla possibilidade de considerar o que aparece antes e depois do SERTA no Território da Bacia do Goitá - PE.

A entrevista valida a pesquisa pela dinâmica do discurso, que indica por sua lógica o valor atribuído ao fenômeno abordado e o que pode ser acompanhado a partir da análise e interpretação do que é dito. Essas são nossas impressões a respeito do aspecto qualitativo deste trabalho. Não obstante, há de ser citado seu aspecto quantitativo e os indicadores que sugerem redimensionar o estudo para uma inclinação objetiva, percentualizada, que na verdade irá [re] confirmar as impressões alcançadas pelo aspecto qualitativo da pesquisa.

Capítulo V: Análise dos dados gráficos e tabelas. Índice político, social, econômico, ambiental, cultural das pessoas

Galinheiro Urbano
Arquivos do Serta

Capítulo V: Análise dos dados gráficos e tabelas. Índice Político, Social, Econômico, Ambiental, Cultural das pessoas

1. Evidências do Protagonismo Juvenil

Assim que o Serta chegou à Bacia do Goitá, 1999 houve a princípio um choque cultural, poucas pessoas compreendiam a importância da participação dos jovens nos processos de desenvolvimento, nem mesmo os próprios jovens se reconheciam enquanto pessoas de direitos. A formação dos Agentes de Desenvolvimento Local foi o semeador e provocador das discussões políticas enfocando as juventudes, inicialmente muito inerente, sem muita crença, ao longo dos dez anos de intervenção as lideranças políticas e comunidades perceberam que não se concebe mais pensar em transformação social e desenvolvimento local, sem a participação proativa das juventudes.

A formação de jovens em Agentes de Desenvolvimento Local integra uma proposta de profissionalização e elevação de escolaridade que inclui os jovens na agenda social do desenvolvimento pernambucano. Os jovens são parceiros e sujeitos capazes de intervir na família, nos territórios, associações, escolas, igrejas, grupos de jovens, negócios e políticas públicas. Este desafio passa pela Proposta Educacional de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável Peads7, pelas estratégias de protagonismo e empreendedorismo de jovens com a mediação de educadores para a formação de uma "massa crítica" capaz de modificar o seu entorno e suas circunstâncias. A Peads trabalha simultaneamente o ensino, a pesquisa e a extensão como instrumentos de inovação, transformação e inclusão social. O processo educativo consiste em investigar as atividades econômicas e as variáveis governantes que inibem o desenvolvimento local dos territórios onde os jovens e os educadores atuam e vivem.

7 Metodologia de mobilização e de educação desenvolvida pelo Serta – Serviço de Tecnologia Alternativa.

A concepção de educação que o Serta acredita gera inclusão social despertando nos jovens, educadores e produtores a consciência de agentes de inovação tecnológica, desafiando-os para que entendam seus papéis e funções na sociedade através das relações de produção que são estabelecidas. Esta dimensão leva alunos, professores e produtores a perceberem mais nitidamente a sua interação com a economia e a sociedade, bem como situá-los como intérpretes desta realidade, em busca de uma linguagem nova, dinâmica e construtiva. A proposta pedagógica do Serta se estrutura na confluência das novas perspectivas que se delineiam para a educação do campo, para a educação profissional, para a agricultura familiar e os direitos das juventudes. Todas estas políticas apontam para a elevação da escolaridade e para uma concepção de formação profissional que proporcione compreensão global do processo produtivo relacionado à cultura e à participação política.

O desenvolvimento de tecnologias transcende as tecnologias de produção e buscam desenvolver e difundir tecnologias sociais que dinamizem a informação, a comunicação e a mobilização social. O conhecer e o fazer são contextualizados no conjunto das relações e práticas sociais, o que implica na valorização da cultura dos povos do campo e na mobilização dos valores necessários à tomada de decisões no âmbito das propriedades, das relações de convivência – família, gênero, etnia, geração – e no âmbito das políticas públicas.

O Serta acredita que o desenvolvimento do campo e dos pequenos municípios brasileiros exige profissionais – Agentes do Desenvolvimento Local - com capacidade de atuar nas diferentes esferas do desenvolvimento, mobilizando atores sociais para conquistas de políticas públicas que incidam não só na melhoria de indicadores econômicos como também sociais, culturais e políticos.

Em sua área voltada para a formação de jovens do campo, o Serta conquistou o apoio do Projeto Aliança com o Adolescente (2000-2004), da Fundação Kellogg (2005 – 2010), da Petrobrás (2005-2010), do Ministério de Desenvolvimento Agrário (2007-2010), do PRORURAL (2009-2010). No Sertão do Moxotó, Ibimirim,

e na região da Bacia do Goitá [8]foram formados, nos últimos dez anos, mais de 1.100 Agentes de Desenvolvimento Local - ADL, que vêm se destacando pelo protagonismo e empreendedorismo juvenil, em vários campos de atuação.

A formação de jovens e de produtores reflete esforço sistemático do Serta para delinear um novo perfil de agricultor e definir estratégias de assistência técnica que se coadunem com os desafios atuais da agricultura familiar. O reconhecimento da Bacia do Goitá como o Pólo da Agricultura Orgânica de Pernambuco, a partir do trabalho do Serta, teve início em 2003[9].

O SERTA fomentou diversas estratégias e metodologias coerentes com o exercício das atividades, os jovens atores e atrizes do direito e não meramente beneficiários e sujeitos de projetos assistencialistas, por isso, há hoje uma rede de instituições organizadas e geridas por jovens: Acreditar – OSCIP de Microcrédito produtivo orientado, Centro das Mulheres de Glória do Goitá - CMGG, Geração Futuro, Grupo de Informática e Ação Local – Giral e diversas associações locais atuando em torno do universo juvenil dando continuidade e alargando os conhecimentos e aprendizagens a partir da formação do Serta. Acredita - se que essas iniciativas estão contribuindo para diminuir os problemas que afetam as juventudes e ao mesmo tempo, contribuir com a garantia dos direitos. Diante de uma experiência renomada no país, sendo contada por pessoas que vivenciaram o processo é inevitável não perguntar, "qual é o segredo Moura"?

2. Indicadores Sociais

Diante da necessidade de analisar os indicadores sociais desta pesquisa uma dúvida pairou sobre nossas cabeças, o que nela não seria social, se grande parte dos indicadores nos parece, absolutamente, correlatos ao social, a conjunção de indivíduos vivendo sob as mesmas leis, associados para um interesse comum.

---

[8] A Bacia do Goitá é formada pelos municípios de Feira Nova, Lagoa de Itaenga, Pombos e Glória do Goitá, distantes em torno de 65 a 80 km do Recife, constituída pelos municípios produtores de farinha de mandioca, onde havia em 1999 forte incidência de trabalho infantil.

[9] Mapeamento das ações de desenvolvimento local por região de desenvolvimento - Projeto Renascer/Seplandes – 2003.

Nesta perspectiva, tomamos a iniciativa de discutir todo e qualquer indicador, que considerarmos relevante para a compreensão da dinâmica do Serta e sua metodologia na região da Bacia do Goitá, a fim de desnaturalizar sua contribuição para esta sociedade.

Em sua maioria o público atendido pelo Serta é constituído por jovens[10]. A adolescência é um estágio tão relacionado a aspectos sociais quanto biológicos e psicológicos. Sua concepção, que influencia a visão atual, é datada ao fim do século XIX, época da industrialização. Se os adultos eram os que se ocupavam nas indústrias, os adolescentes eram os jovens, ainda não empregados, e em processo de formação escolar: "A própria industrialização demandou mão-de-obra mais qualificada de maneira que as escolas se modernizaram para absorver o fluxo de crianças e jovens que a elas chegava." Almeida (2007, p.21)

De modo que, genericamente falando, a adolescência é a fase onde o indivíduo tem sido preparado socialmente para as atividades adultas, dentre elas, as profissionais. Esta "preparação" se dá na adolescência porque nela há o marco da mudança intelectual. Segundo a Teoria do Desenvolvimento Cognitivo[11], a partir dos 12 anos, o pensamento é formulado e concluído pela análise lógica – 4º Estágio do Desenvolvimento Cognitivo ou das Operações Formais. É onde o jovem torna-se capaz de pensar formalmente, abstrair, formular idéias, ou seja, está apto para aprender teorias e técnicas. No entanto, se as escolas e seu currículo não conseguem formar adequadamente seus aprendizes, considerando seu entorno cultural, econômico e social estará prestando um desserviço para estes indivíduos, por não atender as demandas do lugar, talvez isto explique a evasão e os altos índices de fracasso escolar.

Em Moura encontramos:

> [...] Cada comunidade tem um ou mais arranjo produtivo local que necessita ser conhecido, pesquisado, agregado valor, vendido por um preço melhor. São conhecimentos de ordem técnica e científica, cultural e artística, que exigem criatividade, envolvimento, trabalhos de equipe, de articulação, de gerenciamento. Que por outro lado, precisa de matemática, de escrita, de leitura, de ciência, de informática e de política. Do maior ou

[10] Ver Figura 1.1.1: Gráfico da idade dos pesquisados antes e depois da formação do Serta. gráfico 1.1.

[11] Teoria postulada pelo psicólogo suíço Jean Piaget na penúltima década do século XX.

> menor conhecimento desse arranjo e de suas potencialidades está dependendo a vida das famílias. E porque não estudá-lo na escola [...]. (MOURA, 2004, p. 43)

A modificação do currículo escolar há muito tem sido discutido para potencializar a dinâmica educacional com a dinâmica da vida prática dos alunos, implicando em mudanças significativas nas mais diversas esferas: subjetiva, escolar (pedagógica), social... E mesmo econômica e política, a exemplo da atuação do SERTA e sua metodologia, a PEADS[12].

Para Gardner:

> *Currículo*. Uma parte excessiva do que é ensinado atualmente é incluída primeiramente por razões históricas. Mesmo os professores, para não mencionar os alunos, freqüentemente não são capazes de explicar por que um determinado tópico precisa ser tratado na escola. Nós precisamos dar uma nova configuração aos currículos, de modo que eles se centrem nas habilidades, conhecimentos e, acima de tudo, nos entendimentos que são verdadeiramente desejáveis em nosso país hoje em dia. E precisamos adaptar esses currículos, tanto quanto possível, aos estilos de aprendizagem e forças específicas de cada aluno. (GARDNER, 1995, p. 72, grifo do autor).

É imprescindível citar Freire:

> A solidariedade social e política de que precisamos para construir a sociedade menos feia e menos arestosa, em que podemos ser mais nós mesmos, tem na formação democrática uma prática de real importância. A aprendizagem da *assunção* do sujeito é incompatível com o *treinamento pragmático* ou com o *elitismo autoritário* dos que se pensam donos da verdade e do *saber articulado*. (FREIRE, 1996, p. 42, grifos do autor).

A PEADS foi implantada em escolas da Zona Rural de Pombos, um dos municípios que compõem a Bacia do Goitá, no ano de 2000, nos dois anos seguintes a sua implantação houve melhora nos índices de aprovação, além da boa simbolização da Proposta por parte do alunado, pais, professores e comunidade do entorno

[12] Proposta Educacional de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável.

escolar[13]. O relato de uma mãe de aluno demonstra a boa simbolização da Proposta:

> O aluno precisa estudar a partir do seu município, pois ninguém pode conhecer o mundo sem conhecer sua casa; é uma questão de lógica e de princípios. Continuar estudando sem considerar a realidade é como subir uma escada pulando degraus com passos que não alcançam. (SANTOS; BARBOSA; SILVA, 2006, p. 56).

A contribuição do SERTA e sua metodologia às escolas locais, para não mencionar sua própria formação de jovens, possibilita agregação de valor ao currículo, acrescenta conhecimentos a respeito das realidades locais, valoriza o conhecimento político e a possibilidade de interferir neste processo.

A evasão e o fracasso escolar, que sublinhavam a história recente dos jovens da Bacia do Goitá, a exemplo de outras regiões brasileiras, parecem ser contrastados com a continuidade da formação escolar, até a formação superior e especializações. [14] A ação do SERTA é acima de tudo educacional e política, técnica e produtiva, talvez por este motivo seja capaz de se perceber que a valorização da educação, concomitante com a valorização dos indivíduos como cidadãos, responsáveis pelo curso de suas vidas e de seu entorno cultural, político e social fomentou a compreensão da relação direta entre instrução intelectual e desenvolvimento.

Nesta corrida pela formação nota–se que um número significativo de indivíduos passou a residir[15] nas áreas urbanas de seus municípios ou de outros e mesmo na capital do estado. Atribui – se a este fenômeno a busca pelo ensino superior e especializações apresentado, ainda, com maior diversidade em cidades maiores ou na capital; Outro aspecto é a demanda de trabalho[16] na zona urbana oferecida para

---

[13] Ver a este respeito no livro Múltiplos Olhares de uma Caminhada Pedagógica: Proposta Pedagógica de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável – PEADS. Capítulo 3. Glória de Goitá: SERTA, 2006.

[14] Ver Figura 1.3.1: Gráfico da escolaridade dos pesquisados antes e depois da formação do Serta.

[15] Ver Figura 1.2.2: Gráfico da moradia dos pesquisados depois da formação do Serta.

[16] Ver Figura 1.5.1 Gráfico sobre o trabalho e renda dos pesquisados antes e depois da formação do Serta.

os jovens formados pela instituição, que atendem ao terceiro setor, a programas de desenvolvimento do governo federal e projetos do governo estadual e municipal, bem como, na área educacional e na comercialização da produção agrícola orgânica. É notória a expansão das possibilidades de trabalho, aumento da renda[17], anteriormente a renda estava significativamente quantificada em um salário mínimo ou em sua inexistência. Posteriormente a renda apresenta–se, substancialmente, maior que um, que quatro salários mínimos. O quadro demonstra o aumento do número de indivíduos com renda, bem como, o aumento da renda. Sugerindo qualificação e especialização profissional. Percebe-se nestes indivíduos entrevistados certa peculiaridade metodológica em suas atuações profissionais, sociais, há neles comprometimento com questões individuais e coletivas.

Como exemplo do comprometimento com questões individuais e coletivas há a participação em grupos[18]; anteriormente ao SERTA a participação em grupos sociais apresentava–se, significativamente reduzida a grupos religiosos e menos expressivamente em grupos de arte e cultura, esporte, sindicato, associações e grupos de comunicação.

Posteriormente há aumento de grupos sociais, novos grupos foram criados, há diminuição da participação em grupos mais tradicionais, tais quais, os religiosos e aumento da vinculação a outros grupos, ou mesmo, criação de novos grupos: arte e cultura, associações, produção orgânica, relacionados ao meio ambiente, acadêmicos, comunicação, conselhos, cooperativas, educação, esporte. Sugere ampliação da compreensão das necessidades pessoais, sociais, aumento da iniciativa coletiva, visto que os grupos formados não estão diretamente associados à instituições governamentais ou religiosas, sugerindo o aguçamento da consciência social, como reflexo de um processo conscientizador, que baseia-se no uso de material individual e social disponível.

---

[17] Ver Figura 1.6.1: Gráfico sobre a renda dos pesquisados antes e depois da formação do Serta.

[18] Ver Figura 1.4.1: Gráfico sobre a participação em grupos sociais dos pesquisados antes e depois da formação do Serta.

Do ponto de vista social o material disponível utilizado é o Capital Social dos indivíduos e das Redes Sociais, viabilizando a socialização e ação por grupos.

Parafraseando Costa na conceituação de Capital Social: "[...] *Capacidade de interação dos indivíduos*, seu potencial para interagir com os que estão a sua volta, com seus parentes, amigos, colegas de trabalho, [...]" Costa (2005, p.04, grifo do autor).

A utilização destes materiais é parte da proposta do SERTA e alimenta uma nova cultura social entre os indivíduos do lugar, de reconhecer e lançar mão de habilidades pessoais, assim como, coletivas.

Nesta investigação que busca mapear as intervenções do Serta, encontramos um indicador, no mínimo, provocante, em relação ao comportamento pessoal dos entrevistados[19]. Antes da formação a participação na instituição era caracterizada pela timidez. Depois da formação essa atitude muda consideravelmente.

Posteriormente há diminuição no número de comportamentos negativos. Passam a assumir comportamentos relacionados com o desenvolvimento pessoal, associados a determinação, sensibilidade e atividade social. É importante ressaltar que o mau comportamento, citado como um comportamento possível antes da participação na instituição, não foi citado posteriormente. Do ponto de vista psicossocial, sabe – se que o mau comportamento, as agressões em suas diversas formas, está relacionado à frustração. Logo, indivíduos inseguros de si, de seu valor, tendem a impor-se nas relações agressivamente. Ao passo que o bom comportamento, pro - social, está relacionado à boa auto-estima e capacidade de lidar equilibradamente com as situações oferecidas pelo meio.

De modo geral, os dados sugerem que os indivíduos passaram de inseguros, tímidos, autocríticos, e mesmo, frustrados para desenvoltos, determinados, sensíveis, amadurecidos e ativos socialmente.

[19] Ver Figura 1.9.1: Gráfico sobre como se comportavam os pesquisados antes e depois da formação do Serta.

Com essas perspectivas, a formação de jovens é efetuada repensando paradigmas e estereótipos, dando-lhes espaço para exercitar as inteligências e a cidadania:

> **Como o jovem olha para si mesmo.** Dependendo da forma como o adolescente ou o jovem se concebe, olha para si mesmo e se imagina a si próprio, assume tal ou qual atitude diante da vida. Por exemplo, se ele olha para si como uma pessoa que não tem capacidade, que só traz problema para os pais e professores, que ninguém lhe escuta, nem lhe entende, esse jovem ou adolescente vai se comportar seguindo sua concepção. Ele vai sentir-se inseguro diante dos outros, vai sentir-se tímido, acanhado, sem iniciativa, ou vai procurar um jeito estranho de chamar a atenção dos outros [...] Sabemos que tradicionalmente pinta-se um quadro onde o adolescente é um aborrecente, um revoltado, uma pessoa imatura, que depende do dinheiro do pai ou mãe, depende da autoridade. Essa concepção não é a da formação do ADL, o ADL é o contrário de tudo isso. Mas é ele que tem que construir essa concepção. (MOURA, 2004, p.27, grifos do autor).

A alienação em certas representações interfere nas concepções de adolescente, de trabalhador rural, de homem, de mulher... São amarras ideológicas, subjetivas que cerceiam o bom desenvolvimento dos sujeitos, tornando-os objetos de sistemas de idéias conservadoras. Não obstante, esses sistemas são passíveis à consciência e ao enfrentamento, quando há reflexão e conscientização.

Em Freire encontramos a respeito da educação e conscientização do homem:

> Se a vocação ontológica do homem é a de ser sujeito e não objeto, só poderá desenvolvê-la na medida em que, refletindo sobre suas condições espaço-temporais, introduz-se nelas, de maneira crítica. Quanto mais for levado a refletir sobre sua situacionalidade, sobre seu enraizamento espaço-tempo, mais "emergerá" dela conscientemente "carregado" de compromisso com a realidade, da qual, porque é sujeito, não deve ser simples espectador, mas deve intervir cada vez mais. (FREIRE, 1979, p.61, grifos do autor).

Essencialmente, o exercício reflexivo parece ser a proposta que passa a conduzir estes jovens, formando um fenômeno subjetivo nas relações consigo e com os demais. Como exemplo tem-se a relação com a família,[20] anteriormente o relacionamento familiar apresenta quatro pontos em ordem decrescente, indica que o relacionamento era: Bom, regular, ótimo e ruim. Posteriormente o

[20] Ver Figura 1.10.1: Gráfico apresenta a relação família dos pesquisados antes e depois da formação do Serta.

relacionamento familiar apresenta três pontos, um a menos, o relacionamento ruim não é mais citado. Em ordem decrescente aparecem as seguintes formas de relacionamento familiar: Bom, ótima e regular. O item Comportamento pessoal[21] pode explicar essa alteração. As pessoas parecem ter tornado – se mais confiantes, expressivas e isto, certamente, as tornou mais aptas a verbalização de sentimentos e impressões a respeito do que as cerca, facilitando o convívio familiar.

O movimento percebido na relação com a família também se percebe na relação com a escola[22], anteriormente a relação escolar apresenta quatro pontos possíveis, em ordem decrescente: Boa, regular, ruim e ótima. Posteriormente apresentam-se apenas dois pontos, em ordem decrescente: Boa e ótima. As relações, regular e ruim saem das citações dando espaço para relações mais positivas e, certamente, mais satisfatórias do ponto de vista do desenvolvimento da aprendizagem. Certamente os resultados apresentados neste gráfico relacionam-se aos apresentados no item comportamento pessoal citado anteriormente, quando o comportamento anti-social (frustração) dá espaço ao pró-social (equilíbrio), domínio de habilidades para lidar com os enfrentamentos diários, medos, limites e vontades contrárias.

A análise da dinâmica do SERTA na região da Bacia do Goitá possibilitou enxergá-la por outro prisma, nos reportando a uma filosofia e metodologia eficientes em seu propósito de ensino e desenvolvimento humano, capaz de facilitar o rompimento das amarras práticas e subjetivas das mais diversas ideologias não emancipadoras, em relação ao indivíduo jovem e ao paradigma social. Parece corroborar com a própria concepção dos jovens, e neste aspecto tivemos como "mensurar" sua dinâmica, jovens sem tantas perspectivas passaram a ter algumas e alcançá-las, após o contato com a metodologia da instituição.

Embora a adolescência seja comentada apenas pelo marco da maturação sexual, puberdade, desenvolvimento físico para o corpo adulto, ela é marco de outro

[21] Ver Figura 1.9.1: Gráfico sobre como se comportava os pesquisados antes e depois da formação do Serta.
[22] Ver Figura 1.11.1: Gráfico apresenta a relação escolar dos pesquisados antes e depois da formação do Serta.

importante acontecimento, a maturação intelectual. O aproveitamento, o incentivo às atividades reflexivas, discursivas é uma excelente iniciativa social. A camada jovem deixa de ser "desocupada" para ter papel de cidadão pensante e atuante. Um dos elementos de onde pode surgir a mudança, a revolução social como indicava o filósofo alemão Herbert Marcuse (1968).

Os jovens, que aos 16 anos ligaram-se ao SERTA e hoje têm entre 23 e 27 anos de idade fizeram e fazem parte de uma revolução subjetiva, social, política, econômica. A alternatividade à qual tiveram acesso expandiu as dimensões de pensar e atuar, facilitou planos para uns e a construção de planos para outros, quebrou mitos, desarticulou falsas representações sobre ser jovem, interiorano, estudante de escola pública. De fato, parece ter dado alternativas de enxergar a si, aos outros, ao mundo e a como estar nele.

Além de parecer indicar, criativamente, possibilidade de atuação profissional seja na área agrícola, ambiental ou educacional. Parece sugerir também um espaço de ordem racional salutar para os que dele se apropria ou identifica-se no seu sentido filosófico e metodológico para desenvolver-se e atuar coletiva ou individualmente. Através das entrevistas percebeu-se nos entrevistados uma tendência ao protagonismo, a criticidade, parecem despertos em relação aos seus desejos e aspirações sejam elas de ordem individual ou coletiva.

3. As Contribuições da Proposta Educacional de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável para Formação de Educadores do Campo.

A vastidão de atendimento do Serta faz com que o mesmo seja tomado como campo de estudo, aliando-se ao reconhecimento do trabalho apresentado pelos diversos atores envolvidos nos mais de sessenta municípios e pela contribuição no âmbito da educação do campo, enquanto instituição educacional do terceiro setor.

A identificação das orientações que se destinam a proposta metodológica que orienta o processo formativo, denominada Proposta Educacional de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável – Peads é tomada nos seus princípios teóricos e

filosóficos, os quais se pautam na educação popular e na influência religiosa através do método Ver, Julgar e Agir criado por Monsenhor Cardin, criador da Juventude Operária Católica – JOC, caracterizado pela originalidade, através de uma construção baseada nas várias correntes que defendem educação popular e do campo.

3.1 A Peads e as Possibilidades de Mudança para os Processos Formativos de Educação do Campo

A Peads é uma metodologia processual que proporciona ao envolvidos descobrir, construir, vivenciar, intervir, para isso ela é constituída por etapas seqüenciais e contextualizadas, a primeira etapa é a **pesquisa** por perceber que a escola precisa conhecer e aproximar-se da realidade, dados são levantados e ordenados, parte-se da observação ao diagnóstico. A pesquisa - conhecer, ver, levantar informações, observar, registrar, socializar - é a primeira aproximação que os educandos fazem a partir de temáticas (censos agropecuários, ambientais e populacionais etc.), organizadas como fichas pedagógicas e com objetivo de contribuir na construção e produção de conhecimento da comunidade e da escola, constituindo-se no instrumento para elaboração e reelaboração do pensamento, do raciocínio. Desta forma, a pesquisa não é só uma ferramenta de construção do conhecimento, mas também uma postura diante da realidade onde educando e educador assumem um senso crítico, curiosidade e "questionamento reconstrutivo" (DEMO, 1996), possibilitando aos professores descobrir, explorar, envolver seus alunos/as em situações – problemas do seu contexto, para que eles sejam instigados a realizar a pesquisa como um instrumento de investigação e busca do conhecimento.

Portanto, "envolver os alunos/as em atividades de pesquisa, em projetos de conhecimento" é uma competência que deve ser desenvolvida em sala de aula (MOURA, 2003, p 108).

Na seqüência processual da proposta a segunda etapa é do **aprofundamento** e do desenvolvimento (desdobramento) da análise dos dados, de elevação para um patamar mais científico, que exige experimentação, verificação e articulação com as ciências modernas e outras formas de conhecimento. Nesta etapa, o educador

reúne, tematiza, acrescenta, enriquece, desdobra os conhecimentos adquiridos na primeira etapa nos seus conteúdos (saberes e valores culturais), através das diversas áreas de conhecimento, entre elas as disciplinas convencionais (Matemática, Português, História, Geografia, Ciências, Arte e outras) e temas transversais.

Esta estratégia tem por princípio a interdimensionalidade onde a construção do conhecimento é vista de forma integrada incluindo valores, conhecimentos, atitudes, tecnologias, trabalho, meio ambiente, as relações entre o local e o global. As atividades mais usadas nessa estratégia visam organizar, ordenar e sistematizar os dados a serem aprofundados: cálculos, tabelas, gráficos, planilhas, roteiros, textos, desenhos, teatro, poesia, canto, leitura, escritas e ainda novas pesquisas com dimensão mais aprofundada.

Depois de ter pesquisado e analisado os dados a terceira etapa é a da **intervenção** se concretiza através da devolução do diagnóstico, construído na primeira estratégia aos atores sociais envolvidos, servindo como ferramenta de um conhecimento novo que, analisado, ajuda como instrumento mobilizador e define em quais aspectos da realidade estudada a escola e a comunidade podem intervir. Nesse momento os dados coletados são apresentados de forma mais elaborada e sintética em plenárias, reuniões comunitárias, com participação das pessoas interessadas. Esta etapa fortalece o princípio de explicitar o papel da escola junto à construção do projeto alternativo de desenvolvimento da educação. Sem isso, as iniciativas para melhorar a educação arriscam-se a permanecer na superfície, nos meios e não nos fins. Nesse momento também se procura agregar elementos artísticos, culturais, e explorá-los através das emoções e sentimentos, seja em forma de teatro, de canto, com recursos sonoros, plásticos, para ajudar na provocação de novas ações, na sensibilização e mobilização das comunidades e dos grupos organizados. As atividades dessa estratégia visam também orientar para o encaminhamento de ações mobilizadoras para resolução de problemas e fortalecer a melhor apropriação dos potenciais existentes no local, com planejamento e distribuição de responsabilidades: “o que fazer, porque e para que, quando, como, quem e com quem, por quanto?”.

Considerada a última e ao mesmo tempo presente em todas as outras a quarta etapa é a da **avaliação** de todo processo, possibilitando o retorno à prática pedagógica com mais experiência, teoria e profundidade. São objetos da avaliação os procedimentos, a coordenação, os conteúdos, as aprendizagens, os resultados, os instrumentos usados e os meios.

Segundo (Moura 2003, p 120), os instrumentos utilizados não desconsideram as práticas tradicionais de avaliar, mas se utilizam como recursos didáticos e pedagógicos, textos orais e escritos, trabalhos de grupo, relato de experiência, relatório de atividades, depoimentos, gincana, jogos, elaboração de projeto, reportagem, poesia, paródia, desenho, gráfico e dramatização dentre outras. Partindo do princípio de que a avaliação é um processo que possibilita o fortalecimento e re-direcionamento das ações é importante destacar que a Peads permite trabalhar o protagonismo de todos os atores sociais das comunidades que se tornam co-autores e co-executores e parceiros das ações revelando atitudes, valores e habilidades que contribuam para a transformação social e alcance dos objetivos dessa proposta.

E assim, os educadores se viram desafiados a mudar uma vivência em sala de aula de décadas, com a comunidade parada, estagnada, cética pelas circunstâncias. A Peads obriga aos atores envolvidos a sair da inércia, a pensar, questionar e se envolver. Eis o que move a educação do campo: ENVOLVIMENTO.

Em Glória do Goitá - PE no início houve certa resistência, pois trabalhar com o novo trazia consigo uma quebra de paradigmas e esta quebra tiraria muitos professores da redoma da comodidade, da mesmice, levando-os ao encontro de uma nova realidade sua e de seus alunos, valorizar o campo e reconhecer que se pode aprender a partir dele. Esse envolvimento foi fundamental para a realização dos trabalhos, perceber que alguns estavam ali começando a reescrever sua história e essa reescrita também era feita por alguns professores e supervisores locais. O investimento através de formação continuada dentre outros possibilitava aos professores mais informações para ajudá-los em sua prática e cada vez mais levar os alunos a serem protagonistas “confiantes” de sua história.

Na Peads o processo de ensino aprendizado considera que os educandos precisam aprender a ler a realidade e conhecê-la para em seguida poder reescrever e transformá-la como sujeito da própria história, em busca de alternativas e propostas que resgate o "homem", o "cidadão" e o "trabalhador" de seu exercício de cidadania e de dignidade.

Com a Peads o desenvolvimento da aprendizagem do aluno, na interação escola – comunidade onde gradativamente estão tomando novo rumo, as aulas são prazerosas e construtivas, associando currículo, realidade e leitura de mundo. Planejando em grupo construindo de forma coletiva, todos contribuindo para a melhoria e o bom êxito por uma educação de qualidade no e do campo.

Reconstruir a história, acreditar no potencial, mudar o comportamento a respeito da vida no campo não é uma tarefa fácil para os educadores. Os desafios são constantes, as mudanças de opinião frente a cada obstáculo caminham lado a lado, porque é um trabalho de resultado lento, uma vez que a Peads convida educando e educador a pensar, a questionar e buscar soluções que tenham um benefício coletivo, ouvindo, opinando e socializando os saberes.

Os professores passam a valorizar o campo na sua especificidade, utilizando a natureza como potencialidade para construir e produzir uma visão de crescimento e desenvolvimento deste meio.

A experiência vivenciada pelos municípios de Vicência, Pombos, Orobó e tantos outros, a partir da sistematização, aponta que os resultados obtidos durante a atuação da Peads em cada município apresenta-se com nuances diferenciadas, devido ao tempo de sua implantação e implementação, retratam mudanças e quebras de paradigmas nos diversos âmbitos da estrutura municipal, que possibilita compreender a educação como uma política social fundamental para o desenvolvimento sustentável. Aponta também alguns desafios trazidos pelos envolvidos em pensar a continuidade da proposta, mesmo ocorrendo mudanças no governo na esfera legislativa e executiva. Uma das contribuições mais relevante foram os processos de formação continuada com os professores e coordenação

pedagógica, que juntos reconstruíram suas práticas e concepções, proporcionando aos educandos uma nova maneira de pensar e estar no campo.

3.2 Mapeamento dos Municípios Participantes da Formação de Educadores na Metodologia para o Desenvolvimento Sustentável

MUNICÍPIOS	TERRITÓRIOS/ESTADOS
1. Santa Terezinha 2. Iguaracy 3. Quixaba 4. São José do Egito 5. Tuparetama 6. Tabira 7. Afogados da Ingazeira 8. Serra Talhada	Sertão do Pajeú (PE)
9. Ibimirim 10. Sertânia 11. Manari 12. Inajá	Sertão do Moxotó (PE)
13. Floresta 14. Carnaubeira da Penha 15. Petrolândia 16. Jatobá 17. Itacuruba 18. Tacaratu 19. Belém de São Francisco	Sertão de Itaparica (PE)
20. Salgueiro 21. Parnamirim	Sertão Central (PE)

22. Ouricuri 23. Trindade 24. Araripina	Sertão do Araripe (PE)
25. Lagoa Grande 26. Santa Maria de Boa Vista 27. Orocó 28. Cabrobó 29. Petrolina	Sertão do Médio São Francisco (PE)
30. Tupanatinga 31. Iati 32. Itaíba 33. Águas Belas 34. Paranatama 35. Saloá	Agreste Meridional (PE)
36. Bezerros 37. Tacaimbó 38. Riacho das Almas	Agreste Central (PE)
39. Vicência	Zona da Mata
40. Orobó 41. João Alfredo 42. Surubim	Agreste Setentrional (PE)
43. Lagoa de Itaenga 44. Glória do Goitá 45. Chã de Alegria	Mata Norte (PE)
46. Pombos 47. São Benedito do Sul	Mata Sul (PE)

48. Camalaú 49. Monteiro 50. Prata 51. São Sebastião do Umbuzeiro 52. Soledade 53. Sumé 54. Campina Grande	Paraíba
55. Juazeiro 56. Paulo Afonso 57. Feira de Santana	Bahia
58. Estrela de Alagoas 59. Maravilha 60. Ouro Branco 61. Poço das Trincheiras	Alagoas

4. O Desenvolvimento Sustentável só é Possível com o Desenvolvimento das Pessoas.

As muitas conversas que tive no terreiro da minha velha casa na companhia dos meus pais me fazem recordar como viviam e onde moravam nossas famílias há décadas atrás. Meus avôs paternos proprietários de dois (2) ou três (3) pedaços de terra, nos Sítios Serrinha e Mufumbo nos arredores do Campo da Sementeira na cidade de Glória do Goitá - PE. No sítio havia plantação e criação, na feira dia de sábado pouca coisa se comprava, porque no sítio de tudo se plantava e se colhia.

Tinha macaxeira e mandioca? Tinha! Na casa de farinha se produzia: a farinha, o beiju e a tapioca. Batata Doce? Claro que tinha. Milho? Ora se tinha... Feijão tinha? Tinha feijão preto, pardo, mulatinho e fava. Cultivavam-se diversos tipos de frutas: Era tudo quanto é *"pé"* de fruta! - Pé de coco, banana, tamarindo, mamão, maracujá,

acerola, laranjas cravo mimo e do céu, limão, manga, ciriguela, jaca e muitas outras... E verdura? Coentro, cebola, cebolinha, maxixe, quiabo, jerimum e tomate. No quintal de casa tinha até plantas medicinais: hortelã, alecrim, manjericão, arruda, capim santo, colônia, canela de macaco, babosa e etc., em meio a essa variedade de produto estava a presença crescente de pedaços de terras destinados ao plantio da cana-de-açúcar.

Bem cedinho se cuidava dos bichos, duas cocheiras, as vacas separadas dos bois, era cavalo, burro, bode, cabra, carneiro, porco, pato, galinha, peru e guiné.

Tudo que era produzido dava conta do consumo e também era vendido em Bonança, a antiga Tapera e no antigo Mercado Público hoje desativado, o atual Centro Cultural do município de Glória do Goitá. Para o transporte de tudo, primeiro foi preciso uma D20, logo veio uma Kombi e depois já não dava mais, só um caminhão para dar conta da venda da produção. Como a família era grande, os oito filhos ajudavam a cuidar de tudo, inclusive das tarefas da casa: Alguns transportavam água no burro e no cavalo, outros cortavam capim para os bichos, e assim seguiam, tirando o leite das vacas todas as manhãs, trabalhavam na roça, alugavam o caminhão para o transporte de mandioca.

E mesmo com tanto trabalho para dar conta eles adoravam fazer a festa. A diversão da garotada era o Campo de futebol com campeonato, cantoria, forró, maracatu. A compra do Maracatu Carneiro Manso veio depois do rompimento da família com o conhecido Maracatu Leão do Norte, cuja rivalidade ainda persiste mesmo após tantos anos. Quando os maiores maracatus da cidade o Leão do Norte e o Carneiro Manso iam fazer uma apresentação, as pessoas da cidade seguiam para o sítio acompanhando-os num grande cortejo e aí, se eles se encontrassem, era lança para todo lado.

Essa época foi ficando para trás e quando os filhos foram crescendo cada um foi seguindo seu caminho, abandonaram os estudos, a vida na agricultura e os pais passaram a ver seus filhos migrando; uns saíram do campo para a cidade, outros para outros estados, a maioria partiu para São Paulo, mesmo não sendo da vontade

da família. Anos depois com a morte do chefe da casa a decadência da propriedade foi se instalando pouco a pouco. A partir daí pouco se produzia, recursos não havia para investir nas atividades que antes dava o sustento da família, a casa de farinha já não funcionava, o maracatu já não se apresentava e a viúva já aposentada a convite de seus filhos acaba seguindo o rumo dos mesmos e acaba indo viver com eles em São Paulo. Meu pai foi um dos três irmãos que fizeram suas vidas por aqui e dizem que nunca tiveram vontade de sair, pois o que sempre ouviram dos irmãos da grande São Paulo foi que lá não era lugar pra se viver, lá ninguém conhece ninguém e pouco as pessoas se importam com os seus semelhantes. Muitos produtores/as rurais devem se reconhecer nessa passagem, pois muitas eram as famílias que assim como a minha sobreviviam da agricultura familiar nos sítios vizinhos e aos poucos viam seus filhos saírem de suas propriedades em busca de um futuro melhor cada vez mais distante do meio rural.

Considerando que essa é a realidade das famílias nordestinas e vejo que esse cenário mostra que o trabalhador rural brasileiro via o trabalho no campo e no mercado informal uma oportunidade de geração de renda mais imediata do que a difícil inserção no mercado formal e tentava superar a crise num dado período a partir de suas próprias forças. Porém, as coisas começam a mudar e com as mudanças tecnológicas e com o avanço cada vez maior da cana-de-açúcar suas propriedades acabaram sendo invadidas e tomadas pelas usinas e assim como as terras, as famílias também, ao passo que toda riqueza extraída do nordeste continua centralizada na mão de poucos, é notadamente cada vez maior a oferta de capital para a ampliação da produção de açúcar e álcool, restando às camadas populares sonhar com dias melhores ou vender suas terras se submetendo ao trabalho quase que escravo no corte da cana. "*O trabalho na cana é duro, pesado, perigoso e barato, muitos são os homens que ganham seu sustento "cambitando" cana, mas poucos querem ver seus filhos seguindo esse caminho". (Depoimento o pai de um ADL formado pelo Serta).* Trabalhar na Usina, isso só na época de safra que geralmente dura seis meses num ano, nos outros seis os trabalhadores do corte migram à procura das infindáveis safras por diversas regiões do Brasil, destruindo suas roças acreditando que o cultivo da cana é mais lucrativo, ou ainda, indo para as cidades que exigem mão-de-obra qualificada, condenados a um só destino viver

a espera de um auxílio família e não procura qualquer ocupação para não correr o risco de ficar sem ele, constituindo assim um ciclo vicioso. É difícil para essa geração acreditar que o Brasil já foi o maior produtor de cana-de-açúcar e o nordeste a região mais rica, pois o que se sabe para quem vive na pobreza é que suas terras foram e continuam sendo arrasadas, vemos isso através de um passeio às margens das estradas do Nordeste do Brasil pode-se confirmar que a cana é a imagem predominantemente constante nas paisagens do interior, mas do que adianta estar entre os estados com o PIB de maior percentual de crescimento se a maioria da população não vive dignamente.

> *"O latifúndio atual, mecanizado em medida suficiente para multiplicar os excedentes de mão-de-obra, dispõe de abundantes reservas de braços baratos. Já não depende da importação de escravos africanos nem da encomenda indígena. Ao latifúndio basta o pagamento de diárias irrisórias, a retribuição de serviços em espécie ou o trabalho gratuito em troca do usufruto de um pedacinho de terra; nutre-se da proliferação de minifúndios, resultado de sua própria expansão, e da contínua migração interna de legiões de trabalhadores que se deslocam, empurrados pela fome, ao ritmo de safras sucessivas."* (Eduardo Galeno)

Mesmo quando isso não acontece à gestão das pequenas e médias propriedades agropecuárias estão ficando cada vez mais individualizadas, restando ao pai sozinho ou um dos filhos cuidarem das atividades da propriedade, enquanto o restante da família sai em busca de outro tipo de trabalho, mesmo que seja uma ocupação doméstica no caso das mulheres. Em resumo, as famílias agrícolas ficaram mais pobres na segunda metade dos anos 90 e a queda das suas rendas per capita só não foi maior pela que ouvimos chamar de "compensação" crescente, ou seja, das transferências sociais da aposentadoria e pensões, conclui-se também que é por esse motivo que as famílias rurais estão se tornando crescentemente não agrícolas.

Em sua maioria a população brasileira é constituída por jovens, durante muito tempo e até os dias atuais a educação das juventudes, a sua relação com a escola e com a família tem sido alvo de reflexões que tendem a cair numa visão negativa sobre o fracasso dessas instituições.

De modo geral de forma equivocada conclui-se que o problema situa-se na própria juventude, no seu individualismo de caráter irresponsável, é notável que para os jovens, a escola se posiciona distante o bastante de seus interesses, reduzida a um ambiente no qual persiste em ter uma visão bancária onde os que detêm o conhecimento os compartilham com os que não têm, num cotidiano cansativo, tornando-se cada vez mais uma "*obrigação",* fazendo de seu principal objetivo a obtenção de diplomas. Tem-se a impressão que vivemos uma crise da escola e da família na sua relação com as juventudes. No instante em que as fronteiras entre o rural e o urbano se estreitam, cada vez mais os diferentes universos culturais se interconectam, as dificuldades socioeconômicas dificultam a vida de quem vive da agricultura, e assim emerge a juventude rural como uma população profundamente afetada por estes processos. População esta que, por muito tempo, passou despercebida das pesquisas acadêmicas brasileiras.

O trabalho realizado pelo grupo de jovens egressos das formações realizadas no Serta, e recém graduados e pós-graduados pelas universidades da região, se propôs durante o Curso de Extensão realizado pela UFPB a refletir e sistematizar a prática das nossas ações de desenvolvimento na Região da Bacia do Goitá.

Essa pesquisa, portanto, chama a atenção para as ações direcionadas aos jovens rurais (as cidades em que vivemos são rurais) a partir de um estudo que proporcionou uma reflexão sobre os resultados especificamente da Ação do SERTA – Serviço de Tecnologia Alternativa e sua experiência voltada à educação no campo.

São poucos os olhares para os jovens que vivem na área rural, sobretudo no que diz respeito às práticas educativas voltadas a realidade onde vivem, é gritante o insuficiente investimento em políticas públicas consistentes que permitam aos

jovens sua permanência no campo. E na maioria das vezes ***"As pessoas ficam esperando que o governo faça algo por elas. Temos que começar a fazer nós mesmos, porque sabemos o que é bom para a gente"*** como afirma Lilian Prado – ADL e atual Diretora Executiva da Acreditar – Capital Humano e Transformação Social - OSCIP de Microcrédito Produtivo Orientado.

É revoltante a idéia de que os jovens devam estudar se preparar para o mercado e trabalhar duro para passar o resto da vida servindo a um empregador que pouco se importa com situação econômica dos que o rodeiam.

Antes da chegada do Serta na região tudo era escasso principalmente as oportunidades para nós jovens, a área rural seguia abandonada. Tínhamos uma cultura nessa região onde o natural era quando chegássemos aos 18 e 19 anos irmos para outras cidades ou até para outros estados sonhando com um futuro melhor, mesmo sem qualificação, sem planejamento, muitas vezes nem chegando a concluir o ensino fundamental por falta de visão de futuro. Isso se dá justamente porque na região não há empresas suficientes que possa absorver essa crescente massa ociosa.

Com a implantação Formação dos Agentes de Desenvolvimentos Local – ADL e dos ADAC – Agentes de Desenvolvimento da Arte de Cultura no início da atuação do Serta, tivemos contato com um novo mundo e começaram a surgir muitas atividades econômicas, iniciativas de geração de renda, os jovens começaram a não esperar mais pelas soluções que pudessem vir de fora, mas sim a criar oportunidades, possibilidades de aplicar as novas técnicas aprendidas durante a formação em suas propriedades com seus pais, outros começaram a constituir grupos com as várias temáticas estudadas e foram crescendo as diversificadas idéias para iniciarem seus próprios negócios, em suma, a usar e fazer a relação de todo o conhecimento estudado em sala de aula com a prática, salas que agora poderiam ser até embaixo de uma árvore fazendo o desenho de nossas propriedades. Isto é, passamos a fazer relação de tudo o que vivenciávamos nos ensinamentos dos educadores e técnicos com o nosso dia-a-dia.

Mas todos se deparavam com as mesmas dificuldades, onde conseguir dinheiro para investir nas novas idéias se a maioria de nós, ao chegarmos ao Serta tínhamos entre 14 e 18 anos de idade e quando chegávamos aos bancos para tentar obter informações e orientações para o acesso ao empréstimo esbarrávamos na burocracia dos que detêm o capital financeiro no país.

Logo chegamos à conclusão que para empreender é necessário recurso financeiro e nessa região não havia um histórico de sucesso das instituições financeiras, as pessoas tomavam o empréstimo e na maioria das vezes não quitavam os valores das parcelas assumidas, observamos que enquanto as políticas de geração de renda e acesso ao crédito não fossem desburocratizadas e aproximadas ao máximo da realidade econômica de cada empreendedor seria inviável insistir em entrar no mercado com o seu próprio negócio, sem um mínino de recurso para investimento inicial, seguimos a formação, mas não esquecidos dessa dificuldade e durante os encontros e discussões nas aulas, Moura nos trazia alguns textos que nos provocava a refletir sobre o que estava acontecendo e como dar o primeiro passo para então quebrar esse paradigma em nossas vidas.

Fragmento do texto ***O que pode ser um fundo rotativo*** que deu início as primeiras conversas sobre a criação do Fundo Rotativo[23]:

> ***"Um dinheiro que é posto para apoiar iniciativas, que exigem recursos financeiros para as pessoas, que querem começar um negócio e não dispõem do recurso necessário. A pessoa solicita o apoio financeiro do fundo, implanta ou melhora o seu negócio, e vai pagando ao Fundo o recurso com pequenos acréscimos para que possa servir a outras pessoas ou até a ela própria numa outra oportunidade. Uma instituição administra esse fundo, mediante a construção de regras, ou de regimento interno ou de***

[23] Fundo Rotativo: Projeto de microcrédito implantado em 2001, durante a formação dos ADL - Agente de Desenvolvimento Local realizada pelo SERTA - Serviço de Tecnologia Alternativa, que ao final de 2007 deu origem a ACREDITAR – Capital Humano e Transformação Social OSCIP de Microcrédito Produtivo Orientado.

estatuto. Esse recurso pode crescer de acordo com o maior envolvimento dos interessados."

(Abdalaziz de Moura, Texto I - outubro de 2001)

Foi aí que os 120 jovens em formação ao término de 2001 começaram a pensar na possibilidade da criação de um sistema onde se pudesse ter um repasse de recurso para aqueles que estruturassem um projeto de suas idéias, com a condição de após alguns meses de carência fossem devolvendo esse recurso para esse fundo e que seria disponibilizado aos demais e a si mesmo em outra oportunidade. Assim, demos início ao que chamamos de *"Fundo Rotativo"* em novembro de 2001, criado pelos próprios jovens inspirados por Moura. Uma equipe gestora e uma assembléia geral foram constituídas para deliberar e desenvolver todas as decisões e atividades do fundo. O projeto de desenvolvimento econômico local é uma construção coletiva e muitos jovens participaram desse processo. Você deve estar se perguntando: E de onde veio o dinheiro para os desembolsos? Naquele mesmo ano aconteceu um Seminário Itinerante entre os jovens do Nordeste, o seminário foi organizado pelo Serta havendo uma economia no valor de R$ 10.000,00 - dez mil reais e a Organização Internacional que o apoiava concordou em fazer a doação para o fundo e esse foi o pontapé inicial para o início das atividades práticas gerenciadas pelos jovens em formação. Tudo era muito novo, não tínhamos idéia do que era microcrédito, o que sabíamos era que aquelas idéias precisavam de investimentos que iam a princípio de cem a mil reais, valores que para muitos é muito pouco, mas que para esses jovens fazem a grande diferença. A procura foi grande e logo nos vimos fazendo campanhas, vendendo rifas, bingos e camisetas para arrecadar dinheiro para que pudéssemos apoiar mais e mais jovens. No princípio o fundo estava disponível apenas para os jovens em formação, depois para os egressos da formação, logo para os pais dos jovens e assim o fundo foi se capitalizando até chegarmos aos pequenos empreendedores das comunidades onde o Serta atua (inicialmente as ações estendiam-se aos municípios de Glória do Goitá, Feira Nova, Lagoa do Itaenga, Feira Nova e Pombos a partir de 2004 as ações foram ampliadas a Chã de Alegria e em 2008 para Vitória de Santo Antão).

A iniciativa a priori sem muito conhecimento começa a dar provas que o conceito da criação de um *"Banco Ideal"* é possível. É nesse contexto que o Microcrédito surge como uma alternativa de combate a pobreza, componente de uma nova estratégia para o desenvolvimento sócio-econômico sustentável, mas para nós não bastava emprestar o dinheiro pelo simples propósito financeiro, isso negaria toda a formação pedagógica vivenciada nos dois anos de formação.

Identificamos no capital a oportunidade de formar as pessoas, de criar uma nova cultura em quem acessa o empréstimo, a possibilidade de fomentar uma nova cultura de responsabilidade onde todos são capazes de fazer a gestão de seu negócio e se sentir responsável pelo devido investimento do capital, que no caso desse projeto não poderia ser destinado ao financiamento do consumo, o nosso microcrédito emergiu da necessidade do pequeno empreendedor informal, portanto se tornou uma experiência voltada a apoiar negócios de pequeno porte, administrados por pessoas de baixa renda numa perspectiva econômica produtiva com orientação, aliando o crédito a uma proposta de educação financeira voltada para a emancipação, a autonomia e a participação cidadã dos seus clientes, contrapondo-se ao movimento de endividamento praticado pela rede bancária/financeira. Concluímos que o recurso financeiro não é fim no qual almejamos chegar, mas sim, um meio de formar as pessoas.

E com essa ação as aprendizagens foram as mais diversas e significativas num processo contínuo e de mão-dupla no qual na medida em que os tomadores de empréstimos iam construindo suas aprendizagens, adquirindo competência e elevando sua auto-estima, as equipes gestoras que passaram pelo fundo foram:

"Aprendendo a elaborar projetos.
Aprendendo a fazer empréstimo e dar conta.
Aprendendo a ser disciplinado no uso de recurso.
Aprendendo a gerir o próprio fundo e a gerir negócio.
Aprendendo a planejar um negócio a curto e médio prazo.
Aprendendo a buscar informação onde ela está disponível.
Aprendendo mais facilmente a matemática e a contabilidade.
Aprendendo a otimizar o negócio e a propriedade da família.

Aprendendo a aperfeiçoar-se num negócio ou numa profissão.
Aprendendo a captar recursos para o município desenvolver-se.
Aprendendo a ligar o ensino com a vida financeira e econômica.
Aprendendo interessar-se por uma publicação técnica especializada.
Aprendendo a articular-se com outras pessoas do mesmo ramo de negócio.
Aprendendo a linguagem de crédito, juro, inflação, correção monetária e etc.
Aprendendo a valorizar-se na família, sendo oportunidade de entrada de recurso.
Aprendendo a acompanhar um negócio para ver se, de fato, está tendo resultado. "

(Abdalaziz de Moura, Texto II - outubro de 2001)

Contudo começamos a sonhar cada vez mais alto e tivemos que dar outro passo adiante, agora era necessário que houvesse uma reestruturação e para isso seria necessária a profissionalização da equipe e o "Fundo Rotativo" se institucionalizou para que pudesse continuar no mercado, foi aí que o fundo deu lugar a OSCIP de Microcrédito Produtivo Orientado ACREDITAR [...].

Hoje estou convencida que o Desenvolvimento Sustentável se dá primeiramente no Desenvolvimento das Pessoas e o Serta, ao longo desses anos de atuação na região, vem realizando um trabalho que de fato vem contribuindo com o desenvolvimento das pessoas e das comunidades, com certeza formou e continua formando os adolescentes para a vida. Conseqüentemente, causando impactos positivos na economia local a partir do momento em que na região tem constituída uma população jovem consciente politicamente e crítica, despertando para os problemas das comunidades em que vivem e capazes de reivindicar e cobrar das autoridades soluções mostrando a força que tem uma sociedade organizada.

É importante reconhecer a confiança depositada nos jovens pelo Serta, a experiência tomou tal proporção que a atividade fim do fundo fugiu do campo de atuação do Serta, e Moura mais uma vez nos inspirava, e nos fez ver que todo projeto tem início, meio e fim e a dimensão de nosso trabalho não deveria cessar, pois com a implantação do fundo as comunidades começam a mostrar sua real capacidade de empreender, movimentando a economia local com seus projetos de geração de renda, *desde que o conjunto de ações foram implementadas pelo Serta*

analisamos na Figura 1.6.1: Gráfico sobre a renda das pessoas que passaram por alguma formação no Serta verifica-se que 82,4 dos pesquisados tinham no máximo uma renda familiar entre 0 e 1 salário mínino mensal, no ano de 2001 o salário mínimo correspondia a R$ 180,00. No entanto, depois da formação100% das famílias obtiveram aumento de suas rendas, sendo que nenhuma das famílias com renda abaixo do salário. Em 2010 o salário corresponde a R$ 510,00; 21% com renda de 01 salário, 78,8% de até três vezes esse valor em sua renda que passou a estar entre 2 e 4 salários mensalmente como mostra a Figura 1.6.2: Gráfico sobre a renda dos pesquisados depois da formação do Serta.

É notável nos depoimentos durante a aplicação das pesquisas que antes da formação seja como ADL – Agente de Desenvolvimento Local, ADAC – Agente de Desenvolvimento da Arte e da Cultura, como cada professor, cada educador, jovem, agricultor entre tantas outras, que as pessoas que conhecem a PEADS – Proposta Educacional de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável passaram a ter um olhar claro sobre questões sociais e uma nova visão de futuro.

A formação no SERTA alimentou o sonho de estudar, mas de estudar para desenvolver o município onde vivemos, estimulando a permanência de cada jovem em sua propriedade, no seu comércio ou prestando diversos serviços, com isso fortalecendo o crescimento sócio-econômico e também o desenvolvimento sustentável na região.

5. O SONHO DO ENSINO SUPERIOR: O Projeto que Mudou a Vida de Jovens do Território da Bacia do Goitá

Ingressar em uma faculdade, ainda é privilégios de poucos. No Brasil segundo dados do PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio 2006, apenas 10,7% do total de estudantes brasileiros havia ingressado no ensino superior, apesar desse número ter crescido nos últimos anos. Esta pesquisa mostra também que desses, a grande maioria dos estudantes de 3º grau estava na rede particular de ensino (75,5%). Isto mostra o déficit de investimento do Ensino Superior no Brasil.

"Quando terminei o ensino médio, fiquei imaginando como eu iria ingressar na faculdade. Apesar de ter muita motivação e dedicação aos estudos, conhecia minhas limitações diante da enorme concorrência nas faculdades públicas. Mesmo assim, não desisti, fui à busca de meus objetivos. Fiz um cursinho e no final do ano de 2003 tentei o vestibular, mas não consegui entrar na faculdade. Imaginei... vou passar mais um ano estudando e sei que irei conseguir. Continuei com a motivação, estudando e estudando. Na segunda metade do ano de 2004, conheci o Projeto Universitário e como havia participado no Serta o Curso de Agente de Desenvolvimento Local tive a oportunidade de concorrer a uma das bolsas para ingresso no ensino superior. A partir daí minha vida mudou" (Depoimento de Egresso do curso ADL)!

Diante dessas estimativas, o sonho do ensino superior ainda é uma lacuna para os jovens, em especial os oriundos de escolas públicas, pela concorrência desigual com aqueles que estudaram em escolas particulares, sendo os egressos do ensino médio público historicamente, os menos beneficiados.

Foi pensando nessas dificuldades e no intuito de gerar oportunidades, que surge o Projeto Universitário que irá provocar mudanças sociais e econômicas na vida de diversos jovens, homens e mulheres no território da Bacia do Goitá.

O Projeto Universitário visou proporcionar aos Agentes de Desenvolvimento Local – ADL e Agentes do Desenvolvimento da Arte e da Cultura - ADAC, formados pelo Serta/Projeto Aliança com o Adolescente, a oportunidade de ingressar no Ensino Superior. Seu objetivo foi assegurar a continuidade da formação dos ADL e ADAC, promovendo a sua qualificação profissional para que melhor contribuíssem para o desenvolvimento sustentável do território da Bacia do Goitá. Este projeto contou inicialmente com o Financiamento da Cooperação Internacional, via Fundação Kellogg e como entidade executora o Serta.

Antes mesmo da criação do PROUNI, Programa Universidade para Todos do Governo Federal, que surgiu em 2004, regulamentado pela Lei nº 11.096, em 13 de janeiro de 2005, já havia em 2003, uma discussão no Território da Bacia do Goitá

de perspectivas de ingresso no Ensino Superior, implantado a partir de julho o Projeto Universitário, objetivando inicialmente conceder 30 bolsas universitárias de acordo com a disponibilidade orçamentária do Projeto.

Inicialmente, os cursos prioritários, eram aqueles ofertados pela região, sendo esses cursos identificados pelos próprios jovens. Em peso, apareceram os cursos de licenciatura. Com o findar do projeto, segundo dados da entidade executora - Serta- foram beneficiados 90 jovens com bolsas integrais e parciais nas escolas privadas e bolsa manutenção para os estudantes que ingressaram na faculdade pública. Essa multiplicação do número de bolsas em 200%, sendo expandida de 30 a 90 bolsas, ocorreu devido à gestão descentralizada e participativa dos próprios universitários, que encontraram diversas formas de angariar recursos para que outros jovens fossem contemplados com o ensino superior. Entre os cursos apoiados estavam os de Licenciaturas - Letras, Matemática, Biologia, História, Geografia, Pedagogia -, Administração de Empresas, Turismo, Sistema de Informação, Ciências da Computação, Economia, Psicologia, Designer de Moda, Jornalismo, Serviço Social, Marketing e Farmácia.

> *"Ingressar na faculdade era um dos meus maiores sonhos, e graças ao projeto universitário consegui alcançá-lo. Tudo o que sei e o que sou hoje agradeço a oportunidade que tive. Tenho orgulho em saber que fui uma das primeiras pessoas de toda a minha família a ingressar na faculdade".Conta Simone Santos, uma das jovens beneficiada pelo projeto.*

Os dados que serão apresentados a seguir são demonstrativos e quantitativos de jovens beneficiários por município, por número e gênero:

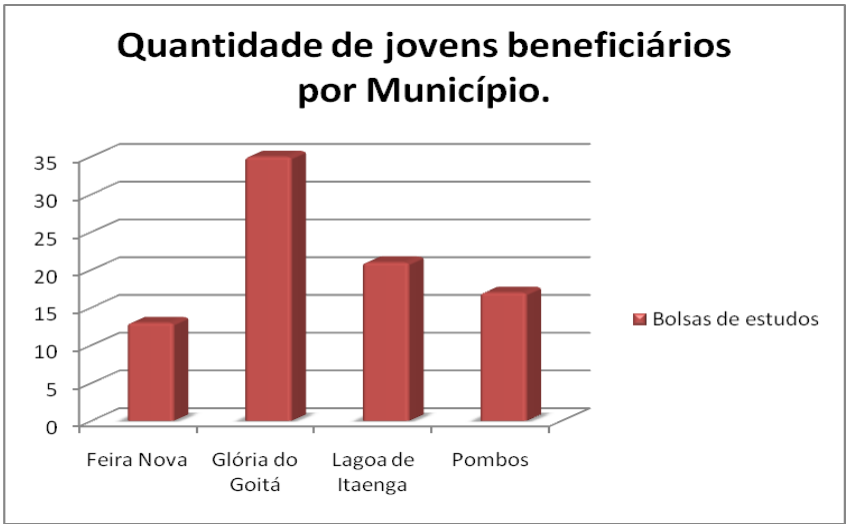


GRÁFICO 1: Quantidade de jovens beneficiários por município.

Este gráfico representa apenas a distribuição de Bolsas Universitárias por município do Território da Bacia do Goitá, não estando contemplados os jovens do Sertão do Moxotó.[24] Com a representação apresentada no Gráfico 1, percebemos que o município de Glória do Goitá é o maior em número de universitários beneficiários com o projeto, tendo este 35 jovens, seguidos do município de Lagoa de Itaenga com 21 bolsas, Pombos 17 bolsas e Feira Nova com 13 bolsas.

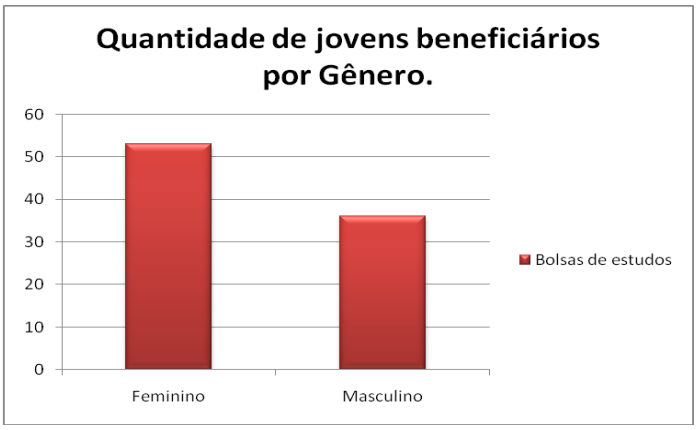


GRÁFICO 2: Quantidade de jovens beneficiários por Gênero.

O Gráfico 2 nos mostra que a quantidade de jovens do sexo feminino que ingressaram no ensino superior através do Projeto Universitário foi bem mais

[24]Foram disponibilizadas três bolsas para os jovens do Sertão do Moxotó, jovens que estudaram no Campus Serta – Ibimirim. Dados atualizados até o mês de setembro de 2010.

significativo do que o número de jovens do sexo masculino. O número de mulheres beneficiadas com o projeto significou 53 bolsas, sendo 36 do sexo masculino.

Diante desses dados podemos considerar que as mulheres vêm ocupando gradativamente espaço no mercado de trabalho, sendo influenciadas no processo de desenvolvimento de competências e habilidades.

Podemos afirmar que, cursar uma faculdade é o início da vida profissional, em especial a dos jovens que não encontram muitas oportunidades ao seu redor. Na Bacia do Goitá, para esses jovens ingressarem no Ensino Superior, significou ampliar o leque de conhecimentos, a busca de novas oportunidades, melhoria de vida pessoal, profissional e compromisso com o desenvolvimento local.

Muitos dos jovens que ingressaram no ensino superior com o incentivo do Projeto Universitário buscaram unir o conhecimento popular com o conhecimento científico, gerando a partir daí ações de intervenção nas comunidades de seus municípios. Os estudantes universitários se reuniam por município e planejavam ações de intervenção voltadas para as diversas áreas, sendo elas: arte e cultura, comunicação, meio ambiente, apoio a comunidades e associações rurais, discussão e movimentos de direitos das mulheres, realização de fóruns de orçamento participativo, ações com o público da terceira idade, entre outras. Algumas dessas ações resultaram no surgimento de lideranças comunitárias que se aliaram a outras pessoas, grupos e jovens e que resultou na criação de organizações juvenis que hoje são referências no território.

Nos meses de novembro e dezembro de 2009, três jovens estudantes: Helionelys Barbosa, Fábio Celerino e Simone Santos (dois desses beneficiados pelo Projeto), fizeram um levantamento quantitativo e econômico do Projeto Universitário, como exercício de conclusão do Curso Avaliação Econômica de Projetos Sociais, executado pela Fundação Itaú Social e Universidade Federal de Pernambuco. Foram identificados dados significativos que veremos posteriormente.

Para levantamento dos dados foram solicitadas informações aos jovens beneficiários do Projeto, tendo como instrumento de pesquisa uma ficha de preenchimento de dados. O objetivo dessa pesquisa foi analisar e quantificar a renda dos jovens antes e pós ensino superior e analisar o impacto econômico do Projeto na vida desses jovens, sendo essa pesquisa feita por amostragem.

Foram pesquisados 21 jovens beneficiários do Projeto. Estes, responderam uma ficha que entre outros, solicitava os seguintes dados: idade, raça/etnia, gênero, escolaridade, se estudou em escola pública ou privada, escolaridade dos pais, número de componentes na família, se reside na zona rural ou urbana, ano de ingresso e conclusão na faculdade, curso que concluiu, renda antes do ingresso na faculdade e renda atual.

Segundo os dados levantados a média da renda dos jovens pesquisados antes do ingresso no ensino superior era de R$ 295,71 – Duzentos e noventa e cinco reais e setenta e um centavos. Esses dados aumentaram consideravelmente. Após conclusão do ensino superior, segundo os dados levantados percebeu-se que esta média era de R$ 1.236,71 – Hum mil duzentos e trinta e seis reais e setenta e um centavos -por jovem.

De acordo com dados da POF - Pesquisa de Orçamentos Familiares 2002-2003, divulgada pelo IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, mais anos de estudos permite que o cidadão tenha um salário até 400% maior, Essa comprovação percebemos com a pesquisa levantada com os jovens do projeto universitário.

É importante citar que esta pesquisa atendeu apenas a uma parte dos beneficiários do Projeto, sendo pesquisados 21 jovens. Responderam a esta pesquisa, apenas os que quiseram disponibilizar seus dados para sistematização. Não está somada, a renda atual dos 89 jovens, pois esta significa apenas uma parte do numero de beneficiários. Essa pesquisa se deu nos meses de novembro e dezembro de 2009.

Convém considerar a importância desse projeto para o território, para enfatizar a necessidade de geração de oportunidades para que os jovens oriundos de escolas públicas e de baixa renda pudessem ingressar no ensino superior, pois é nas universidades que o jovem vislumbra novos horizontes, obtém conhecimento que possibilita a mudança de vida e do seu entorno social.

A inclusão social que significa estar em uma universidade também deve ser enfatizada. Muitos desses jovens são filhos de agricultores e não teriam perspectivas de continuar na sua terra, migrando para a cidade grande em busca de oportunidades.

Grande parcela desses jovens hoje são profissionais reconhecidos no município e na região. Estão atuando no Terceiro Setor com o Direito à Comunicação, discutindo a inclusão digital, a implementação de políticas públicas para e com as juventudes, são professores lecionando com uma nova perspectiva educacional. Estão discutindo o Meio Ambiente, o fortalecimento do Sistema de Garantia de Direitos da Criança e do Adolescente, estão inseridos nos conselhos municipais e estaduais. Outros atuam na esfera governamental. Estão como diretores de secretarias, coordenando escolas, ações e programas municipais, outros são diretores e educadores de organizações não governamentais atuando com a arte e a cultura, empreendedorismo e direitos das mulheres. Os que não estão lecionando ou inserido no terceiro setor montaram seu próprio negócio ou estão trabalhando na sua área.

Ressalto que esses jovens já traziam em si à esperança de dias melhores, o entusiasmo para vencer na vida, a vontade de fazer acontecer para resultar em mudanças. O projeto universitário por si só não seria suficiente para mudar um legado histórico de desigualdade e exclusão, foi necessário a força de vontade para fazer transformação na vida de cada um. No entanto, podemos afirmar que o Projeto foi uma das forças mobilizadoras que proporcionou esta transformação, a formação de cérebros e cabeças pensantes que estão fazendo transformação social no desafio do desenvolvimento territorial sustentável da Bacia do Goitá.

6. O Cenário da Agricultura Familiar e as Mudanças Provocadas pelo SERTA na Bacia do Goitá

6.1 O conceito e o retrato da agricultura familiar naquela região

> "A partir do momento que entrei no Serta, pude entender que meu lugar é permanecer no sítio onde moro, pois é através do plantio na agricultura orgânica, que eu posso ter a sustentabilidade alimentar, posso ter um rendimento não só pra mim, mas para toda minha família".
>
> Ivânio Alexandre, 21 anos, jovem da 4ª turma de Agente de Desenvolvimento Local, município de Vitória de Santo Antão - PE, 2005.

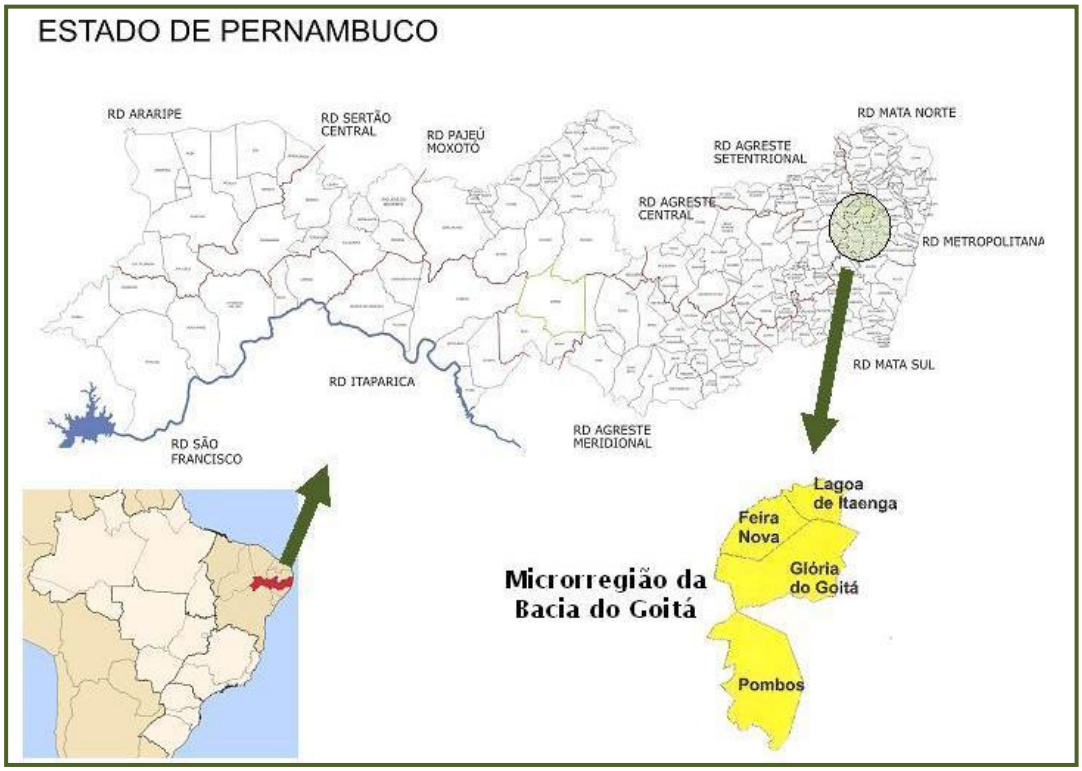
Uma enxada, terra desgastada, roçado pequeno, lavoura mirrada e desnutrida, moradia e alimentação insustentáveis e sem perspectivas futuras, assim era o retrato da maioria das famílias agricultoras da Bacia do Goitá[25] antes da atuação do SERTA[26]. Um cenário ora visto pelas famílias agricultoras como ambiente desfavorável, incapaz de gerar renda, de manter sua família de perpetuar suas gerações. Pelo Serta este cenário era visto como espaço de resgate de identidade, crença e valor, capaz de provocar a oportunidade, a mudança e o desenvolvimento local.

Entre tantas definições a agricultura é vista como atividade desenvolvida pelo homem e que se relaciona com a Terra de forma metódica e sistêmica, tem o objetivo de produzir alimento e em conseqüência gerar desenvolvimento. No entanto, essa conceituação vem passando por mudanças culturais impostas pelo mercado e por problema de adequação pela sociedade.

---

[25] **Bacia do Rio Goitá,** região caracterizada pela existência do Rio Goitá que une os municípios de Pombos, Glória do Goitá, Chã de Alegria, Feira Nova e Lagoa de Itaenga dentro da Mesorregião da Zona da Mata de Pernambuco.

[26] O Serta - Serviço de Tecnologia Alternativa é uma OSCIP fundada em agosto de 1989, por um grupo de agricultores, técnicos e educadores que atuavam nas comunidades eclesiais de base e no movimento sindical rural. Tinha como foco a preservação do meio ambiente, a formação política e cidadã de comunidades rurais e o desenvolvimento de tecnologias apropriadas que melhorassem a renda e a produtividade das pequenas propriedades familiares.



Na microrregião da Bacia do Goitá, essa concepção não se tornou tão diferente, as poucas famílias desacreditavam do seu potencial, da tentativa de se autosustentar da sua propriedade, e assim se propagava a idéia de que o jovem que foi criado na zona rural nasceu para ser empregado. Ele se originou da cultura da escravidão, dos negros que foram trazidos para serem escravos e não para serem empreendedores. Foram educados desde criança para serem influenciados pela cultura do serviçal.

Segundo PONTES[27] (2006), a partir daí, ficou no nosso subconsciente a marca registrada da servidão, de que só podíamos ser empregados. Isso vem se perpetuando de geração a geração inconscientemente. O discurso encontrado era que só cabia aos filhos das famílias mais afortunadas a continuidade das atividades canavieiras empregando mais e mais produtores das pequenas propriedades rurais.

[27] **Lael Gomes Pontes.** Historiador, técnico agropecuário e educador do Serta. Autor do texto "Uma Formação de Gestores pelo Intangível. Setembro de 2006. Durante 20 anos dedicou-se a formação de jovens e produtores na perspectiva da agricultura familiar orgânica na Zona da Mata de Pernambuco pelo Serta – Serviço de Tecnologia Alternativa, o qual foi um dos fundadores.

A escola fortalecia essa disparidade social, o aluno durante toda formação escolar escutava do seu professor a célebre frase "estuda menino, si não tu vais acabar como teu pai no cabo da enxada, sem futuro e sem dinheiro", e assim esse argumento era também reforçado pelos seus familiares. Com influência cultural e econômica os filhos e filhas descendentes das gerações posteriores herdaram a cultura de ser servo da monocultura da cana, das atividades braçais, do acordar cedo e do dormir tarde. O desafio das famílias que lutavam pela sobrevivência na busca de se autosustentar economicamente era empreender alguma atividade produtiva na sua porção de terra.

Segundo WOLFF[28] (2009), existe grande diferença entre a agricultura tradicional e a agricultura praticada atualmente. Chama-se agricultura tradicional o conjunto de técnicas de cultivo que vem sendo utilizado durante vários séculos pelos camponeses e comunidades indígenas. Estas técnicas priorizam a utilização intensiva dos recursos naturais e da mão-de-obra direta da família. A agricultura tradicional é praticada em pequenas propriedades e destinada à subsistência da família camponesa ou da comunidade indígena, com a produção de grande variedade de produtos.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, a agricultura tradicional entrou em processo de declínio. Na década de 60, começa a ser implantada uma nova agricultura, chamada moderna, convencional, química ou de consumo, que se caracteriza pelo grande uso de insumos externos, de máquinas pesadas, manejo intensivo do solo, adubação química e biocidas. A "Revolução Verde" foi à estratégia de mercado adotada como modelo para disseminar a agricultura moderna. Hoje bastante questionada por ter demonstrado o colapso de suas técnicas.

---

[28] **Luis Fernando Wolff.** Engenheiro-agrônomo formado pela UFRGS em 1987, é apicultor profissional e Coordenador Técnico da Fundação Gaia. Autor do artigo: **AGRICULTURA ECOLÓGICA** - Agricultura Sustentável e Sistemas Ecológicos de Cultivo (Agricultura Química x Agricultura Ecológica). **Fonte:** http://www.agirazul.com.br/wolff.htm.

> "Tive uma chocante história sobre a produção com agrotóxico, meu irmão trabalhava aplicando veneno em outras parcelas próximas de meu sítio, um dia minha mãe lavou sua roupa no açude da propriedade, minutos depois alguns peixes morreram intoxicado a partir de uma ação imediata do contato da roupa aparentemente sem manchas e a água do açude... Hoje aprendi com o Serta um novo jeito de produzir na agricultura familiar sem o uso de agrotóxico".
>
> Erinaldo Diogo, jovem produtor da 7ª turma de Agente de Desenvolvimento Local, município de Primavera – PE, 2009.

Esse foi um breve retrato que o Serta encontrou na Bacia do Goita, um território desarticulado, pouco comprometido e envolvido com as questões gritantes da agricultura familiar, nos tocantes relacionados à identidade, crença, valor e com a renda o desestímulo era maior ainda.

6.2 Entendendo melhor a participação do Serta e as contribuições para o fortalecimento da agricultura familiar

Em 1999 o Serta foi convidado para atuar na Bacia do Goitá com intuito de responder aos desafios do êxodo rural, de propriedades defasadas sem potencialidade produtiva e sem agricultura orgânica. Chegou com o desejo de discutir junto aos agricultores, jovens e professores do campo, as condições de autosustentação da produção na agricultura familiar orgânica, a partir da construção de políticas públicas que os ajudassem a permanecer e manter-se das condições da zona rural, resgatando a identidade, os valores, a crença e principalmente, o empoderamento dos atores como sujeitos de mudança, de conhecimento capaz de transformar sua própria realidade. MOURA (2003).

> - Rejane: "Durante a formação do Serta, foi difícil fazer com que meu pai aceitasse minha opinião na propriedade, mas consegui, eu vinha com tanta empolgação para passar para ele o que tinha aprendido que ele ficava assustado".
> - Seu Elias: "Antes agente achava que não dava certo da forma que ela explicava, mas depois participando dos encontros, vendo e fazendo junto com os técnicos do Serta, percebi que, o que Rejane falava tinha bom proveito".
>
> Rejane Leão, jovem produtora da 1ª turma de Agente de Desenvolvimento Local, município de Glória do Goitá - PE, 2002.

A estratégia de atuação do Serta vai além do incentivo à produção de alimentos orgânicos; constatou-se que fazer apenas agricultura orgânica, não atendia todas as necessidades. Então, começou-se a pautar algo a mais, o planejamento da propriedade como conjunto, as dimensões micro e macro e não apenas uma única atividade produtiva (monocultura), a interdimensionalidade do zoneamento, o sentido das conexões, a organização, a implantação de ecotecnologias, a participação da família no planejamento entre outros elementos que viessem fortalecer a sustentabilidade alimentar e econômica da família.

A partir daí, a dedicação das famílias produtoras na agricultura orgânica, na produção de conhecimento, no esforço em querer superar os limites da formação, produção e comercialização, na resistência à imposição capitalista, na diversidade e qualidade dos produtos oferecidos foram se ampliando. E assim, foi contagiando outras famílias, tomando forma, se legitimando, ao mesmo tempo em que fortalecia, desafiava às famílias a permanecerem e se autosustentarem economicamente com novas potencialidades e perspectivas do campo.

> "O Serta no início de suas atividades disseminava os princípios da agricultura orgânica, muito centrado na produção, no roçado, no produto, estratégia essa que mexia com a propriedade, porém, atendia apenas o planejamento de forma parcial e ainda muito incipiente. Ao longo do nosso processo de formação e aprendizagem percebemos que vínhamos fazendo bem mais do que a agricultura orgânica. Estávamos provocando a mudança não só no roçado, mas na propriedade como um todo, buscando a sustentabilidade alimentar da família, introduzindo ecotecnologias baratas e eficientes que facilitassem os processos, no comportamento e na mudança do hábito da família e da propriedade como o todo". Centrado também na busca para atender as quatro seguranças[29] básicas da auto-suficiência (segurança alimentar, hídrica, energética e de nutrientes).

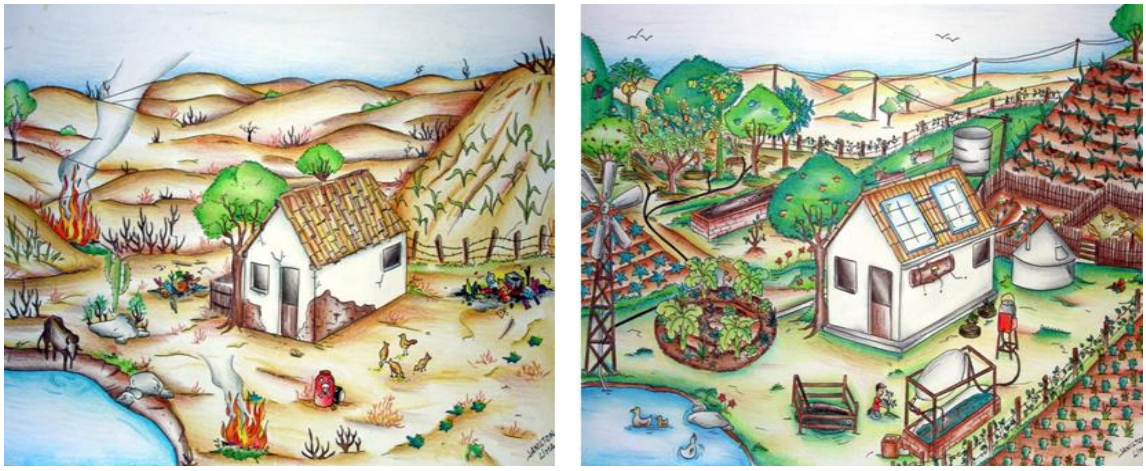
[29] **Segurança Alimentar:** A intenção que a propriedade seja o supermercado da família, deverá produzir o máximo possível toda alimentação básica da família. Evitando que possa ser comprada fora.
Segurança em Águas: Sem água não há vida, logo se deve buscar captar e armazenar água suficiente para suprir as necessidades das plantas, animais e família.
Segurança em Energia: A propriedade precisa ser dividida de acordo com as necessidades de maior e menor freqüência da família na manutenção de uma determinada produção.
Segurança em Nutrientes: A propriedade precisa garantir nutrientes necessários para que as plantas possam crescer em pleno desenvolvimento, produção de matérias orgânicas, uso de práticas de conservação e preservação do solo são estratégias adotadas.

Antônio Roberto, pedagogo, técnico agropecuário e permacultor do Serta, 2009.

Como fazer para que outros elementos da propriedade passassem a ser ponto de pauta nas formações do Serta? O estudo e aprofundamento do sistema permacultural agroecológico trouxe muitas das respostas, a partir das perguntas indagadas naquele momento.

Passamos a entender a permacultura como uma das estratégias de desenvolvimento da agricultura familiar. Com intuito de facilitar o entendimento para o desenvolvimento das atividades, a equipe técnica do Serta criou dois instrumentos pedagógicos para formação de jovens e produtores na perspectiva da agricultura familiar, o "Plano de Negócio Simplificado da Propriedade" e o "Plano de Manejo", ambos instrumentos organizados com uma única finalidade, orientar as famílias agricultoras durante o planejamento de suas atividades na propriedade, aproveitando os espaços, potencialidades e recursos disponíveis, pensando o real e o desejável de forma ousada, mas com ênfase na capacidade de execução.

O discurso de planejamento da propriedade como o todo começou a ser pautado nos mutirões, nos seminários, formações, encontros e, principalmente, na família dos jovens e produtores.



Fonte: Banco de dados do Serta, arte de Janilton Lima, Jovem formado pela 1ª turma de Agente de Desenvolvimento Local, município de Glória do Goitá – PE, 2003.

> "O Serta trouxe para mim uma nova concepção de agricultura baseada nos princípios permaculturais agroecológicos sustentáveis. Os meios de comunicação disseminam os princípios da agricultura que prejudicam o solo e o meio ambiente. O Serta traz uma oportunidade que é única, nos ensina a enxergar à propriedade como oportunidade de negócio"
>
> Marcelo Souza, 18 anos, jovem produtor da 7ª turma de Agente de Desenvolvimento Local, município de Primavera - PE, 2010.

O processo vai ganhando forma e a transformação da propriedade acontece constante e lentamente do estágio atual para o otimizado, no entanto, a passagem de uma meta para outra explicita o desejo de mudança, o planejamento dos resultados que se pretende alcançar em pequeno, médio e longo prazo.

Aproximadamente mais de 1.100 jovens interessados, oriundos da zona rural, filhos e filhas de agricultores, estudantes de escolas públicas, distribuídos em mais de 30 municípios localizados na Zona da Mata, Agreste e Sertão de Pernambuco tiveram a oportunidade de vivenciar a formação no curso de Agente de Desenvolvimento Local, aprofundando a agroecologia com ênfase na agricultura familiar.

6.3 Entendendo melhor a intervenção do Serta na comercialização e nas questões ligadas à sustentabilidade alimentar

> "Há nove anos fui capacitado pelo Serta, não tenho teoria, mas na prática eu sei como fazer. Produto orgânico é um produto sadio, você tem uma vida melhor consumindo. Foi um aprendizado muito grande para minha família. Plantar, comer, consumir, foram aspectos considerados na formação de meus dois filhos que ainda pequenos, já pedem alface nas refeições."
>
> José Marciel, produtor formado pelo Serta, sítio Mufumba, município de Glória do Goitá – PE, 2008.

Tratando-se de comercialização e sustentabilidade alimentar, o cenário encontrado pelo Serta na Bacia do Goitá, não apresentava tanta expressão na região. Vivenciamos um grande problema na época, o acelerado processo de urbanização enfrentado pelas famílias produtores que migravam. Ainda migram para os centros urbanos em busca de oportunidade por não encontrar condições

de permanecer e manter-se da propriedade rural. Essa migração representa um retrocesso ao desenvolvimento das comunidades rurais, ameaçadas pela marginalidade, violência, desemprego e aumento da dependência de políticas assistencialistas governamentais.

Fato visível no nosso cotidiano, as famílias passam a cruzar mais de 200 km diários para realizar uma atividade remunerada. O Pólo Industrial de SUAPE é um dos exemplos atrativos de mão-de-obra. Os chefes das famílias (o antigo produtor) passam a perder o vínculo familiar, pois, já não têm muito tempo para as questões específicas da família, uma vez que o tempo antes dedicado a família é consumido pelas longas horas de viagem.

> "A vida metropolitana está se decompondo psicologicamente, economicamente e biologicamente. Milhões de pessoas atestaram isso ao voltar com os pés, apanhando seus pertences e caindo fora. Se não conseguiram romper seus laços com a metrópole, pelo menos tentaram. Como sintonia social, o esforço é significativo." [30]
>
> Herbert, 1963.

Nas vastas cidades modernas, diz Herbert, o morador urbano está mais isolado do que seus ancestrais o estavam na região rural: "O homem da cidade em uma moderna metrópole atingiu um grau de anonimato, atomização social e isolamento espiritual praticamente sem precedentes da história humana". Então, o que faz ele? Tenta ir para os subúrbios e torna-se um *commuter*[31] como a cultura rural se desagregou, a população foge do campo e como a vida metropolitana está em decomposição, a população urbana foge das cidades. SCHUMACHER[32] (1976).

Inicialmente, a percepção que tínhamos era que o campo estava ficando improdutivo e ameaçando a sustentabilidade alimentar das sociedades. A cultura de produzir alimentos em pequenos espaços do quintal se distanciava cada vez mais da realidade. As indústrias de alimentos se apresentavam no mercado

---

[30] Our Synthetic Environment, Lewis Herbert (Jonathan Cape Ltd., Londres, 1963).

[31] Nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha, geralmente o subúrbio é uma cidade-satélite de alto gabarito, onde reside a classe média alta. Commuter B é quem vai diariamente de trem de casa para o trabalho e volta.

[32] **E. F. Schumacher.** Economista Inglês, professor, foi presidente da Junta Nacional do Carvão da Grã-Bretanha 1950 – 1970, autor do livro "O Negócio é Ser Pequeno", uma das obras que teve como tese defendida um estudo de economia que levou em conta as pessoas.

ditando a má qualidade dos produtos, que assim configurava uma cadeia de sérios problemas na estrutura produtiva da agricultura familiar e uma deficiência nutritiva no quadro de saúde da população em geral.

A tendência para extinção de produtos básicos da agricultura familiar vem se evidenciando a cada safra. A cada ano a agricultura familiar vai perdendo espaço para as indústrias do agronegócio, tornando-se visível a baixa produtividade de frutas, animais, grãos e hortaliças na região.

> "É um trabalho muito bom, pois além de fazer você ganhar dinheiro, faz com que você fique na região, não precisa sair para São Paulo ou Recife para procurar emprego se afastando da sua família dos seus filhos. Hoje estou produzindo mais de 18 tipos e variedade de hortaliça orgânica".
>
> Maelson Pereira, 18 anos, jovem produtor da 4ª turma de Agente de Desenvolvimento Local, município de Glória do Goitá - PE, 2006.

O Serta teve seu reconhecimento como instituição que mobilizava, acompanhava e formava jovens e produtores da agricultura familiar, porém, as iniciativas foram se ampliando e mais adiante algumas perguntas começaram a ser feita pelos jovens e agricultores: Após a formação do Serta, como, onde e quem irá comprar nossos produtos?

Outro elemento importante foi o relatório apresentado pela Aliança com o Adolescente[33] no ano de 2004, evidenciando o trabalho do Serta como instituição de forte influência, capaz de provocar a mudança na vida dos jovens Agente de Desenvolvimento Local formados. Os quatro anos de atividades desenvolvidas na região indicaram bons resultados no desenvolvimento pessoal dos jovens, na elevação da auto-estima, na participação em políticas públicas, nos espaços públicos, no resgate da identidade, porém, apontou a necessidade de maior intervenção em projetos com estratégia de geração de renda, de comercialização

[33] Projeto Aliança com o Adolescente pelo Desenvolvimento Sustentável no Nordeste surgiu em 1998, a partir de uma iniciativa conjunta do Instituto Ayrton Senna, Fundação Kellogg, Fundação Odebrecht e área Social do BNDS. Em 2000 esses instituidores passaram a atuar na Microrregião da Bacia do Goitá, por intermédio de um projeto de mobilização, educação e produção.

na perspectiva de inserir o jovem formado também na participação da renda da sua família.

> "Lembro de alguns desses adolescentes, de como eram tímidos, desconfiados, cabisbaixos. Hoje, eles estão desinibidos, motivados e me impressiona a capacidade que têm de articular as idéias e se expressar com clareza e objetividade".
>
> Francisco Tancredi
> Diretor da Fundação Kellogg para América Latina e Caribe.

A certeza era que da porteira para dentro da propriedade a produção, a colheita entre outras práticas de preservação e conservação do solo, os produtores dominavam muito bem, eram verdadeiros mestres de saberes. Porém, as exigências se ampliavam quando se tratava de iniciativas da porteira para fora da propriedade. Pois, era necessário sair para negociar, expressar-se bem, buscar parceria e espaços para comercialização, discutir logística, custos, preço dos produtos, normas de convivência, entre outros assuntos necessários a melhoria da renda dos jovens e produtores.

> "Meus produtos seguem para mercados da região metropolitana do Recife e feiras virtuais para entrega em domicílio. Tenho uma área de 01 hectare de hortaliças, pretendo ampliar para mais 01 hectare, já estou me planejando para diversificá-la".
>
> Almir Costa, 20 anos, jovem produtor formado pela 2ª turma de Agente de Desenvolvimento Local, município de Lagoa de Itaenga – PE, 2003.

A partir daí as questões ligadas a comercialização e sustentabilidade começaram a se ampliar, se legitimar e ter expressão na região. Constata-se a presença de uma ampla variedade e diversidade de produtos cultivados e ofertados aos mercados locais pelas famílias produtoras. No conjunto podemos destacar a existência de: pepino, chuchu, berinjela, abobrinha, jerimum, cenoura, beterraba, carambola, banana comprida, banana maçã, banana prata, mamão comum e havaí, caju, manga espada e rosa, jaca dura e mole, taioba, tomate cajá e cereja, acelga, agrião, almeirão, acerola, pitanga, ciriguela, milho verde, laranja pêra, cravo, bahia e mimo, graviola, limão galego e taiti, bardanha, inhame da costa, cará são tomé, abacate, macaxeira, mandioca, batata doce, cana-de-açúcar, alface crespa, lisa, roxa e

americana, espinafre, fava, bredo, coco seco e verde, amora, feijão verde, preto e mulatinho, rúcula, cebolinho, coentro, couve flor, couve folha, brócolis, maxixe, taioba, vagem, quiabo, nabo, rabanete, arruda, aroeira, salça, salção, hortelã graúdo e miúdo, evacidreira, capim santo, manjericão, ovos, aves, caprino, ovino, bovino além de uma grande variedade de beneficiados a partir desses produtos como tapioca, beiju, pé-de-moleque, goma, massa de mandioca, canjica, bolo de macaxeira, milho, banana, casca da banana, mandioca, torta de berinjela, macaxeira, suco de limão com capim santo, cajá, acerola, caju, manga, graviola, goiaba entre outros.

Além de outras estratégias para escoamento dos produtos das famílias formadas pelo Serta, a articulação de espaços para implantação de Feira de Produtos Orgânicos foi à iniciativa mais favorável a comercialização. Hoje essa tendência vem aumentando de forma muito positiva e assustadora, *"Como uma febre uma epidemia, que contamina, envolve, contagia o organismo humano e invade o consciente das pessoas",* o quadro se inverteu, não somos nós que procuramos os espaços e sim as lideranças dos espaços que procuram o Serta e os agricultores formados, solicitando o fornecimento de produtos.

> "Não só nos acompanhamentos, mas nos cursos e até mesmo nas conversas nas comunidades, sempre tentei mostrar para o agricultor a importância da diversificação de produtos para o consumo e comercialização, eles não acreditavam muito. Com o surgimento das feiras orgânicas, os consumidores passaram a exigir essa diversidade... A feira legitimou minhas provocações".
>
> Élio Souza, Educador e Técnico Agropecuário do Serta, 2010.

Tribunais Federais da Justiça e do Trabalho, Previdência Social, Prefeituras, SUDENE e outros órgãos públicos, Restaurantes, Escolas, Faculdades, Bairros, Redes de Supermercados, Shopping, Empresas, Professores, Ambientalistas, além de uma série de consumidores individuais tentando se articular com o Serta na perspectiva de viabilizar um espaço de comercialização mais próximo do seu entorno.

A Feira de Produtos Orgânicos é uma de tantas estratégias que o Serta encontrou para *"combater a pobreza na região"*, provocar a *"mudança nas famílias produtoras da agricultura familiar". Torna-se* um espaço no qual os produtores se organizam para expor o potencial produtivo de sua propriedade, procurando estabelecer uma interação solidária entre outros e consumidores no âmbito da exposição, troca e comercialização de seus produtos. Diferentemente de outros tipos de feiras, a orgânica tem como instrumento de gestão ficha de cadastro, regimento interno, tabela de preço, equipe de coordenação, logística definida, fundo de feira, fardamento específico, bancos padronizados, balança eletrônica, produtos rastreados e certificados. Sua realização estimula o intercâmbio entre os diferentes produtos, serviços, idéias inovadoras, criatividades, matérias primas entre outros aspectos relevantes ao empreendedorismo econômico, justo e solidário. Atendendo ao conjunto de valores que objetiva:

- Viabilizar a comercialização dos produtores/as da agricultura familiar orgânica possibilitando a geração de trabalho e renda das famílias.

- Incentivar, apoiar e difundir uma agricultura familiar ecologicamente correta e economicamente sustentável, justa e solidária com a sociedade e com o meio ambiente.

- Comercializar diretamente os produtos para o consumidor, criando novas relações sociais e experiências sócio-econômicas.

> "Feira de Produtos Orgânicos. Aquilo que parecia ser uma mera feira de pequenos produtores... Agora sem dúvida é um negócio viável e sustentável para geração de trabalho e renda aos produtores e produtoras da agricultura orgânica".
>
> Paulo Santana, Economista e atual diretor tesoureiro do Serta, Jovem formado pela 2ª turma de Agente de Desenvolvimento Local, município de Lagoa de Itaenga - PE, 2003.

Na tentativa de informar, medir, mensurar, quantificar o tamanho do impacto das Feiras Orgânicas na vida, na família, na economia, no meio ambiente, nos valores,

na crença, na cultura e principalmente, nas tendências do desenvolvimento sustentável da região organizamos uma análise conservadora das 08 iniciativas de comercialização mais recente[34]. As informações resumem-se apenas aos espaços, os quais o Serta teve influência, liderança e governabilidade direta no processo de mobilização, formação, acompanhamento e estruturação da gestão.

a) Receitas geradas pelas vendas de produtos orgânicos[35]

Análise conservadora das iniciativas de comercialização								
Iniciativas de Comercialização			Sazonalidade		Média das Receitas Geradas			
Nº	Espaços de Feira de Produtos Orgânicos	Nº de Família envolvida direto	Valor mínimo	Valor Máximo	Média percapta família/Feira	Valor total médio das receitas Feira/Semana	Valor total médio das receitas Feira/Mês	Valor total médio das receitas Feira/Ano
1	Universidade Federal de Pernambuco	6	250,00	520,00	385,00	2.310,00	9.933,00	119.196,00
2	Parque de Exposição do Cordeiro	8	250,00	700,00	475,00	3.800,00	16.340,00	196.080,00
3	Colégio Fazer Crescer	11	250,00	400,00	325,00	3.575,00	15.372,50	184.470,00
4	Ceasa - Central de Abastecimento	5	300,00	800,00	550,00	2.750,00	11.825,00	141.900,00
5	Previdência Social*	6	220,00	500,00	360,00	2.160,00	4.320,00	51.840,00
6	Condomínio Sudene	8	350,00	550,00	450,00	3.600,00	15.480,00	185.760,00
7	Tribunal Regional do Trabalho	6	160,00	400,00	280,00	1.680,00	7.224,00	86.688,00
8	Orla de Olinda	20	190,00	500,00	345,00	6.900,00	29.670,00	356.040,00
Total Geral		**70**				**26.775,00**	**110.164,50**	**1.321.974,00**

Entre outras iniciativas, a tabela faz referência aos espaços de comercialização recém implantados pelo Serta em parceria com outras organizações na região metropolitana do Recife. Constata-se que essa iniciativa vem provocando mudança no comportamento da renda das famílias, em apenas 5 horas de comercialização por semana, em média o produtor vem gerando de receitas R$ 385,66 - Trezentos e Oitenta e Cinco Reais e Sessenta e Seis Centavos - e por mês em média as receitas aumentam substancialmente para R$ 1.644,75 - Hum Mil Seiscentos e Quarenta e Quatro Reais e Setenta e Cinco Centavos.

Muitos desses produtores não atendem apenas a uma única feira de produtos orgânicos, a exemplo a família de seu Augusto, produtor formado pelo Serta em 2003. Envolve suas duas filhas na produção e atende 05 espaços de

[34]Análise feita com base na média das receitas geradas por semana, mês e ano, como resultado da comercialização de produtos orgânicos. A partir dos valores mínimos e máximos se obteve uma média, a qual se absorveu como base de cálculo para os valores totais comercializado pelas famílias produtoras nas Feiras de Produtos Orgânicos.

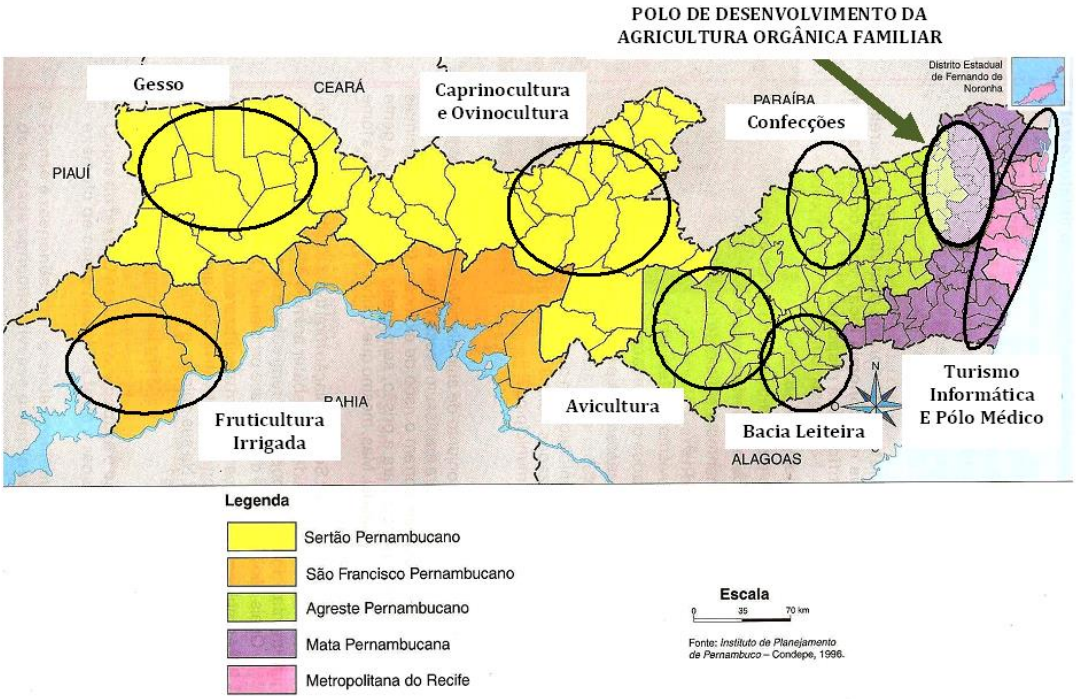
[35]O espaço de comercialização da Previdência Social funciona quinzenalmente, diferentemente dos demais que acontece uma vez a cada semana. No geral são feiras que duram no máximo 5 horas de comercialização, realizadas entre os horários de 5h às 10h da manhã nos dias de quarta, quinta, sexta e sábados.

comercialização, chegando a aumentar a receita familiar em 500% do valor informado anteriormente.

Quem um dia imaginaria que chegaríamos a esse nível de influência na vida dos jovens e agricultores? Para uns R$ 20.000,00 - Vinte Mil Reais - anuais representa um carro novo na garagem, porém para o Serta esse valor anual significa redução da pobreza, redução do êxodo rural, renda, empreendedorismo, compromisso com o meio ambiente, participação social, desenvolvimento sustentável na região. O que seria das 68 famílias analisadas sem a renda anual de R$ 1.293.594,00 – Hum Milhão Duzentos e Noventa e Três Mil Quinhentos e Noventa e Quatro Reais -, será que eles estariam ainda em suas propriedades? No convívio com suas famílias? Na Bacia do Goitá? Disseminando conhecimentos, sustentabilidade alimentar, práticas de conservação e preservação do solo, das plantas e animais?

Essa é uma pequena amostra das mais de 1000 famílias formadas pelo Serta nos últimos 10 anos na Bacia do Goitá, uma experiência concreta que deve ser reconhecida, multiplicada e acima de tudo, replicada em outras regiões.

Em 2003, esse cenário teve reconhecimento pelo Governo de Pernambuco através de mapeamento dos arranjos produtivos locais, realizado e publicado pelo Projeto Renascer/Seplandes.



Assim como a Bacia leiteira do Agreste Meridional, o Pólo de Confecção de Caruraru, a Fruticultura Irrigada do São Francisco, a Caprinocultura e Ovinocultura dos sertões, o Turismo, a Informática, o Pólo médico, a região da Zona da Mata foi identificada como o Pólo de desenvolvimento da agricultura familiar orgânica, a partir dos trabalhos realizados pelo Serta que posteriormente recebeu financiamento para o Projeto Pólo de Orgânico de Pernambuco[36].

6.4 Entendendo a intervenção do Serta nas escolas rurais e as estratégias de fortalecimento da agricultura familiar

O Serta entende que as escolas rurais são espaços privilegiados de aprendizado e emancipação social das populações do campo. Sabendo que um dos princípios fundamentais da agricultura é lidar com vida, ou seja, com substâncias vivas. Seus

Figura: Mapa de Pernambuco com os arranjos produtivos locais (Pólos de desenvolvimentos), com destaque para o Pólo Orgânico. Projeto Renascer- Governo de Pernambuco, 2003.

produtos resultam de processos vitais e seu meio de produção é o solo vivo. Um centímetro cúbico de solo fértil contém bilhões de organismos vivos, cuja plena exploração está muito além das capacidades do homem (Shumacher). Usando o exemplo do solo, muitos dos seus elementos tendem a nos ensinar, a matemática, a ciência, a biologia, a geografia, o português entre outros conteúdos do currículo escolar.

A escola emergiu como ambiente mais favorável para o incentivo de novas gerações de agricultores. A educação do campo deveria ser pauta nas escolas como estratégia para responder questões ligadas ao entorno da comunidade, tais como, as primeiras chuvas, o preparo do solo, as dificuldades, o planejamento da produção, a colheita. A mão-de-obra da família, passou a ter data e pauta definida no calendário escolar conduzido pelas lideranças e famílias locais. Os pais eram

[36] Projeto que propôs aderir, capacitar e acompanhar 1.000 famílias da Agricultura Familiar em 10 municípios da Zona da Mata de Pernambuco. Uma iniciativa financiada pelo Governo do Estado no âmbito do Programa de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável da Zona da Mata - Componente de Diversificação Econômica. Executado pelas instituições operadoras Serta – Serviço de Tecnologia Alternativa, SNE – Sociedade Nordestina de Ecologia, ECOORGANICA – Cooperativa de Produtores Familiares Orgânicos e FUSAMA – Fundação de Proteção a Saúde e ao Meio Ambiente.

chamados a sala de aula, a dar depoimento, a responder perguntas e contar sua história na agricultura familiar.

Como exemplo no município de Lagoa de Itaenga, a intervenção começou a acontecer mediante adesão da Peads nas escolas rurais, os resultados somaram mais de 40 professores que receberam a formação continuada sobre a metodologia para atuar nas escolas rurais do município.

Afirma Roselene Carneiro[37], atual Coordenadora da Educação Continuada do Campo das escolas rurais, que a metodologia da Peads[38] resgatou a história, a origem dos alunos e familiares, que hoje se sentem valorizados a enxergar sua comunidade com potencialidade para se sustentar, os alunos são sujeitos, como atores de direitos e de identidade. Contrapondo-se as práticas pedagógicas tradicionais nas quais apenas o professor torna-se o centro das atenções "o dono do saber" e que os alunos não têm oportunidade de expressar sua iniciativa de conhecimento, de valor e desejo. Como resultado impactante a metodologia resgatou a identidade dos professores como profissionais, sem preconceito com as questões rurais, criando uma visão diferenciada do campo, motivando-os a intervir sem serem forçados.

As famílias são convidadas para dentro das escolas, nas quais se cria uma ambiência de aproximação escola – professor – família – comunidade. Esse processo fez com que a escola dentro da comunidade estimulasse às gerações posteriores de agricultores. A partir daí, o planejamento do inverno passou a ser pautado em sala de aula das escolas rurais. Os pais mais antigos das comunidades foram convidados a falar sobre a agricultura, sobre os diferentes tipos de plantar e de colher os produtos, enfim, criando estratégias de perpetuar as famílias na agricultura familiar orgânica e preparar as novas gerações de agricultores.

---

[37] **Roselene Carneiro,** Geógrafa, especializada em estudos da Geografia, professora e atual coordenadora da Educação do Campo da Secretaria de Educação do município de Lagoa de Itaenga. Desde 1999 vem dedicando suas ações ao monitoramento, planejamento e avaliação das atividades anuais das escolas rurais do município.

[38] . Peads - Proposta Educacional de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável, criada e sistematizada pelo Serta e acolhida em vários municípios de Pernambuco como proposta municipal.

Entendemos que a agricultura familiar orgânica ganhou perspectivas, na medida em que estimulou o autosustento e a criação de alternativas de residência nas áreas rurais do seu município.

Capítulo VI:
Análise qualitativa

Bomba Rosário Elevatória e
Banheiro Redondo
Arquivos do Serta

Capítulo VI: Análise qualitativa **(Falcão)**

Considerações

Considerações

Gostaria de Trazer algumas reflexões, e alguns questionamentos a respeito das propostas de ensino conseqüentes na perspectiva de transformar a realidade dos trabalhadores em todos os níveis, e que *´´foi não foi``* estamos discutindo, mas sem muito aprofundamento nos debates que participamos e que ocorrem em congressos, fóruns, seminários,etc. Mas, que nesse momento se faz necessário pensarmos a partir da conclusão desse trabalho executado a várias mãos e que tem a ver com as nossas histórias de vidas, e mais ainda, com a transformação das realidades da zona da mata, agreste e semi-árido pernambucano, nas ações educativas desenvolvidas pelo Serta- Serviço de Tecnologia Alternativa através da Peads- Proposta Educacional de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável, em que acreditamos.

O primeiro questionamento nos remete a pensar qual o papel das Universidades brasileiras no que se refere a sua missão na proposta de transformação político/econômico/social da região na qual elas estão inseridas. Por outro lado, produzir conhecimentos através das dimensões da pesquisa, ensino e extensão ao mesmo tempo em que, produz ciência e tecnologia capaz de ajudar na construção de metodologias que vem efetivar sua missão. No entanto, observamos que entre o objetivo e a efetivação da missão propriamente dita, ainda surgem várias lacunas, principalmente nas questões agrária voltadas para a agricultura familiar, da educação do campo, de novas pedagogias e metodologias que efetivamente possam diminuir as diferenças entre as pessoas, cidades e regiões.

É notório que nesse nosso sistema educacional vigente, o favorecimento do sistema capitalista concentrador se evidencia cada vez mais, excluindo trabalhadores e filhos de trabalhadores dos acessos as universidades diminuindo as oportunidades de melhorias e qualificações desses trabalhadores em suas realidades. Obrigando-os a buscarem em outras paragens oportunidades de ensino e trabalho muitas vezes descontextualizadas de suas realidades, onde muito poucos conseguem estudar em centros mais aparelhados que são montados nas

escolas privadas, do que os estudantes egressos das escolas públicas, onde os professores do sistema público de ensino não são estimulados a se capacitarem ou não se dá oportunidade para esses professores buscarem suas melhorias na carreira do magistério.

Entendendo a democracia mais do que apenas um regime político. Acho, que esta poderia ser a máquina que iria construir ou promover cidadania e cidadãos. E como falar de liberdade e cidadania para o exercício pleno dessa ´´*tal cidadania*`` se a própria liberdade funciona muito bem para aqueles que são mais abastados, que tem mais acesso aos conhecimentos produzidos nas escolas, escola essa que democraticamente deveria dar oportunidades a todos sem distinção de raça, sexo, etnia, ou classe social. Como pensar modelos de inclusão sem ter que recorrer ao sistema de cotas simplesmente, ou ainda, as *bolsas de estudos* repassadas dos recursos públicos para as escolas privadas com a desculpa da inclusão (FALCÃO, 2006).

Outra reflexão cabível diz respeito aos programas de extensão das universidades brasileiras que tem por objetivo aplicar conhecimentos desenvolvidos pelas mais diversas modalidades de pesquisas. Particularmente, a Universidade Federal da Paraíba – UFPB é conhecida nacionalmente pelo seu engajamento cidadão através de programas de extensão numa aproximação com as várias modalidades, especificamente da Extensão Popular (MELO NETO, 2000).

O cenário que se apresenta como resultado desse trabalho mostra que não basta apenas investir em mais verbas na educação da rede pública de ensino. O desafio passa a ser muito maior, pois é preciso que seja construída uma nova proposta pedagógica capaz de transformar o processo de ensino/aprendizagem, num caminho onde a conquista seja a inclusão do cidadão em sua comunidade, e proporcionar aos que moram e vivem da terra uma leitura e nova compreensão dessa realidade, de tal maneira que formem um novo jeito de pensar e agir sobre a realidade vivida.

Diante dessas reflexões e questionamentos, ainda preocupados com essa realidade e com o desafio de contribuir para a promoção de mudanças sociais, o Serviço de Tecnologia Alternativa mais a Universidade Federal da Paraíba e a Assessoria de Grupo Especializada Multidisciplinar Em Tecnologia e Extensão, depois da efetivação do curso de extensão universitária que culminou com a pesquisa universitária sobre a importância do SERTA na Bacia do Goitá, ofertado pelo

Programa Interdisciplinar de Ação Comunitária UFPB/PRAC/COPAC/PIAC[39] diante dos resultados obtidos apontam para uma proposta de efetivação da PEADS trazida pelos braços da Extensão Popular, de uma "**formação na área da educação do campo para a agricultura familiar numa perspectiva de desenvolvimento, seguindo os princípios de uma visão cósmica e planetária que buscasse a integralidade do homem e o meio"** que de forma sistematizada e harmônica, promovesse o **desenvolvimento Local** através da constituição de uma **Universidade Popular**.

[39] UFPB - Universidade Federal da Paraíba
PRAC – Pró-Reitoria para Assuntos Comunitários
COPAC – Coordenação De Programas de Ação Comunitária
PIAC – Programa Interdisciplinar de Ação Comunitária

Referencia Bibliografia

- PROMATA – Programa de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável da Zona da Mata - Componente de Diversificação Econômica. Projeto Pólo de Orgânico de Pernambuco, **Relatório de atividades produto 2 – Plano de Manejo das propriedades**. Realização Serta, 2010.

----------. **Pedagogia da autonomia**. 36ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

----------. **Textos para a formação inicial de jovens, Professoras e professores das redes públicas de ensino Agricultoras/ES familiares Módulo – II -** As concepções filosóficas que fundamentam a atuação do SERTA. Glória de Goitá: SERTA, 2004.

ALMEIDA, T. de. A fragilidade do conceito de adolescência: afinal, como definir esse período? **Psicologia Brasil.** São Paulo, ano 5, n.41, p.20- 23, Maio/2007.

ANTUNES, C. **As inteligências múltiplas e seus estímulos**. 10. ed. Campinas: Papirus, 2003.

BULFINCH, T. **O livro de ouro da mitologia**: (a idade da fábula): histórias de deuses e heróis. 26ª ed. Rio de janeiro, Digital Source, 2002. Disponível em: http://groups.google.com.br/group/digitalsource. Acesso em: 21 Mai 2010.

Bosi, Ecléa. Memória e Sociedade: lembranças dos velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1979, (1ª Edição).

COSTA, R. **Por um novo conceito de comunidade:** redes sociais, comunidades pessoais, inteligência coletiva. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/icse/v9n17/v9n17a03.pdf, Acessado em: 02 Jan. 2010.

E.F. Shumacher, **O negócio é ser pequeno: Um estudo de economia que leva em conta as pessoas,** Zanhar editores, 3ª edição, Rio de Janeiro, 1976.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. 15ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GARDNER, H. **Inteligências múltiplas**: a teoria na prática. 1ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

MARCUSE, H. In: **Revista Realidade**, Rio de Janeiro: Editora Abril, n. 28, ano III, p. 16 – 17, Julho/1968.

MOURA, A. **Princípios e fundamentos da proposta educacional de apoio ao desenvolvimento sustentável**: Peads. 2ª ed. Glória de Goitá: Serviço de Tecnologia Alternativa, 2003.

SANTANA, Paulo José. **Agricultura Familiar Orgânica: Desafios e Perspectivas para o Desenvolvimento Econômico Sustentável da Zona da Mata de Pernambuco.** Faculdade de Ciências Humanas Esuda, Dezembro de 2009.

SANTOS, C. A. B; BARBOSA, M. J. S; SILVA, I.M. A implantação da Peads no município de Pombos: resgatando e valorizando os sujeitos e a escola pública do campo. In: MOURA, A. (Org.). **Múltiplos olhares de uma caminhada pedagógica**: Proposta pedagógica de apoio ao desenvolvimento sustentável – PEADS. Glória de Goitá: SERTA, 2006.v. 1. cap. 3.

SERTA, **Plano de Negócio Simplificado da Propriedade** – Antônio Roberto M. Pereira e Paulo José de Santana [Organizadores], Glória do Goitá, Agosto de 2009.

SERTA, **Um Olhar sobre a Microrregião da Bacia do Goitá – Pernambuco: Uma experiência de capacitação e mobilização social para o desenvolvimento sustentável do campo** – Glória do Goitá, PE, 2005.

VANDEPLADUTSE. **Almanaque da Economia Solidária**. / Katarine Vandepladutse [Coordenadora] – Fortaleza: Volens, 2009.

Vídeos e Documentários:

Promoção Regional de Desenvolvimento no Nordeste do Brasil [Vídeo Documentário], Aliança com o Adolescente/Fundação Kellogg. Realização SERTA. DVD 8 minutos e 49 segundos. Etapas Vídeo, Recife Setembro de 2002.

Vídeo Documentário: 5 em 1 Fundação Kellogg, realização Serta:

- **Geração Futuro** "Uma história de Arte e Transformação Social"
- **Projeto Universitário** "Superando Desafios, Multiplicando Potencialidades"
- **Microcrédito** "Jovens Empreendedores"
- **Agricultores Orgânicos** "Transformando a Realidade Econômica"
- **Ação, Cidadania e Informática.**

Glória do Goitá, Ed. Everaldo Costa, 2006.

Vídeo Documentário – **CETAF – Centro Tecnológico da Agricultura Familiar para o Desenvolvimento Sustentável.** Ed. Everaldo Costa. Realização Serta. DVD 6 minutos e 20 segundos, Glória do Goitá, Agosto de 2005.

Vídeo Institucional - **Serta: Mais de 20 anos contribuindo para o Desenvolvimento Sustentável e Respeito ao Meio Ambiente**, DVD, 21 minutos. Glória do Goitá, 2010.

Anexos

Anexo.1:Questionário de Pesquisa do Grupo de Extensão Popular Comunitária SERTA/UFPB

- O Questionário se baseia em quatros eixos de pesquisa:

1. O que aconteceu comigo – EU e o SERTA (Antes e depois)
2. O que aconteceu com a comunidade
3. O que aconteceu com as pessoas
4. O que aconteceu com o trabalho do SERTA (Impactos positivos e negativos)

1° parte – **EU e o SERTA**

- Como você se avalia antes e depois do SERTA?
ANTES

Idade:
Onde morava?
Que série estudava?
Participava de algum grupo social?
Trabalhava (em que?)
Renda Familiar
Como você era? (Avaliação pessoal)
Gostava de quê? (música, livros, esportes, lazer, etc.)
Como se comportava?
Relação com a família
Relação na escola (com colegas e professores)
Expectativas de futuro: queria ser o que?
Como via o futuro

DEPOIS DO SERTA

Idade
Onde mora
Que série estuda
Participa de algum grupo social
Trabalha (em que?)
Renda familiar atual
Como você é agora (avaliação pessoal)
Gosta de quê?
Como se comporta?
Relação com a família
Relação na escola
Expectativas de futuro: você é o que desejava ser no passado? O que mudou?
Como vê o futuro?
Cite mudanças significativas em sua vida...

2° parte – **O que aconteceu com a comunidade antes e depois do SERTA?**

ANTES e DEPOIS

Se basear nesses dados para obter as informações referentes aos dois momentos: **antes e depois.**

- Economia, Produção e Renda
Como era e como está?
Quantos negócios existiam?
Formais e Informais?
Tipos/ Natureza dos negócios (o que era?) Ofertam o que?
Quantas pessoas empregavam/ estavam envolvidas formais ou informais?
Quantas trabalham para terceiros (fora da comunidade)
O que possuía antes: bens, móveis, animais, terra (quantos hectares? Própria ou não?)
Origem da renda: produção, aposentadoria, ajuda sindical, etc.
Se recebia algum beneficio quanto era e qual?
Se tinha negócio quem geria?
Havia acesso a crédito?

Infra-estrutura
Como era e como está?
Coleta de lixo
Água
Luz – há quantos anos?
Saneamento
Estrutura da casa
Escola – Se a comunidade possuía? E estado físico da mesma?
Posto de Saúde
Calçamento
Transporte
Segurança
Associação – Possuía? Como era gerida?

Relacionamento com o poder-público (antes e depois)
Como era e como está?
Abertura de diálogo
Dava assistência social
Quem faz a ligação com o poder-público e a comunidade (liderança)

Grupos sociais
Como era e como está?
Associações: Quais?

Cooperativas
Sindicatos
Quais as principais lideranças
Grupos existentes: jovens, igreja, canto, costureiras, artesãos, etc.

3° parte – **O que aconteceu com as pessoas que interagiram com o SERTA?**
Como era e como estão?
Concepção de mundo – Você compreendia que tinha algum papel na sociedade?
Como via sua comunidade e como vê?
Principais atitudes – Como participava das ações e grupos sociais?
Qual o principal meio de geração de renda e como atuava?
Você tinha conhecimento de seus direitos e deveres?

4° parte – **Quais mudanças ocorreram na Bacia do Goitá a partir do trabalho do SERTA.**
Como era e como estão?
Existiam quantas entidades sociais?
Como eram as condições de vida das pessoas?
Nível de escolaridade
Emprego e Geração de Renda
Participação social

Anexo.2: Sistematização das Pesquisas.

- Amostra de 113 indivíduos pesquisados;
- Território (Glória do Goitá, Feira Nova, Lagoa de Itaenga, Pombos e Vitória de Santo Antão).

Questão 01: Eu e o Serta (Antes e Depois)

1.1 Idade

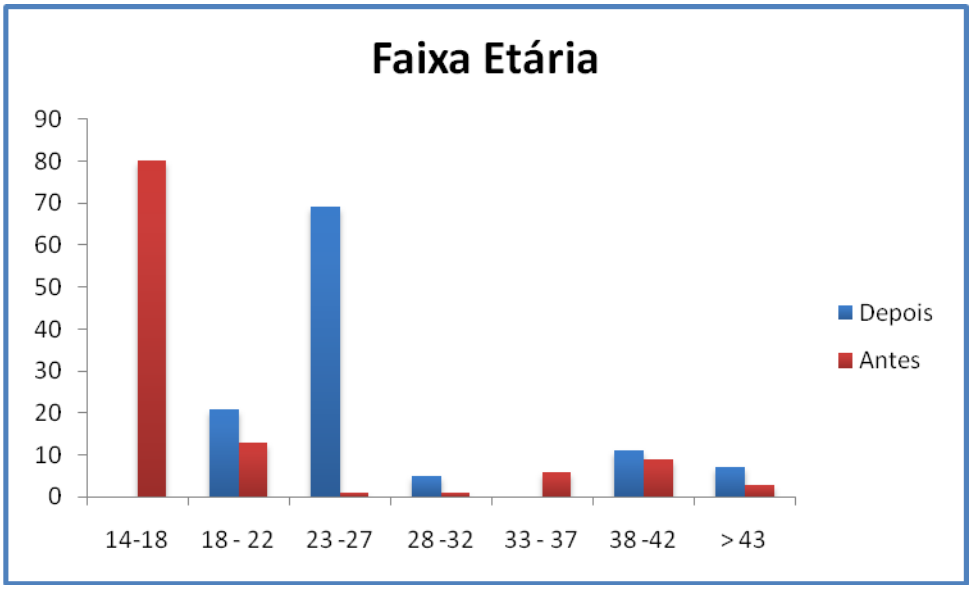


Figura 1.1.1: Gráfico da idade dos pesquisados antes e depois da formação do Serta.

-

- Anteriormente o grupo de indivíduos envolvidos, inicialmente, com o SERTA é composto, em sua maioria, por adolescentes entre 14 e 18 anos. É sabido que esta faixa etária corresponde à maturação cognitiva, à profissionalização, ao preparo para a vida adulta e suas atribuições sociais.

  Posteriormente estes indivíduos compõem um grupo entre os 23 e 27 anos, jovens adultos, subtende-se que estão desenvolvidos cognitivamente e já são detentores de uma técnica profissional, em ambos os aspectos, estes indivíduos têm formação para além da oferecida formalmente pelo currículo escolar, têm a formação oferecida pela instituição e, conseqüentemente, seu acréscimo curricular.

1.2 Moradia (Rural/Urbano)

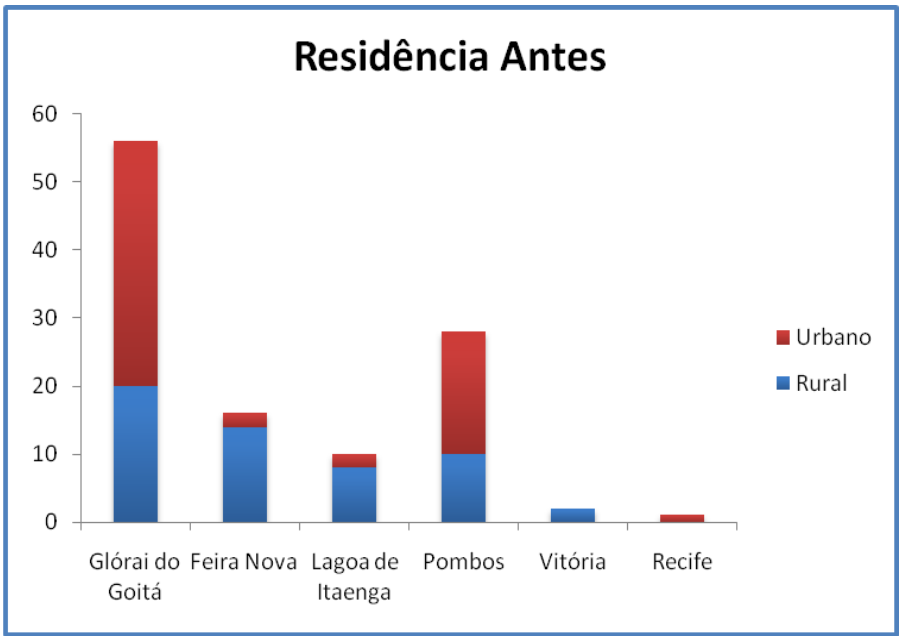


Figura 1.2.1: Gráfico da moradia dos pesquisados antes da formação do Serta.

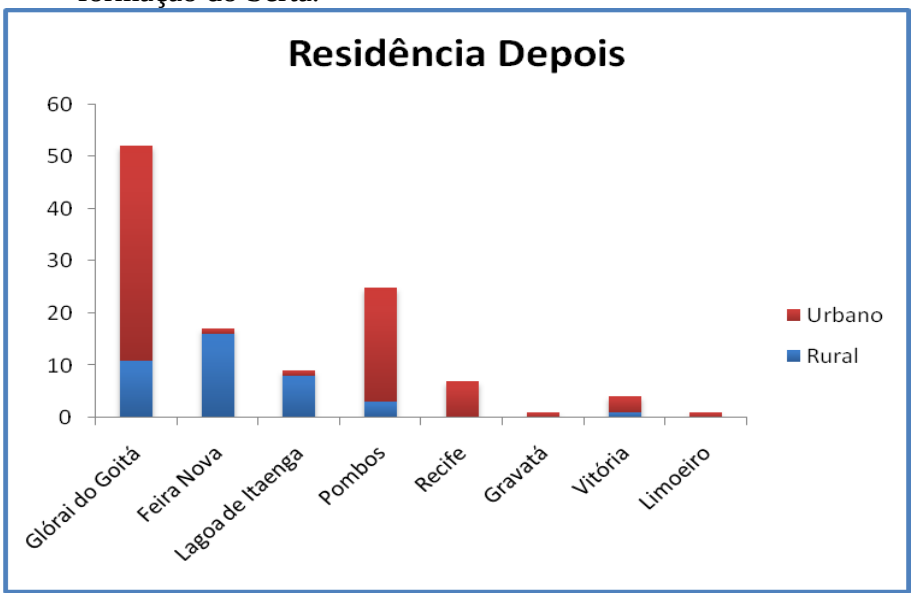


Figura 1.2.2: Gráfico da moradia dos pesquisados depois da formação do Serta.

Constatações:

- Anteriormente a moradia em maior quantidade está localizada nas áreas urbanas dos quatro municípios da Bacia do Goitá. E posteriormente a moradia extende-se para áreas urbanas de outros municípios da região e mesmo para a capital do estado. Atribui –se a este evento a busca pelo ensino superior e especializações apresentado, ainda, com maior diversidade em cidades maiores ou na capital; Outro aspecto é a demanda de trabalho na zona urbana oferecida para os jovens formados pela

instituição, que atendem ao terceiro setor, a programas de desenvolvimento do governo federal e projetos dos governos estadual e municipal.

1.3 Escolaridade

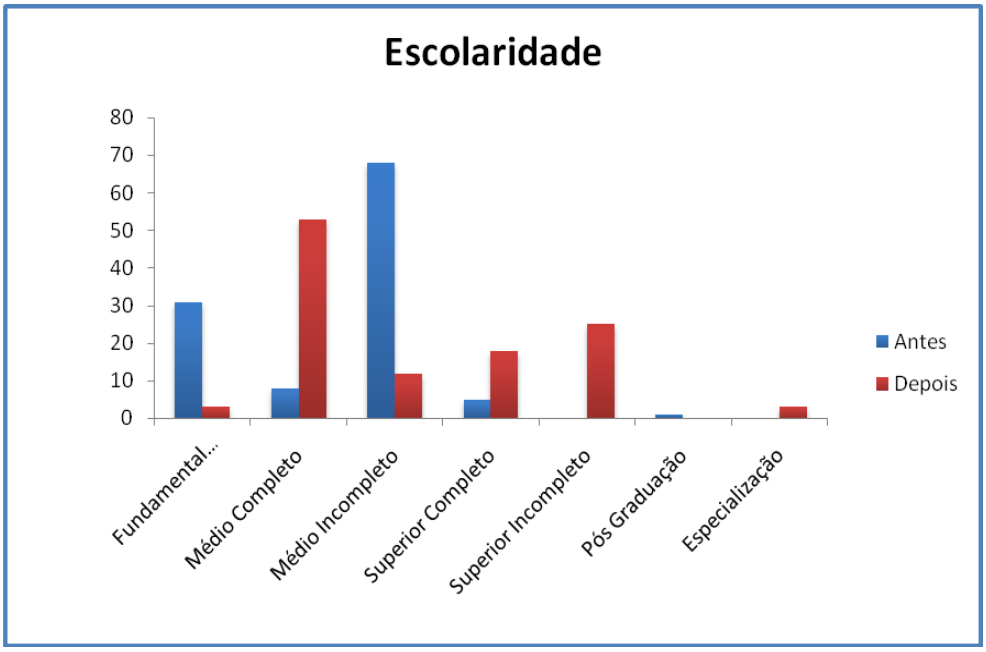


Figura 1.3.1: Gráfico da escolaridade dos pesquisados antes e depois da formação do Serta.

Constatações:

- Constata-se a inserção do nível superior na formação dos indivíduos, a formação realizada pelo Serta estimulou a continuidade dos estudos, a busca pela qualificação e a garantia da multiplicação dos conhecimentos para outras gerações;

- Anteriormente o grau de escolaridade mais representativo é o Ensino Médio incompleto ou em formação, seguido pelo Ensino Fundamental incompleto ou em formação, aparecem em menor número Ensino Médio completo, Ensino Superior completo e Pós-graduação (especialização) em formação ou já concluída.

  Posteriormente percebe - se o aumento da conclusão do Ensino Médio, aumento na camada de Ensino Superior (em conclusão e concluído), significativa diminuição do Ensino Médio incompleto e fundamental e aparente aumento na pós-graduação (especialização). Aparentemente, percebe - se que a valorização da educação, concomitante com a valorização dos indivíduos como cidadãos, responsáveis pelo curso de suas vidas e de seu entorno cultural, político e social fomentou a compreensão da relação direta entre instrução intelectual e desenvolvimento em todos os aspectos possíveis.

1.4 Participação em grupos sociais

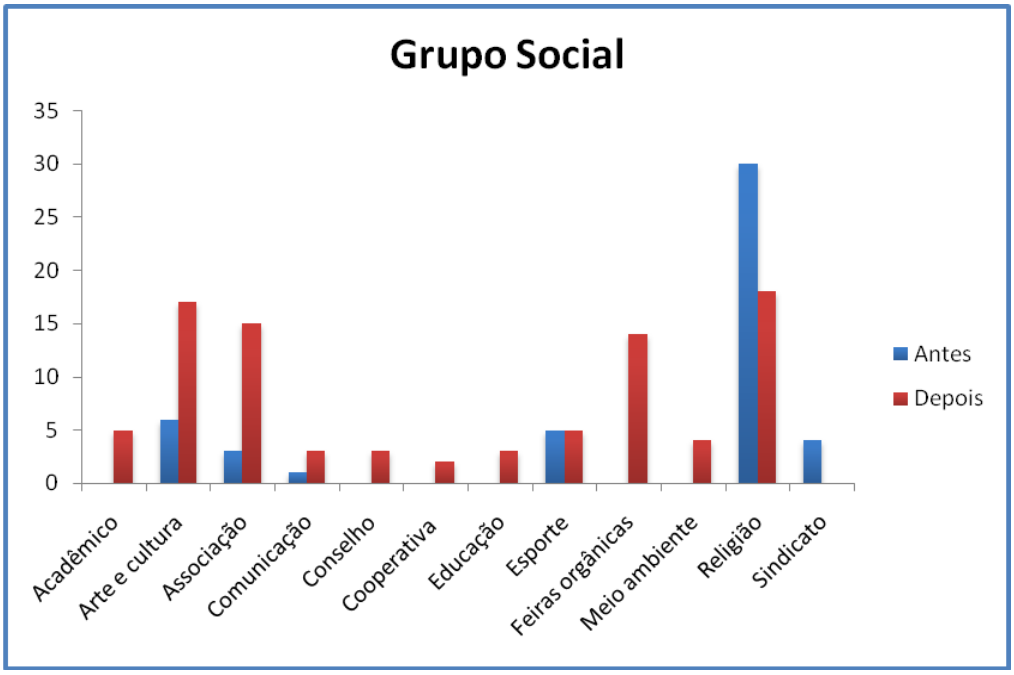


Figura 1.4.1: Gráfico sobre a participação em grupos sociais dos pesquisados antes e depois da formação do Serta.

Constatações:

- Constata-se uma importante mudança nos níveis de participação dos indivíduos em grupos sociais houve aumento de 53% antes para 88% depois da formação do Serta, amplia-se a participação para grupos de produção e comercialização em feiras orgânicas; Associação comunitária, Cooperativa; meio ambiente; Acadêmico e em Conselho de desenvolvimento nas esferas municipal, estadual e nacional;

- Constata-se que a religião ainda é um espaço de muito influência na vida das pessoas, aparece antes e depois como grupo de participação;

- Anteriormente a participação em grupos sociais apresentava–se significativamente em grupos religiosos e menos expressivamente em grupos de arte e cultura, esporte, sindicato, associações e grupos de comunicação.

  Posteriormente há aumento de grupos sociais, [novos grupos foram criados], há diminuição da participação em grupos mais tradicionais, tais quais, os religiosos e aumento da vinculação a outros grupos, ou mesmo, criação de novos grupos: arte e cultura, associações, produção orgânica, relacionados ao meio ambiente, acadêmicos, comunicação, conselhos, cooperativas, educação, esporte. Sugere expansão da compreensão das necessidades pessoais, sociais; Aumento da iniciativa pessoal, haja visto que os grupos formados não estão diretamente associados à instituições

governamentais ou religiosas, sugerindo o aguçamento da consciência social, como reflexo de um processo conscientizador.

1.5 Trabalho

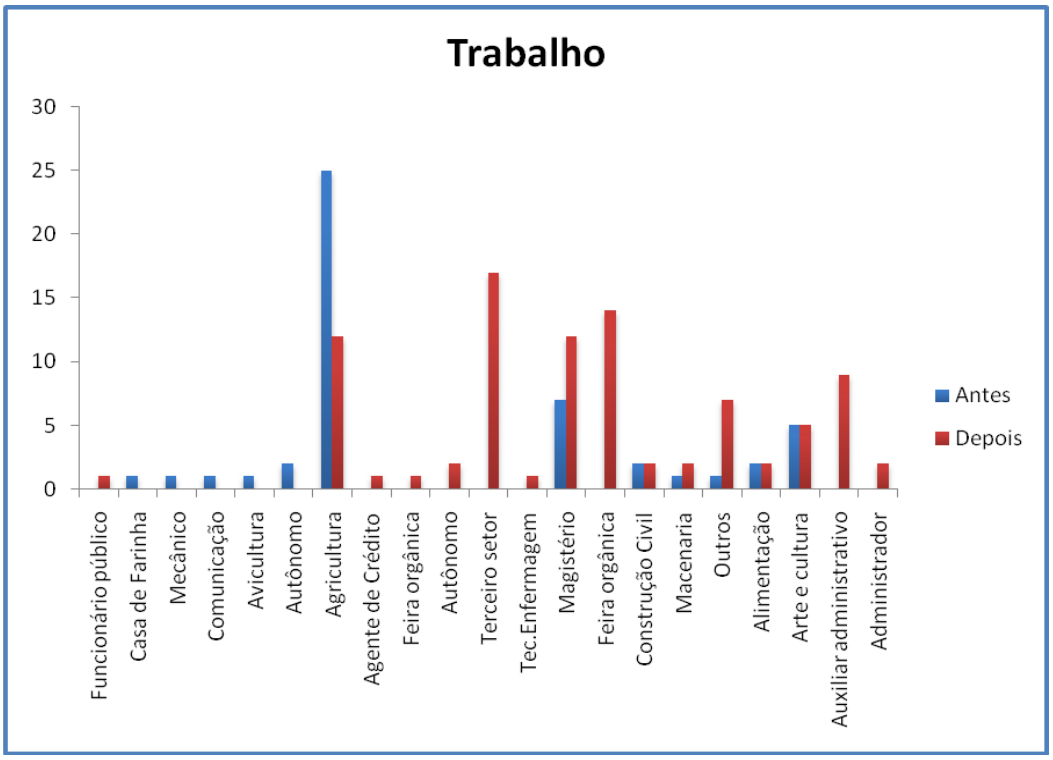


Figura 1.5.1: Gráfico sobre o trabalho e renda dos pesquisados antes e depois da formação do Serta.

Interpretações:

Anteriormente as áreas de trabalho que aparecem, significativamente, estão vinculadas a: agricultura, magistério, arte e cultura e atividades autônomas. Especificamente, são doze as áreas de atuação mencionadas.

Posteriormente, percebe–se aumento das áreas de atuação, são dezesseis, quatro áreas a mais e duas estão diretamente ligadas a atuação do SERTA, o terceiro setor e a produção / comercialização de produtos orgânicos surge como áreas de atuação. Parece significante o aumento da atuação na área de educação, o magistério, todos os índices parecem sugerir a influência de nova mentalidade e atuação prática.

1.6 Renda

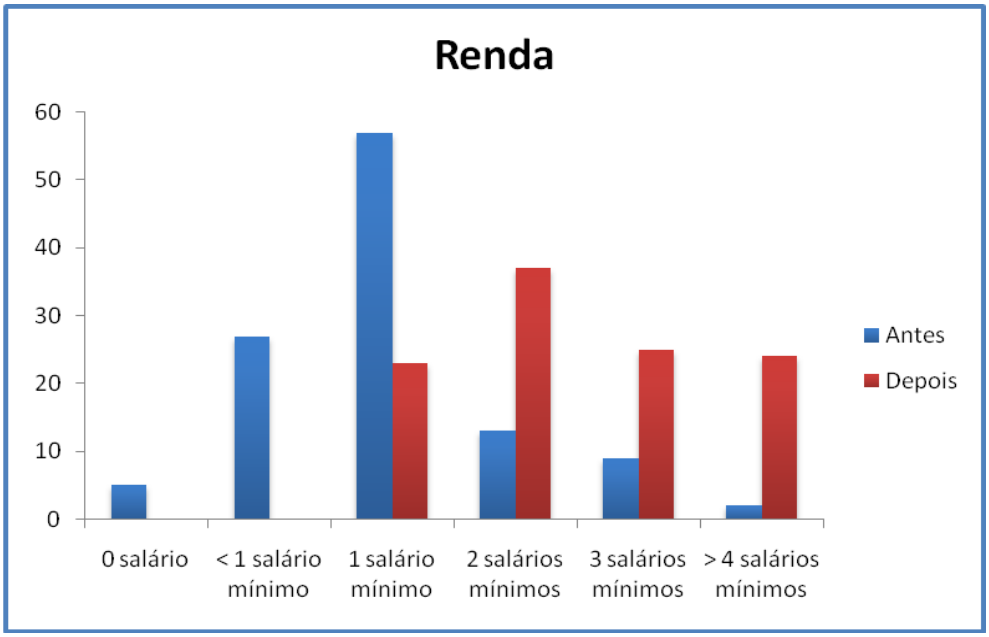


Figura 1.6.1: Gráfico sobre a renda dos pesquisados antes e depois da formação do Serta.

Interpretações:

- Anteriormente a renda estava significativamente quantificada em um salário mínimo ou em sua inexistência. Posteriormente a renda apresenta–se, substancialmente, maior que um, que quatro salários mínimos. O quadro demonstra o aumentou do número de indivíduos com renda, bem como, o aumento da renda. Sugerindo qualificação e, ou, especialização profissional.

1.7 Desenvolvimento pessoal

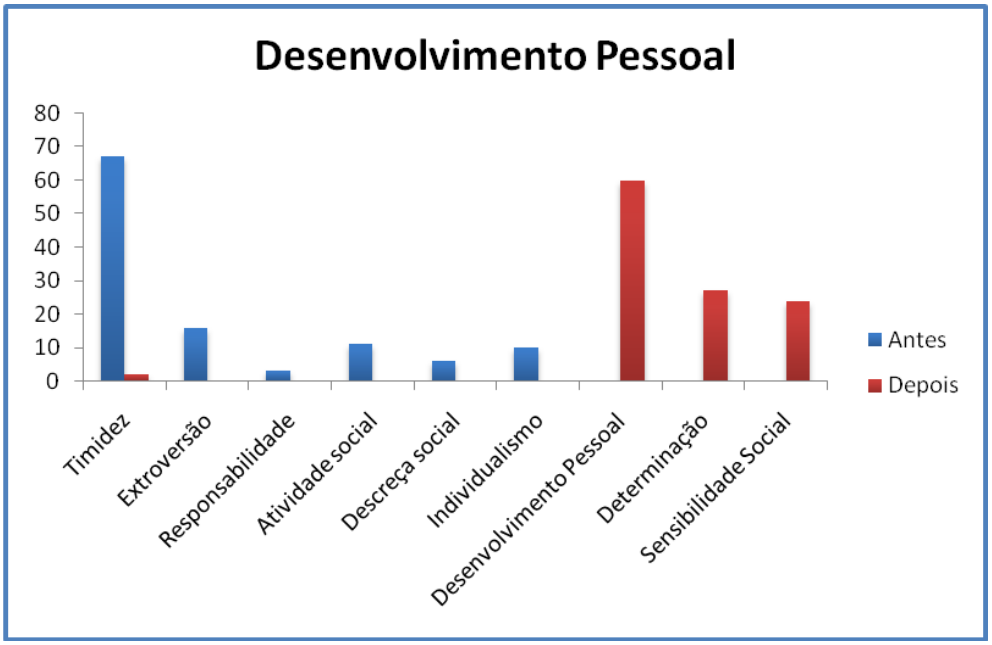


Figura 1.7.1: Gráfico sobre desenvolvimento pessoal dos pesquisados antes e depois da formação do Serta.

Interpretações:

- Anteriormente o comportamento descrito referia–se, significativamente, à timidez. Posteriormente o comportamento descrito refere–se ao desenvolvimento pessoal, a timidez dá espaço ao desenvolvimento pessoal, a determinação e mesmo ao aumento da sensibilidade social.

1.8 Interesses

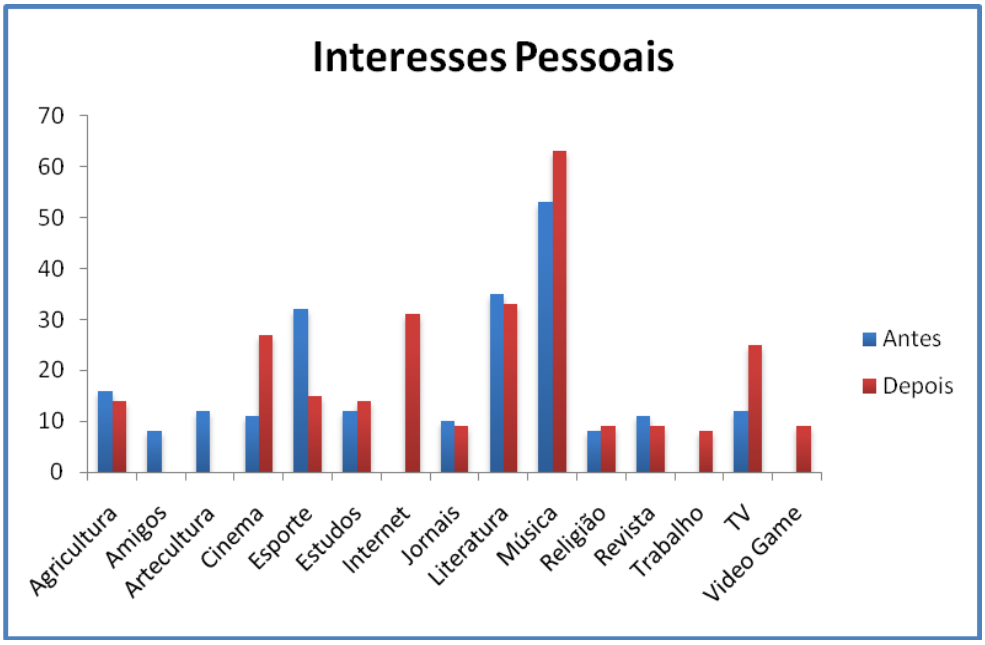


Figura 1.8.1: Gráfico sobre interesses pessoais dos pesquisados antes e depois da formação do Serta.

Interpretações:

- Anteriormente são citados doze pontos de interesses pessoais, sendo: música, literatura, esporte e agricultura os mais citados. Posteriormente há aumento de um ponto na citação e saída de dois outros, aumenta o interesse por música, literatura, cinema e TV. Surge a internet e o vídeo game como pontos de interesse, bem como o trabalho é inauguralmente citado. O quadro reforça nossas impressões sobre a fase de transição que atingiu os indivíduos formados pelo SERTA, de adolescentes para jovens adultos, e as atribuições sociais dessa transição indicados no gráfico 1.1.1. Faixa Etária. Sugere também a inserção dos jovens à tecnologia, internet, tanto como fonte de pesquisa, como entretenimento (vídeo game ou jogos on line).

1.9 Comportamento pessoal

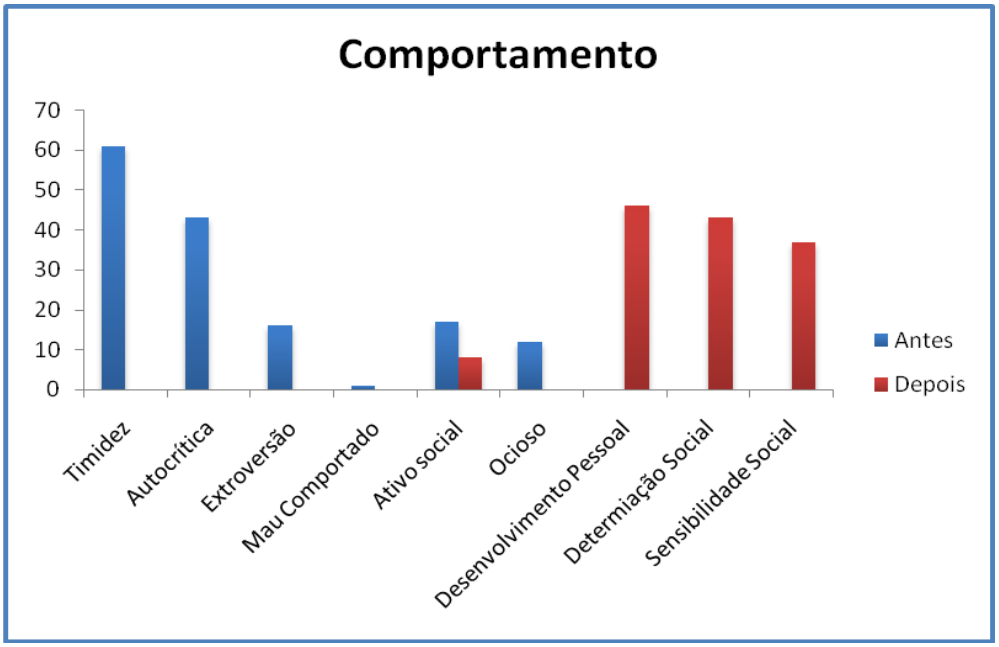


Figura 1.9.1: Gráfico sobre como se comportava os pesquisados antes e depois da formação do Serta.

Interpretações:

- Anteriormente são citados seis comportamentos possíveis, a timidez é a mais citada, tendo como antecessora a autocrítica. Podem ser percebidas como sinônimos, ou mesmo, a autocrítica como ato cerceador a serviço da timidez.

  Posteriormente há diminuição no número de comportamentos possíveis, reduz –se para quatro e estão claramente relacionados com o desenvolvimento pessoal, sendo ele mesmo, um comportamento citado precedido, respectivamente, por: determinação, sensibilidade e atividade social. É importante perceber que o mau comportamento citado como comportamento anteriormente possível não foi citado posteriormente. Do ponto de vista psicossocial, sabe – se que o mau comportamento, as agressões em suas diversas formas, está relacionado à frustração. Logo, indivíduos inseguros de si, de seu valor, tendem a impor-se nas relações agressiva, destrutivamente. Ao passo que o bom comportamento, pro - social, está relacionado à boa auto-estima e capacidade de lidar equilibradamente com as situações oferecidas pelo meio.
  De modo geral, o gráfico sugere que os indivíduos passaram de inseguros, tímidos, autocríticos, e mesmo, frustrados para desenvoltos, determinados, sensíveis, amadurecidos e ativos socialmente.

1.10 Relação família

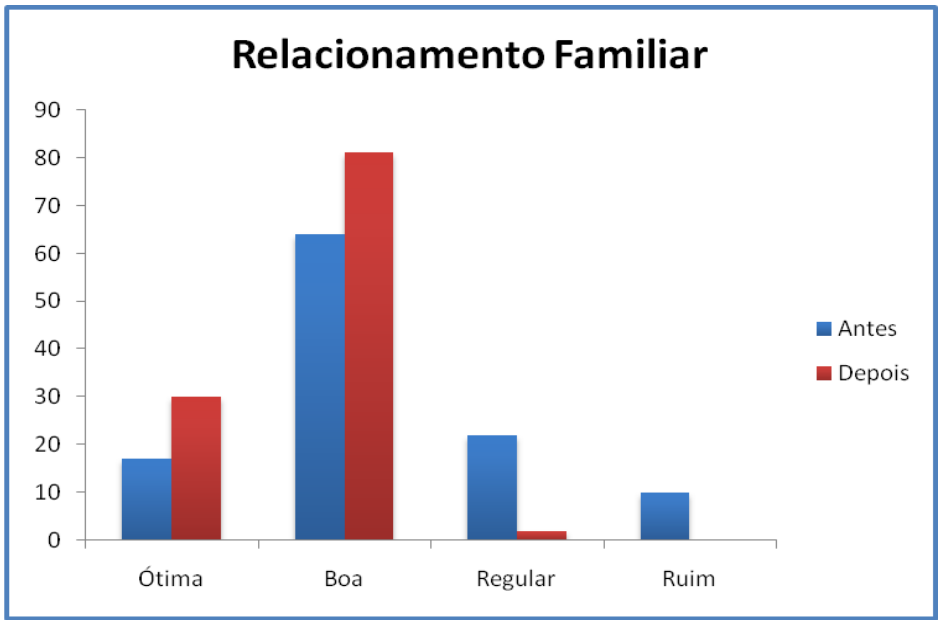


Figura 1.10.1: Gráfico apresenta a relação família dos pesquisados antes e depois da formação do Serta.

Interpretações:

- Anteriormente o relacionamento familiar apresenta quatro pontos em ordem decrescente, indica que o relacionamento era: Bom, regular, ótimo e ruim.

  Posteriormente o relacionamento familiar apresenta três pontos, um a menos, o relacionamento ruim não é mais citado. Em ordem decrescente aparecem as seguintes formas de relacionamento familiar: Bom, ótima e regular. O item Comportamento pessoal, gráfico 1.9.1, Comportamento, pode explicar essa alteração. As pessoas parecem ter tornarem – se mais auto-confiantes, expressivas e isto, certamente, as tornou mais aptas a verbalização de sentimentos e impressões a respeito do que as cerca, facilitando o convívio familial.

1.11 Relação escola

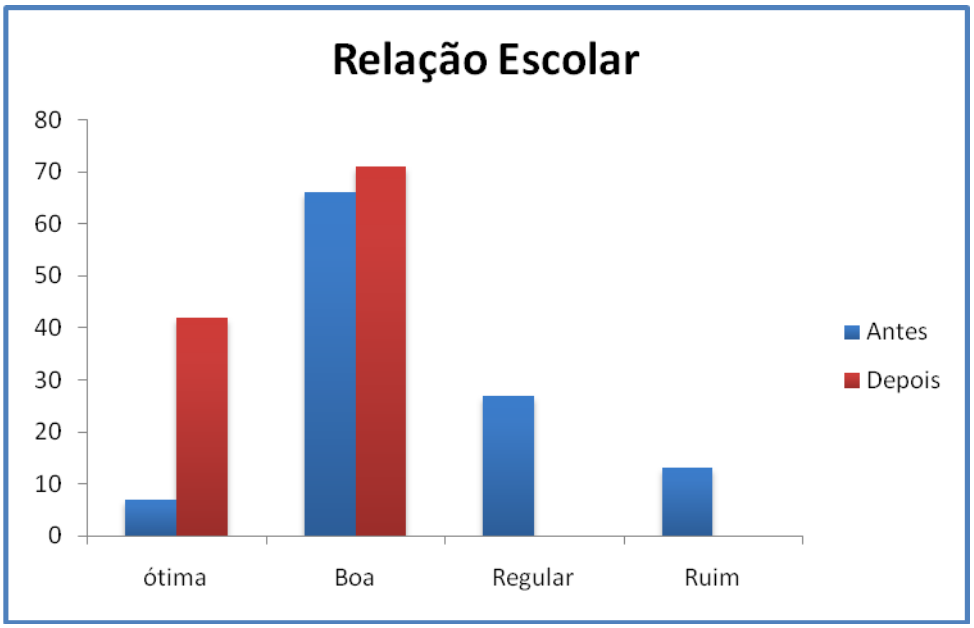


Figura 1.11.1: Gráfico apresenta a relação escolar dos pesquisados antes e depois da formação do Serta.

Interpretações:

- Anteriormente a relação escolar apresenta quatro pontos possíveis, em ordem decrescente: Boa, regular, ruim e ótima.

  Posteriormente apresentam-se apenas dois pontos, em ordem decrescente: Boa e ótima. As relações, regular e ruim saem das citações dando espaço para relações mais positivas e, certamente, mais satisfatórias do ponto de vista do desenvolvimento da aprendizagem. Certamente os resultados apresentados neste gráfico relaciona-se aos apresentados no gráfico 1.9.1, Comportamento.

1.12 Expectativa futuro

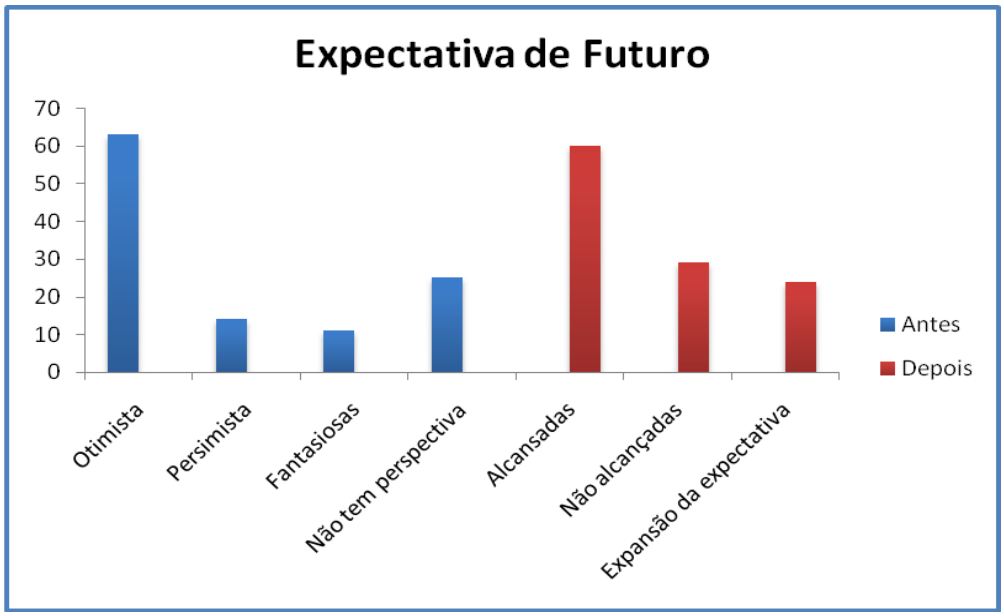


Figura 1.12.1: Gráfico apresenta a expectativa futura dos pesquisados antes e depois da formação do Serta.

Interpretações:

- Anteriormente a expectativa de futuro apresenta quatro pontos, em ordem decrescente: Otimista, sem perspectiva, pessimista e expectativas fantasiosas.

Posteriormente há diminuição de um ponto, em ordem decrescente aparecem: Expectativas alcançadas, não alcançadas e expansão da expectativa, descrita como alcance e enriquecimento da expectativa tida. O quadro sugere dinâmica positiva em relação às expectativas de futuro, em sua maioria, as expectativas não só foram alcançadas como também foram potencializadas, sofreram enriquecimento de valores e especificidades, os aspectos relacionados ao pessimismo e a fantasia ficaram de fora, indicando amadurecimento na relação com a expectativa de futuro.

Pós-fácil e revisão geral (Professora Drª Sônia Pimenta)